



BATTISTI
Perigo,
terrorista
à solta



VIDA DIGITAL
O que muda
com a "computação
em nuvem"



GLEISI HOFFMANN
A nova cara
do governo
Dilma



EXEMPLAR DE
ASSINANTE
VENDA PROIBIDA
R\$ 9,90

Editora ABRIL
edição 2221 - ano 44 - nº 24
15 de junho de 2011

veja

www.veja.com

Ray Kurzweil

Timothy Ferriss

Aubrey de Grey

LONGEVIDADE

OS DONOS DO TEMPO

Os suplementos, as dietas,
os exercícios e os estilos de
vida dos primeiros seres humanos
que estão conseguindo
retardar o relógio biológico

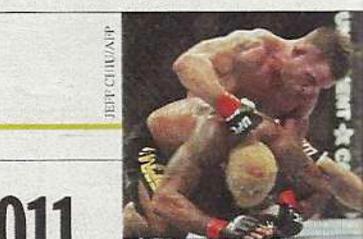
10 MITOS DA VIDA LONGA



COREY ARNOLD

Tim Ferriss: os limites do corpo PÁG. 138

- 116 | **Cidades** O levante dos bombeiros no Rio
- 118 | **Divertimento** Perfil de Shigeru Miyamoto, criador do game Mario Bros.



JEFF CHIU/AP

UFC: NOCAUTE NO BOXE
Em pouco mais de uma década, o Ultimate Fighting Championship (UFC) transformou-se em uma das modalidades esportivas mais populares do planeta. O site de VEJA lista oito motivos que explicam por que esse estilo de luta e seus ídolos tornaram o boxe coisa do passado.
www.veja.com/extras

- 12 | **Carta ao Leitor**
- 17 | **Entrevista** Joaquim Barbosa
- 22 | **Mailson da Nóbrega**
- 39 | **Leitor**
- 52 | **Blogosfera**



SERGIO DUTTI

Barbosa: foro privilegiado é esperteza PÁG. 17



ROBERTO STUCKENRIEDER/PH/LOPFR

Gleisi Hoffmann: a substituta de Palocci PÁG. 68

Panorama

- 55 | **Imagem da Semana**
- 56 | **Datas**
- 58 | **Holofote**
- 60 | **SobeDesce**
- 60 | **Conversa com** Anderson Silva
- 61 | **Números**
- 62 | **Radar**
- 66 | **Veja Essa**



ILUSTRAÇÃO LÍZIO JUNIOR

Ronaldo: "Até breve!" PÁG. 66

Brasil

- 68 | **Governo** A nova cara da administração Dilma
- 72 | **Congresso** Novo senador é investigado por fraude
- 74 | **Ministério** Palocci caiu, mas seus negócios ainda preocupam
- 76 | **Laranja** Quem é Gesmo dos Santos, o fantasma da companhia
- 78 | **STJ** Operação Satiagraha: provas invalidadas livram Daniel Dantas

Economia

- 100 | **Desenvolvimento** Livro analisa cinco desafios na área social
- 108 | **Bancos** Banqueiros falidos podem virar bilionários

Internacional

- 120 | **Estados Unidos** O escândalo sexual da vez
- 122 | **Irã** Agência da ONU diz que o país faz estudos com detonadores de bomba
- 124 | **Portugal** Eleitores escolhem a direita para arrumar a economia
- 126 | **Peru** Os riscos da eleição de Humalla

Geral

- 82 | **Família** O guarda-roupa ousado das jovens que inquieta os pais
- 92 | **Vida digital** A Apple entra com força na era da computação em nuvem
- 110 | **Gente**
- 114 | **Justiça** As barbeiragens do STF no caso do terrorista Cesare Battisti

veja.com

FOTOS

O vulcão Puyehue, no Chile, entre as imagens da semana



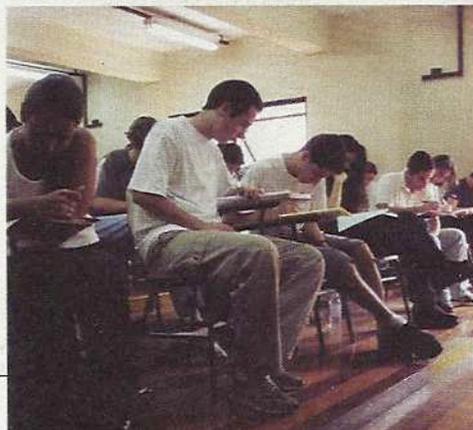
AFP

PREPARE-SE PARA O ENEM 2011

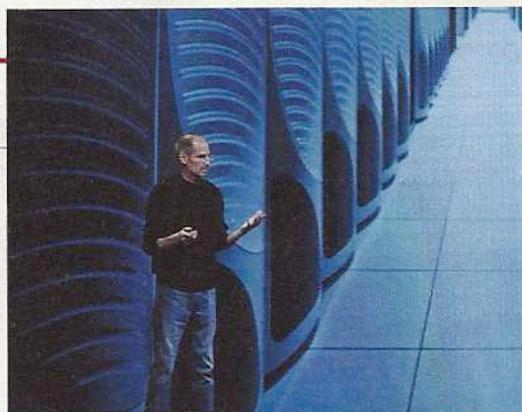
O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2011 acontece nos dias 22 e 23 de outubro e deve atrair quase 6 milhões de candidatos, 1,5 milhão a mais que no ano passado. A avaliação é importante porque muitas das melhores universidades públicas do país utilizam as notas do Enem no processo de seleção de seus alunos — como as instituições de ensino superior federais (todas as 59 unidades do país deverão aderir) e algumas estaduais. Em certos casos, o desempenho do Enem substitui integralmente o vestibular.

No site de VEJA:

- Manual do candidato: o que é preciso fazer na véspera e no dia da prova
- Mapa: as universidades federais e estaduais que utilizam o exame em seus vestibulares
- Guia: os assuntos mais abordados nos anos anteriores
- Vídeo: como fazer uma boa redação, segundo professor do Anglo
- Lista: cinco boas razões para fazer a prova



JOAO WAINER/FOLHA IMAGENS



© HENGINHUAZUM/PIRELLA

*Steve Jobs:
a Apple nas
nuvens* PÁG. 92

- 132 | **Educação** As lições do jovem cientista na internet atraem milhões
- 137 | **Betty Milan**

Especial

- 138 | **Longevidade** A geração que não envelheceu
- 140 | O homem de 1 000 anos
- 146 | O homem transcendente
- 150 | O homem-laboratório
- 152 | Dez mitos da longa vida

Guia

- 156 | **Decoração** Revestimentos de parede tornam a casa mais interessante

*Tapas &
Beijos:
renovação
na sitcom
nacional*
PÁG. 160



LARILSON SANTOS

EDITADO POR KÁTIA PERIN kperin@abril.com.br

■ TABELA PERIÓDICA

A tabela periódica ganhou dois acréscimos na semana passada. O site de VEJA mostra sua evolução no tempo — e a fascinante história dos elementos.

■ DIREITA FRANCESA

Com a saída do socialista Dominique Strauss-Kahn da corrida presidencial na França, a grande beneficiada será a ultradireitista Marine Le Pen. Em entrevista ao site de VEJA, Marine defende com naturalidade propostas inviáveis como o fim da União Europeia e até da globalização.



BEN EDWARDS/GETTY IMAGES

■ PRESSÃO SOB CONTROLE

Roberto Kalil Filho, diretor do centro de cardiologia do Hospital Sírio-Libanês, de São Paulo, médico da presidente Dilma Rousseff, explica em vídeo por que perder peso, em muitos casos, já é suficiente para manter a pressão alta sob controle e quais são os hábitos que o hipertenso deve mudar para livrar-se desse mal.

OUVIDOS NA REDE

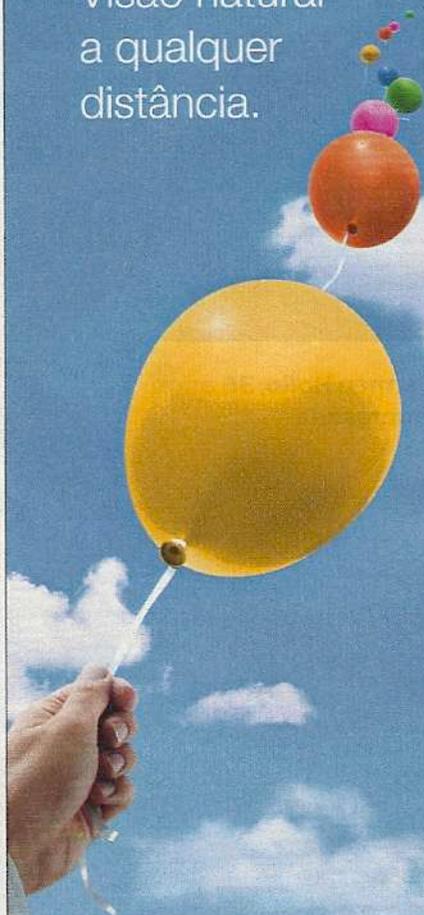
A internet está obrigando as gravadoras a trabalhar de forma diferente. Não apenas para fazer frente à pirataria, mas também para acompanhar os artistas que surgem na rede. E contratá-los antes da concorrência,

é claro. Descubra como as grandes empresas buscam talentos na internet, fonte que em alguns casos já responde por 20% dos novos nomes contratados. Ídolos atuais como Luan Santana, da Som Livre, e Mallu Magalhães, da Sony, chegaram ao grande público dessa forma.

MICHEL FILLIO AG. O GLOBO



Visão natural a qualquer distância.



Lentes Varilux®

O olho humano focaliza objetos a qualquer distância, mas com os anos essa precisão diminui, principalmente para ler de perto. Por isso, a Essilor investe sua experiência e seu conhecimento sobre o funcionamento do olho para desenvolver novas gerações de lentes que se adaptam à sua fisiologia como nenhuma outra, fazendo com que o olho e a lente se tornam um só. Conheça as lentes Varilux®, disponíveis também com as tecnologias fotossensível Transitions® e anti-reflexo Crizal®. Acesse o site e localize a loja Varilux® Especialista mais perto de você.



Exija o Certificado de Autenticidade das suas lentes.



Com anti-reflexo Crizal®, a marca Varilux® aparece ao embasar a lente.

VARILUX®
Natural Vision. Forever.

SAC 0800 727 2007 | www.varilux.com.br

Fora da curva



EDUARDO KINIPPOL/HAPPRESS

Os brasileiros devem aos integrantes da Polícia Federal, nos últimos anos, o desbaratamento de perniciosas quadrilhas especializadas na dilapidação do patrimônio público. Profissional e eficiente, a PF tem estado ao lado das luzes em um país que precisa delas tanto quanto do ar que respiram seus habitantes. Em 2005, os policiais federais encarregados da Operação Curupira prenderam uma quadrilha que vivia da extração e comércio ilegal de madeira na Amazônia, produzindo a primeira inflexão positiva na luta ambiental na região. No ano seguinte, a Operação Sanguessuga desmantelou um grupo que enriquecia com o desvio de dinheiro público destinado à compra de ambulâncias, trabalho que levou ao indiciamento de dezenas de deputados federais, senadores e ex-parlamentares. A Operação Navalha, de 2007, cortou a linha ilegal que alimentava corruptos com dinheiro de obras públicas. No mesmo ano, a Operação Hurricane abriu uma fresta no fechado mundo do Judiciário e, pela primeira vez, prendeu juízes e desembargadores que vendiam sentenças.

Nesse cenário de sucesso, surgiu como “fora da curva”, nas palavras de um dos mais altos dirigentes da Polícia Federal, uma operação de 2008 batizada de Satiagraha e que se vendia como um divisor de águas na condução de investigações policiais no Brasil, com o enquadramento, inédito, de um banqueiro, no caso o baiano Daniel Dantas, do Opportunity. VEJA se espantou com o fato de a operação ter sido desfechada sem o conhecimento do diretor-geral da PF e com os “julgamentos apressados e convulsões ideológicas” do delegado responsável pela investigação. “O resultado do amadorismo e da incompetência do trabalho policial será, provavel-

As operações da PF são, em geral, eficientes. Por isso a Satiagraha chamou tanta atenção

mente, a impunidade de Dantas (...). Uma pena”, registrou a Carta ao Leitor.

Uma reportagem desta edição relata que, na semana passada, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) considerou ilegal a operação comandada pelo delegado Protógenes Queiroz, hoje deputado federal, eleito com a sobra dos votos dados ao palhaço Tiririca em São Paulo. Ao justificar sua decisão, o STJ observou que “a Operação Satiagraha violou os princípios constitucionais da impessoalidade, da legalidade e do devido processo legal”. Como consequência, também foi anulada a condenação do banqueiro Daniel Dantas.

Os jornalistas não sabem fazer investigações policiais. Mas podem criticá-las. O jornalismo é um dos pilares da democracia, papel que exerce na cobrança de prestação de contas pelos donos do poder, o que na Grécia clássica foi definido de maneira bela e exata: “Só alguns poucos cidadãos ascendem na hierarquia oficial a ponto de terem o poder de tomar decisões e fazer políticas públicas — mas todos podem criticá-las”. Foi o que VEJA fez, nadando, então, contra a maré de entusiasmo pela Satiagraha e antevendo seus ruinosos resultados. Registre-se que a própria Polícia Federal já havia se dado conta da estranheza da operação, tendo afastado o delegado Protógenes e encomendado novo relatório a um profissional competente. Mas os desvios originais eram tantos e tamanhos que o STJ não teve outra escolha senão anular o processo, deixando impunes suspeitos que, não fosse a “operação fora da curva”, poderiam ter sido penalizados.

Político não pega cadeia

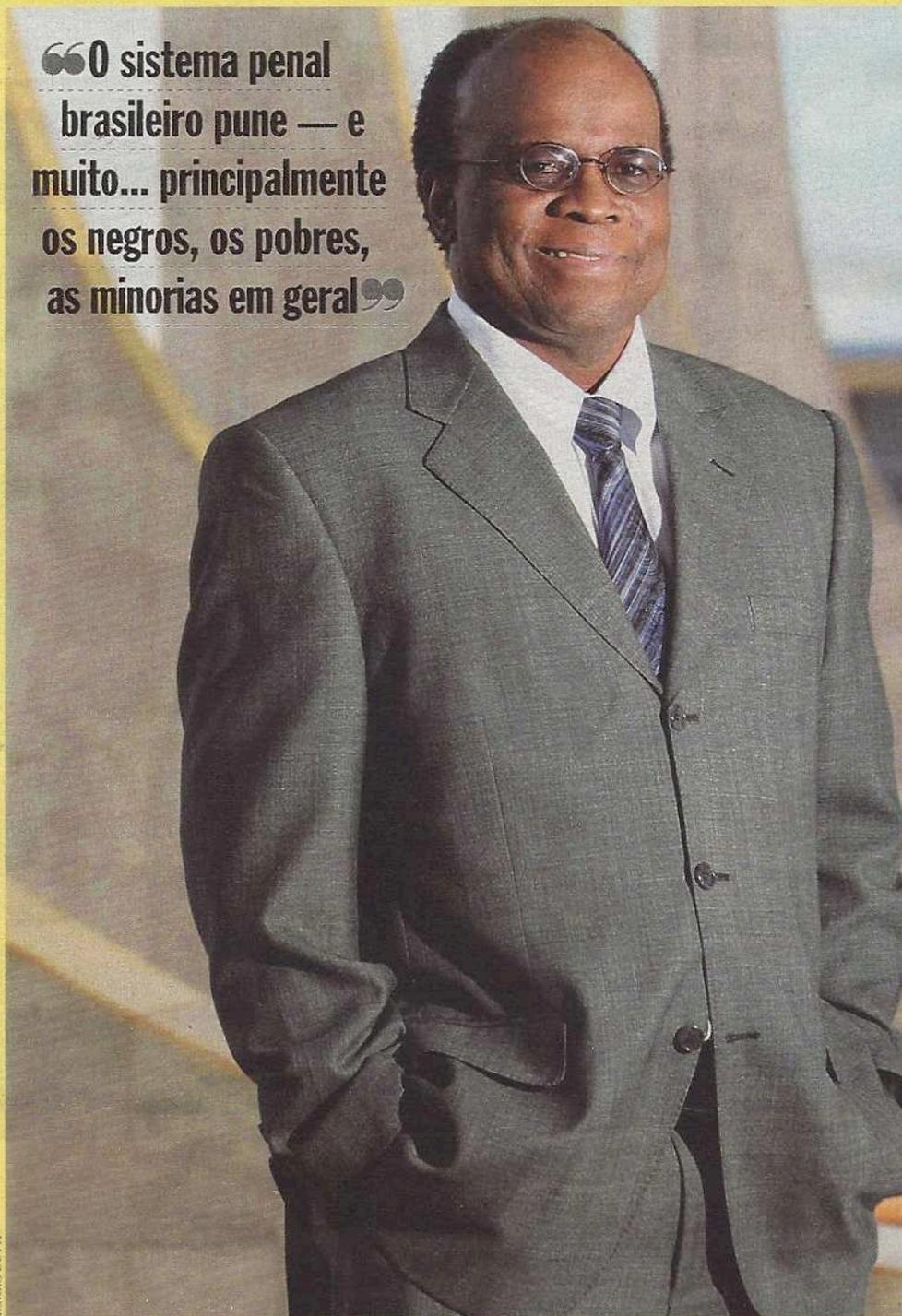
O relator do mensalão no STF descreve o foro privilegiado para parlamentares como “a racionalização da impunidade” e diz que é “patético” a Justiça ter quatro instâncias

Nos últimos seis meses, o ministro Joaquim Barbosa, do Supremo Tribunal Federal, perdeu 9 quilos. Ele cortou as massas e aumentou a quantidade de verduras no prato — em mais uma tentativa de arrefecer as dores na coluna, problema de saúde que o persegue há anos. Aos 56 anos de idade, o ministro também carrega sobre os ombros a pesada responsabilidade de relatar o processo do mensalão — o maior escândalo de corrupção da história brasileira, que tanto pode levar para a cadeia figurões da política, o que seria um fato inédito, como também pode ajudar a consolidar o descrédito na Justiça, confirmando a máxima de que poderosos e prisioneiros percorrem caminhos paralelos. Em entrevista a VEJA, Joaquim Barbosa, que deve assumir a presidência da Corte no fim do ano que vem, se diz formalmente impedido de comentar o caso do mensalão. Por outro lado, o ministro deixa clara a sua preocupação com as barreiras criadas pela própria legislação brasileira com o objetivo, segundo ele, de inviabilizar a punição de políticos corruptos.

O protagonismo do STF dos últimos tempos tem usurpado as funções do Congresso? Temos uma Constituição muito boa, mas excessivamente detalhista, com um número imenso de dispositivos e, por isso, suscetível a fomentar interpretações e toda sorte de litígios. Também temos um sistema de jurisdição constitucional, talvez único no mundo, com um rol enorme de agentes e instituições dotadas da prerrogativa ou de competência para trazer questões ao Supremo. É um leque considerável de interesses, de visões, que acaba causando a intervenção do STF nas mais diversas questões, nas mais diferentes áreas, inclusive dando margem a esse tipo de acusação. Nessas decisões não deveriam passar de

“O sistema penal brasileiro pune — e muito... principalmente os negros, os pobres, as minorias em geral”

SERGIO DUTTI



200, no máximo 300 por ano. Hoje, são analisados 50 000, 60 000 processos. É uma insanidade.

Qual é a consequência direta dessa sobrecarga? O pouco tempo de que dispomos para estudar e refletir sobre as questões verdadeiramente importantes, como anencefalia, ficha limpa, células-tronco, homoafetividade, regime de cotas raciais na educação. Estes, sim, são casos apropriados para uma Corte como o Supremo Tribunal Federal. Hoje, consumimos boa parte do nosso tempo julgando ações que não precisariam chegar aqui.

O senhor pode dar um exemplo? Julguei um caso de um homem que foi processado criminalmente porque deu um chute na canela da sogra. Ele foi condenado e ingressou com um habeas corpus que veio parar aqui. Parece brincadeira, mas isso é recorrente.

Há vários diagnósticos sobre o tema. Para o senhor, por que a Justiça no Brasil é tão lenta? Os processos demoram muito porque as leis são muito intrincadas, malfeitas. As leis não foram pensadas para dar solução rápida aos litígios. É um problema cultural, de falta de sentido prático para resolver as coisas. Deveríamos nos espelhar um pouco na Justiça americana, na rapidez com que ela resolve a maioria dos casos. Se um sistema judiciário não dá resposta rápida às demandas de natureza econômica, de natureza criminal, ele produz evidentemente uma descrença, um desânimo, que atingem a sociedade como um todo, inibindo investidores e empreendedores.

Essa percepção vem do exercício da magistratura? O país atravessa um excelente momento econômico. Tenho amigos no exterior que dizem que há muita gente querendo investir no Brasil. Ao chegarem aqui, porém, essas pessoas depararam com um emaranhado de problemas de ordem legal, que vai da emissão do visto de permanência à criação de uma empresa. São muitos os obstáculos.

“O foro privilegiado foi uma esperteza que os políticos conceberam para se proteger. Um escudo para que as acusações formuladas contra eles jamais tenham consequências. Isso foi feito de maneira proposital”

Esse emaranhado legal também está entre as causas da impunidade? A Justiça solta porque, muitas vezes, a decisão de prender não está muito bem fundamentada. Os elementos que levaram à prisão não são consistentes. A polícia trabalha mal, o Ministério Público trabalha mal. Na maioria dos casos que resultam em impunidade, é isso que ocorre. Por outro lado, o sistema penal brasileiro pune — e muito... principalmente os negros, os pobres, as minorias em geral. Às vezes, de maneira cruel, mediante defesa puramente formal ou absolutamente ineficiente.

O senhor concorda, então, com a ideia generalizada de que os poderosos não vão para a cadeia? O foro privilegiado, como o nome já diz, reflete bem essa distinção cruel que não deveria existir. Uma vez eu chamei atenção para isso aqui no plenário do tribunal. Você se lembra quando o presidente Bill Clinton foi inquirido pelo Grand Jury? O que é um Grand Jury nos Estados Unidos? Nada mais que um órgão de primeira instância, composto de pessoas do povo. Era o presidente dos Estados Unidos comparecendo perante esse

júri, falando sob juramento, sem privilégio algum. O homem mais poderoso do planeta submetendo-se às mesmas leis que punem o cidadão comum. O foro privilegiado é a racionalização da impunidade.

Como assim? A criação do foro privilegiado foi uma aposta que se fez na impossibilidade de os tribunais superiores levarem a bom termo um processo judicial complexo. Pense bem: um tribunal em que cada um dos seus componentes tem 10 000 casos para decidir, e cuja composição plenária julga questões que envolvem direitos e interesses diretos dos cidadãos, pode se dedicar às minúcias características de um processo criminal? Não é a vocação de uma corte constitucional. Isso foi feito de maneira proposital.

Para garantir impunidade? Evidente. O foro privilegiado foi uma esperteza que os políticos conceberam para se proteger. Um escudo para que as acusações formuladas contra eles jamais tenham consequências.

E, pelos exemplos recentes, parece que tem realmente funcionado. Político na cadeia? Vai demorar muito ainda para que se veja um caso. Um processo criminal, por colocar em jogo a liberdade de uma pessoa em única e última instância, tem de ser um processo feito com a máxima atenção. É difícil conciliar esse rol gigantesco de competências que o Supremo tem com a condução de um processo criminal. Coordenar a busca de provas, determinar medidas de restrição à liberdade, invasivas da intimidade, são coisas delicadíssimas.

Esse raciocínio que o senhor acaba de fazer se aplica ao caso do mensalão? Não vou falar sobre isso. Esse é um processo que está em andamento, está sob os meus cuidados e, por isso, estou impedido de falar sobre ele.

O senhor é o primeiro ministro negro do STF. Qual é a sua opinião sobre as políticas afirmativas? Em breve, o Supremo vai se posicionar sobre a questão das

cotas raciais. Não posso me antecipar sobre um tema que ainda está sob análise. O que posso dizer é que existem experiências bem-sucedidas no mundo, mas isso não significa necessariamente que a receita possa ser copiada no Brasil. Não é um tema simples, mas é extremamente relevante.

O senhor concorda com a forma como são escolhidos os ministros das cortes superiores? Não é o sistema ideal, mas não vislumbro outro melhor. Há os que criticam essa prerrogativa do presidente da República, mas acho que ele carrega consigo representatividade e legitimidade para isso. Qual seria a alternativa a esse sistema? A nomeação pelo Congresso? Seguramente essa alternativa teria como consequência inevitável o rebaixamento do Supremo a um cabide de emprego para políticos sem voto, em fim de carreira, como ocorre com o Tribunal de Contas da União. Muita gente defende que se deva outorgar a escolha ao próprio Judiciário. Mas, com certeza, essa também não seria uma alternativa eficaz. Um corporativismo atroz se instalaria. Talvez, como ideia, poderíamos pensar em estabelecer um prazo fixo para o mandato dos ministros dos tribunais superiores.

Quais seriam os méritos dessa ideia de encurtar a vida útil dos ministros? É sempre uma aventura institucional mudar subitamente a forma de funcionamento de um órgão que já tem 120 anos de vida e que, bem ou mal, é a mais estável das nossas instituições. Mas penso que pode haver ganhos no estabelecimento de mandatos, com duração fixa, de doze anos, por exemplo, sem renovação. Mandatos curtos trariam insegurança e suscitariam a discussão sobre a possibilidade de renovação, o que não seria bom.

Da maneira como é feita hoje, a escolha dos ministros pelo presidente da República não leva a um comportamento submisso ao Executivo? No Brasil de hoje não vejo nenhuma submissão do Judiciário ao Executivo. Nenhuma,

“Os processos demoram porque as leis são malfeitas. Um sistema que não dá resposta rápida provoca descrença na sociedade como um todo. Deveríamos nos espelhar na Justiça americana”

O Judiciário brasileiro tem todas as garantias, todas as prerrogativas para ser um dos mais independentes do mundo. Nem mesmo os Estados Unidos contam com as nossas prerrogativas. As garantias da Constituição mudaram radicalmente a face do Poder Judiciário, que saiu de uma situação de invisibilidade, antes de 1988, para essa enorme visibilidade atual. O problema do Judiciário é de outra ordem, é organizacional, no plano da lei. Falta ousadia, falta coragem de propor mudanças que tornem a prestação jurisdicional mais rápida e pragmática.

A Justiça é tarda e falha no Brasil por quais razões? É absurdo um sistema judiciário que conta com quatro graus de jurisdição! Deveriam ser apenas duas instâncias, como é no mundo inteiro. Essas instâncias favorecem o excesso de recursos. Faz sentido em um país do tamanho do Brasil ter um sistema judicial em que tanto a Justiça Federal quanto a Justiça dos estados tenham como órgãos de cúpula das suas decisões duas cortes situadas na capital federal, uma com onze ministros e outra com 33? Bastaria uma. Em vez de termos duas cortes superiores

para a Justiça comum, o Supremo e o Superior Tribunal de Justiça, em Brasília, poderíamos ter pequenas cortes, de no máximo sete juízes, em cada estado. Uma estrutura mínima que pulverizaria o trabalho do Superior Tribunal de Justiça. Só viriam para o Supremo os processos que tratassem de questões verdadeiramente constitucionais. Essa seria a maneira correta de o sistema funcionar.

Então o senhor é a favor da proposta que prevê a execução imediata das decisões judiciais após o pronunciamento dos tribunais de segunda instância? O Brasil precisa urgentemente de um sistema judicial que dê respostas rápidas às demandas do cidadão por Justiça. Repito: não há como obter essas respostas rápidas com um sistema judicial com quatro graus de jurisdição. Isso é patético! Eu desafio qualquer um a me apontar uma única democracia minimamente funcional em que sejam necessárias quatro instâncias, que permitam dezenas de recursos, para que as decisões dos juízes, por mais singelas que sejam, tenham efetividade.

O governo pretende flexibilizar a legislação para facilitar as compras e contratações para as obras da Copa do Mundo. Assunto que, provavelmente, vai acabar ocasionando um processo no STF. O que o senhor acha dessa saída? Sou contra abrir exceções para a Fifa. A Fifa é uma organização privada, que não presta contas a ninguém. Eu adoro futebol, mas as exigências que estão sendo feitas pela Fifa para organizar o Mundial no Brasil me parecem exorbitantes. Esse é mais um caso que não precisaria chegar ao Supremo.

O STF confirmou na semana passada, inclusive com o voto do senhor a favor, a legalidade da decisão do ex-presidente Lula de não extraditar o terrorista Cesare Battisti. O Brasil não corre o risco de virar refúgio de criminosos? O que tenho a dizer sobre este caso está detalhado no meu voto. Não tenho nada a acrescentar. ■



A ascensão da China

A China é o maior fenômeno econômico da história. Nenhum outro país cresceu por trinta anos seguidos (1980-2010), à taxa média de 12% ao ano. Em 2010, ela se tornou a segunda maior economia do mundo. Ainda nesta década poderá ser a primeira.

Por aqui, esse êxito é explicado por teses simplistas. Decorreria de taxas de câmbio valorizadas, de políticas industriais ou da ação de empresas estatais. Na verdade, o sucesso chinês tem raízes mais amplas, profundas e provavelmente duradouras.

A China despertou de um longo declínio, que começou por volta do século XV, quando Portugal e Espanha se lançavam na aventura ultramarina. Na época, ela representava cerca da metade da economia mundial. Em 1800, em plena Revolução Industrial inglesa, a China ainda respondia por 33% da produção mundial de manufaturados (28% na Europa e apenas 0,8% nos Estados Unidos).

A educação é central no êxito da China. Três de suas universidades já estão entre as 100 melhores do mundo. O plano é incluir duas entre as vinte mais prestigiadas

“A China evoluiu da tribo para o estado organizado muito antes do Ocidente. Francis Fukuyama diz que o estado chinês foi fundado por Ying Zheng (259-210 a.C.). Possuía um exército que fazia cumprir a lei e uma burocracia profissional que arrecadava tributos. Pesos e medidas uniformes eram obrigatórios. O setor público construía a infraestrutura de estradas, canais e sistemas de irrigação.

Nos séculos XIX e XX, a China foi ocupada por potências estrangeiras. No período comunista, a expansão da educação se interrompeu e muitas universidades foram fechadas. Políticas desastrosas de Mao, como a de produzir aço a qualquer custo, e a insana Revolução Cultural aceleraram o declínio.

A reversão começou em 1978 com Deng Xiaoping, que restabeleceu a prioridade à educação, acolheu o investimento estrangeiro, privatizou empresas estatais e permitiu ampla participação do setor privado na economia. No ensino superior, foram adotados os modelos britânico e americano.

A partir de 1997, o ensino experimentou forte internacionalização. Em 2007, o relacionamento educacional alcançava 188 países e regiões. Em 2008, 180.000 chineses estudavam fora (39.000 em 2000). No período, 420.000 frequentaram cursos superiores no exterior. As reformas econômicas aumentaram o retorno propiciado pela educação.

A educação é central no êxito da China. Três de suas universidades já estão entre as 100 melhores do mundo. O plano é incluir duas delas entre as vinte mais prestigiadas. Em 2010, alunos do ensino médio da província de Xangai obtiveram o primeiro lugar nas provas de leitura, matemática e ciência do Pisa.

A ciência e a tecnologia são parte do processo. Neste ano, a China investirá em pesquisa e desenvolvimento 154 bilhões de dólares. Ultrapassará o Japão (144 bilhões de dólares) e ficará atrás apenas dos Estados Unidos (405 bilhões de dólares). Em 2010, conforme mostrou Cláudio Frischtak, a China solicitou 12.300 patentes internacionais, 25 vezes mais do que o Brasil (era quatro vezes em 2000). Em 2008, enviou um astronauta ao espaço e planeja colocar outro na Lua em vinte anos.

Na política externa, os diplomatas chineses concluíram que o país não podia (nem deveria) desafiar tão cedo a dominância global dos Estados Unidos. Ao contrário, a estratégia foi a de cooperação com os americanos, a melhor fonte de tecnologia, investimento e demanda por seus produtos. Buscava-se a “ascensão pacífica”. Algo muito diferente do antiamericanismo da diplomacia petista.

A China escolheu o modelo de desenvolvimento fundado na exposição de suas empresas à competição internacional, que já havia dado certo no Japão, na Coreia do Sul e em Taiwan. Era o oposto da estratégia de economia fechada do Brasil. O comércio exterior saltou de 18,8% em 2000 para 56,7% do PIB em 2010 (23,1% no Brasil).

O êxito chinês combina múltiplos fatores: educação, ciência, tecnologia, economia aberta e orientada pelo mercado, elevados investimentos em infraestrutura, empreendedorismo e pragmatismo diplomático, para citar os mais relevantes.

Lula afirmou que o século XXI seria o do Brasil. Está mais para ser o da China, salvo os riscos de uma futura abertura democrática. O Brasil pode ganhar ou perder com a ascensão da China. Depende de como enfrentemos as deficiências da educação e retomemos as reformas, interrompidas nos últimos oito anos.

veja

Às Suas Ordens

ASSINATURAS

Vendas

Internet: www.assineabril.com
● Ligue grátis: 0800-7752828
● Grande São Paulo:
(11) 3347-2121

De segunda a sexta, das 8h às 22h. Sábado, das 9h às 16h.

Serviço de Atendimento ao Cliente (SAC) (Consultar dados da sua assinatura, comunicar alteração de endereço, tirar dúvidas sobre pagamento ou entrega, renovação e outros serviços)

Internet: www.abril.com.br
● Ligue grátis: 0800-7752121
● Grande São Paulo:
(11) 5087-2121

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens de VEJA, acesse:

www.conteudoexpresso.com.br

ou ligue para: (11) 3089-8853.

PARA ANUNCIAR

ligue (11) 3037-5748/4610

e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

PROGRAMA VEJA NA SALA DE AULA

Para conhecer melhor: www.vejanasalaaula.com.br

Para assinar

ligue grátis:
0800-7752828

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121

De segunda a sexta, das 8 às 20 horas.
Sábado, das 9 às 16 horas.



NA INTERNET

<http://www.veja.com>



TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco

Editor: Roberto Civita

Presidente Executivo: Jairo Mendes Leal

Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Elda Müller, Giancarlo Civita, Jairo Mendes Leal, José Roberto Guzzo, Victor Civita

Diretor de Assinaturas: Fernando Costa

Diretor Digital: Manoel Lemos

Diretor Financeiro e Administrativo: Fábio d'Ávila Carvalho

Diretora-Geral de Publicidade: Thais Chede Soares

Diretor-Geral de Publicidade Adjunto: Rogerio Gabriel Comprido

Diretora de Recursos Humanos: Paula Traidi

Diretor de Serviços Editoriais: Alfredo Ogawa

Diretor Comercial e Administrativo: Claudio Ferreira

veja

Diretor de Redação: Eurípedes Alcântara

Redator-Chefe: Mario Sabino

Editores Executivos: Carlos Graieb, Fábio Altman, Isabela Boscov, Jaime Klintonowicz, Thais Oyama, Vilma Gryzinski **Editores:** Diogo Xavier Scheip, Fábio Portela Savietto, Felipe Paury, Giuliano Guandalini, Jerônimo Teixeira, Julio Cesar de Barros, Juliana Linhares, Karina Pastore, Mario Mendes, Okky de Souza, Otávio Cabral **Editor Especial:** Lauro Jardim **Subeditores:** Gabriela Carelli, Marcelo Marthe **Editor Assistente:** Eduardo Graciosi Teixeira **Repórteres:** Adriana Dias Lopes, Alexandre Salvador, Ana Claudia Fonseca, Bruno Meier, Daniela Macedo dos Santos, Fernando Mello, Filipe Vilicic, Gabriella Sandoval, Kalleo Coura, Laura Diniz, Laura Ming, Leonardo Coutinho, Luis Guilherme Barrucho, Marcelo Sakate, Mariana Lemos Amaro, Ricardo Westin, Sérgio Martins **Sucursais:** *Belém* - Júlia de Medeiros *Brasília* - **Chefe:** Polícarpo Junior **Editor:** Rodrigo Rangel **Repórteres:** Daniel Pereira, Gustavo Ribeiro, Hugo Cesar Marques, Paulo Celso Pereira *Porto Alegre* - Igor Paulin *Rio de Janeiro* - **Chefe:** Monica Weinberg **Editora:** Malu Gaspar **Repórteres:** Renata Betti, Sandra Brasil *Nova York* - **Correspondente:** André Petry **Checadores** - **Chefe:** Rosana Agrella Silveira, Ana Paula Manzali, Andressa Tobita, Letícia Lamas Pereira, Simone Aparecida Costa **Fotografia** - **Editora de Fotografia:** Gilda Castral **Coordenadores:** Alexandre Reche, Ismael Carmino Canosa **Fotógrafo:** *Rio de Janeiro* - Oscar Cabral **Pesquisa:** Paulo José Bianchi (coordenador), Ana Paula Galisteu, Gilson de Souza Passos **Diretor de Arte:** Carlos Neri **Editor de Arte:** Reinaldo Antunes de Moura **Designers:** Daniel Marucci, Eduardo Luaghin Junior, Leonardo Elchinger, Marcos Vinicius Rodrigues, Mario José Carvalho, Tadeu Nogueira **Infografia** - **Editora:** Andreia Caires **Infografistas:** Adriano Pádua Pidão, Alexandre Akermann, Ewerton dos Santos Gondari, Wander Moreira Mendes **Produção Editorial:** Supervisores de **Editoração/Revisão:** Clara Baldrai, Felice Morabito, Jô de Melo, Marcos Prestes **Secretários de Produção:** Ana Faustino, Júlio Yamamoto, Shirley Souza Sodré, Vera Fedtschenko **Coordenadores:** Marcelo Silvestre dos Santos, Marco Antonio Alvarez Salvador, Ricardo Horvar Leite **Revisão:** André Luís Porto Araújo, Célia Regina Arruda, Célia Regina Rodrigues de Lima, Elvira Gago, Marina de Souza, Sergio Campanella, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Tratamento de Imagem:** Danilo Antonio Ferreira **Preparadores Digitais:** Aline Senna Chagas, Eduardo Henrique Conde Salomão, Edval Moreira Vilas Boas, Lucas Franco de Godoy, Oliveira Figueiredo Jr., Ricardo Ferrari, Roberta de Donno, Rubens A. Melo de Paula, Sílvio Felix **Atendimento ao Leitor:** Eduardo Tedesco **Colaboradores:** Augusto Nunes, Claudio de Moura Castro, Diogo Mainardi, Lya Luft, Malflon da Nobrega, Reinaldo Azevedo, Ricardo Serti e Roberto Pompeu de Toledo **Estagiários:** André Eler, Bruno Stuppello, Carolina Melo, Érico Haruo Oyama, Gabriel de Lira Fernandes, Helena Borges dos Santos Dias (Rio), Julia Carvalho, Paula Lopes dos Santos, Tarima Marques Nistal **VEJA.COM** - **Editores:** Karla Perin (chefe), Benedito Sverber, Cláudia Ribeiro, Daniel Jelin, Ferdinando Casagrande, Fernando Guimarães, Giancarlo Lepiani, Jadyr Magalhães Pavão Jr., Jones Rossi, José Eduardo Lima, Mariana Almeida, Rafael Sbarai, Raquel Hoshino **Editores Assistentes:** Branca Nunes, Carolina da Gama Farina, Gabriel Falcone, James Rezende Valle, Mirella D'Elia, Polyane Lima e Silva, Renata Honorato **Repórteres:** Adriana Calitano, Ana Clara Costa, Aretha Yarak, Beatriz Ferrari, Bruno Abdud, Carlos Eduardo Jorge, Carolina Freitas, Cecília Araújo, Domitília Becker, Fernando Barros de Mello, João Vitor Leal, Marco Túlio Pires, Maria Carolina Maia, Mariana Paschoal, Nana Queiroz, Natália Cuminale, Nathalia Goulart, Patrícia Spier, Paula Reverbel, Rafael Correa, Rodrigo Levino, Sílvio Nascimento **Editor de Arte:** Alexandre Hoshino **Editor de Fotografia:** Alexandre Belém **Analista SEO:** Adriano Ramos de Oliveira **Webmasters:** Caroline Rozendo, Ester Angélica de Azevedo, Lucas Dantas **Webdesigners:** Andre Fuentes, Igor Queiroz, Luciana Martins Souza, Miriam Alves, Sidelci Sobral, Thomaz Rezende, Tiago Maricate **Sucursais:** *Brasília* **Repórteres:** Gabriel Castro, Fernando Exman, Luciana Marques, Ricardo Brito *Rio de Janeiro* - **Editores:** Lucila Soares (chefe), João Marcello Erthal, Paula Neiva, **Repórteres:** Cecília Carvalho Rito, Rafael Lemos Silva, Thiago Prado **Estagiários:** Aline Souza Silva, Beatriz Oliveira de Souza, Davi Correia Vieira, Derick Ribeiro Almeida, Isabela Cristina Barbosa Gregório **Serviços Internacionais:** Aleir N. da Silva (Nova York), Rogério Altman (Paris), Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

SERVIÇOS EDITORIAIS - Apoio Editorial: Carlos Grassetti (Arte), Luiz Ina (Infografia) **Dedoc e Abril Press:** Graco de Souza
Pesquisa e Inteligência de Mercado: Andrea Costa **Treinamento Editorial:** Edward Pimenta

PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores: Marcia Soter, Mariane Ortiz, Robson Monte **Executivos de negócios:** Ana Paula Teiveira, Ana Paula Viegas, Calo Souza, Camilla Dell, Camilla Filhas, Carla Andrade, Cidinha Castro, Claudia Galvão, Cléide Gomes, Cristiano Pessoa, Daniela Serafini, Eliane Pinho, Emilitano Harsen, Fabio Santos, Jary Guimarães, Juliana Vicedomini, Karine Thomaz, Marcelo Almeida, Marcelo Carvalho, Marcelo Bezerra, Marcus Vinicius, Maria Luiza Strohck, Nilo Bastos, Regine Maturano, Renata Mollit, Rodrigo Toledo, Selma Costa, Susana Vieira, Tam Mendes, Virginia Any **PUBLICIDADE DIGITAL Diretor:** André Almeida **Gerente:** Luciano Almeida **Executivos de negócios:** André Borroli, André Machado, Bruno Fabrin Guerra, Camila Barcellos, Elaine Collaço, Fabiola Granja, Flávia Kannebly, Guilherme Bruno de Laca, Guilherme Oliveira, Herbert Fernandes, Laura Assis, Luciana Menezes, Rafael de Camargo Moreira, Renata Carvalho, Renata Simões **PUBLICIDADE REGIONAL Diretores:** Marcos Peregrina Gomez, Paulo Renato Simões **Gerentes:** Andrea Veiga, Cristiano Rysgaard, Edson Melo, Francisco Barbeiro Neto, Ivan Rizenal, João Paulo Pizarro, Ricardo Mariani, Sonia Paula, Vania Passolongo **Executivos de negócios:** Adriano Freire, Aizte Cunha, Beatriz Ottino, Carolina Platinha, Celia Pyramo, Clea Chies, Daniel Empinotti, Gabriel Souto, Henri Marques, Ítalo de Seixas, José Castilho, José Rocha, José Lopes, Juliana Erthal, Leda Costa, Luciene Lima, Pamela Bert Mantua, Paola Dornelles, Ricardo Menin, Rodrigo Scolaro, Samara Sampaio de O. Reijnders **PUBLICIDADE VEJA Diretor:** Alex Foronda **Gerente:** William Hagevoorn **Executivos de negócios:** Adriana Nazari, Alexandre Resende, Alexandre Viola, Carlos Eduardo Marques, Gilson Prado, Marcelo Fernandes, Maria Angélica Gois, Renata Padovani, Vanessa Ferreira, Viviane Martins **Coordenador:** Ailton Sore **DESENVOLVIMENTO COMERCIAL Diretor:** Jacques Baisi Ricardo **INTEGRAÇÃO COMERCIAL Diretor:** Sandra Sampaio **PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES Gerente:** Paulo Rando **Consultora:** Sandra Lahom Wilner **Gerente de Processos:** Adriana Kazan **CLASSIFICADOS Gerente:** Angelica Hamar **Coordenador:** Williams Gomes **MARKETING E CIRCULAÇÃO Marketing Veja e Veja Digital:** Gerente de Marketing: Viviane Palladino **Gerente de Circulação e Marketing Publicitário:** Fabio Luis Gerente de Marketing: Andrea Abelleira **Gerente de Circulação Assinaturas:** Marcia Simone Donha **Gerente de Circulação Avaliador:** Valéria Assato **ASSINATURAS Atendimento ao Cliente:** Clayton Dick **RECURSOS HUMANOS Consultora:** Márcia Pádua

Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 19º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publilbr.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Alfa, Almanaque Abril, Ana Maria, Arquitetura & Construção, Aventuras na História, Box Forma, Bons Flúidos, Bravo!, Capicchio, Casa Claudia, Claudia, Conigo!, Delícias da Caju, Dicas Info, Elle, Esúlo, Exame, Exame PME, Gloss, Guia do Estudante, Guias Quatro Rodas, Info, Lela, Loveteeen, Manequim, Máxima, Men's Health, Minha Casa, Minha Novela, Mundo Estranho, Nacional Geographic, Nova, Placar, Playboy, Publicações Disney, Quatro Rodas, Recreio, Revista A, Runner's World, Saúde, Sou Mais Eu!, Superinteressante, Tildê, Veja, Veja Rio, Veja São Paulo, Vejas Regionais, Viagem e Turismo, Vida Simples, Vip, Viva! Mais, Você RH, Você S/A, Women's Health **Fundação Victor Civita:** Gestão Escolar, Nova Escola

VEJA 2221 (ISSN 0100-7122), ano 44º nº 24. *Veja* é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornalista. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A., Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: UNITED STATES: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Woodside, California 94062; World Media, 19 West 36th Street, New York, New York, 10018, tel.: 1-212-244-5610, fax: 1-212-213-8836; Chamey/Palacios & Co., 5201 Blue Lagoon Drive, Suite 200, Miami, Florida 33126, tel.: 1-786-388-6340, fax: 1-786-388-9113 **JAPAN:** Shinano International, Inc., Akasaka Kyowa Bldg. 2F, 1-6-14, Akasaka, Minato-Ku, Tokyo 107-0052, tel.: 81-3-3584-6420, fax: 81-3-3505-5628 **TAIWAN:** Lewis Int'l Media Service Co. Ltd. Floor 11-14 N°46, Sec. 2 Tun Hua South Road Taipei, tel.: 02-709-8348. **VEJA** is published weekly by EDITORA ABRIL S/A (av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, CEP 02909-900, Brazil). A Yearly subscription abroad costs US\$ 280. Except for Asia the subscription costs US\$ 380. To subscribe call: 55-11-5087-2121, or write to: av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, CEP 02909-900, Brazil.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. av. Otaviano Alves de Lima, 4400, CEP 02909-900, Freguesia do Ó, São Paulo, SP



Presidente do Conselho de Administração: Roberto Civita
Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Vice-Presidentes: Arnaldo Tiberiça, Douglas Duran,
Marcio Ogliaira

www.abril.com.br

Leitor



Assuntos mais comentados

Caso Antonio Palocci

Superfaturamento em obras públicas (capa) ▶

Demóstenes Torres (Entrevista)

Documentário *Quebrando o Tabu* e a guerra às drogas

Artigo de Gustavo Ioschpe

Corrupção em obras públicas

O mercado está saturado e os preços de referência não são mais um alicerce seguro nos processos de contratação. VEJA deixa-me aliviado ao explicitar acordos imorais entre licitantes para arrematar objeto por preço superfaturado. Espero que, depois da reportagem "O raio X da corrupção" (8 de junho), o Ministério Público Federal desmonte esse esquema.

MERION CARVALHO PINHEIRO

Brasília, DF

Cumprindo seu papel de lançar sobre temas até então obscuros seu holofote cidadão, VEJA traz à sociedade o debate da melhor destinação dos recursos públicos, da correta postura dos órgãos fiscalizadores e do necessário engajamento dos contribuintes na construção de um sistema mais confiável, menos corruptível e que previna ardis e inviabilize negociações.

MYCKON WÉRICO FREITAS MACÊDO

Recife, PE

E agora, alguém será punido? Devolverão o dinheiro desviado? Isso nos revolta.

LUIZ RAMOS JUNIOR

São João da Boa Vista, São Paulo

Michelangelo está para a anatomia humana assim co-

mo o jornalista Fernando Mello está para a anatomia da corrupção. A diferença é que o primeiro trabalhou com algo belo e o segundo, com uma coisa horrorosa e nojenta.

DJANIRA LUCAS CARNEIRO DE SOUZA

Unaí, MG

Desculpem-me os eleitores que votam com dignidade e respeitam o país, mas infelizmente existem brasileiros que vendem seus preciosos votos por miséria e elegem "bandidos" que ficam impunes.

OLGA MARIA NEGREIROS LYRIO SESSA

Vitória, ES

A Odebrecht esclarece que, nas obras referidas do Aeroporto Santos Dumont, coube ao consórcio liderado por ela e composto das empresas Carioca e Construcap executar a mudança determinada pela Infraero em relação ao projeto original, que previa no conector de passageiros uma construção convencional, com

vidros planos e teto coberto por telhas. A decisão ocorreu após exigências do Inepac e do Iphan, que condicionaram as autorizações para a realização das obras à não interferência do conector na visibilidade da Baía de Guanabara, a partir da sala de espera e do saguão do aeroporto. Diante dessas exigências, a solução foi alterar o projeto e passar a empregar os vidros curvos, que, além de possibilitar um projeto arquitetônico que propicia maior visibilidade, promovem maior conforto térmico e acústico aos passageiros. Diante do esclarecido, fica evidente que não houve nenhuma irregularidade na execução do projeto.

ANTONIO CARLOS DE FARIA

Diretor de comunicação

Odebrecht Infraestrutura

São Paulo, SP

A capa da edição 2220 causou repulsa no mundo animal. Os ratos, indignados, não aceitam comparação com as graúdas ratazanas que vivem da corrupção.

No mundo animal existe temor de eles serem apanhados pelas antigas ratoeiras, ao contrário das ratazanas que zombam das leis e nem sequer sonham com uma cela.

LARRY BELTRAME

Porto Alegre, RS



GENILSON ARAUJO/AG. O GLOBO

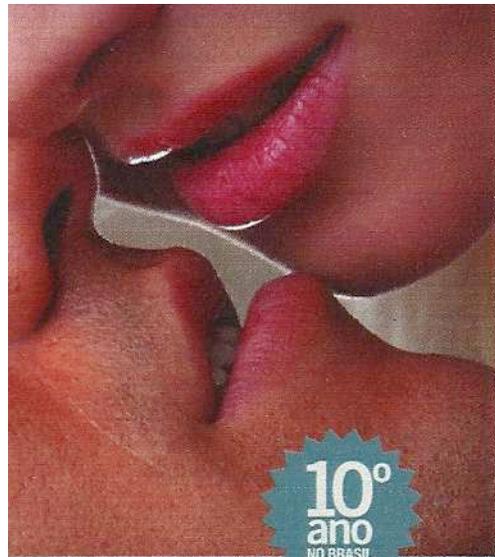
“Só uma utópica privatização total seria capaz de aniquilar os inúmeros ‘seres mutantes’ representados por empreiteiros e gestores públicos corruptos.”

JOSÉ LUIZ DE CARVALHO

Araxá, MG

Hiperfaturamento

Após uma mudança “legal” no projeto de reestruturação do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, a cobertura de vidros azulados do novo conector de passageiros ficou dez vezes mais cara



10º
ano
NO BRASIL

Sexo é vida

As dificuldades de ereção (DE) e a ejaculação precoce (EP) são mais comuns do que você pensa, mas têm tratamento médico. O Boston Medical Group (BMG) tem o conhecimento e experiência necessários para lhe ajudar.

- Experiência de 10 anos no Brasil dedicados ao tratamento da DE e EP.
- Profissionalismo de médicos qualificados e pessoal treinado.
- Cuidado da sua saúde sexual com atenção personalizada durante seu tratamento.
- Privacidade em salas individuais e confidencialidade de suas informações.
- Praticidade no diagnóstico em apenas uma consulta.
- A melhor infra-estrutura para cuidar de você em nossas 16 clínicas. A maior rede do Brasil.

Dificuldades para ter ou manter uma Ereção? Ejaculação Precoce?

Marque sua consulta ainda hoje.

0800 709 99 99

www.bostonmedicalgroup.com.br

BOSTON
MEDICAL GROUP

LÍDER EM SAÚDE SEXUAL MASCULINA

Leitor

Demóstenes Torres

Excelente a entrevista concedida pelo senador Demóstenes Torres (Amarelas, 8 de junho), um exemplo de cavaleiro da democracia. É urgente que a direita se reúna, de forma consciente, em torno das bandeiras defendidas pelo nobre senador. Parabéns a VEJA, uma revista impetuosa, impessoal e imprescindível.

LINO ANDRÉ VOTTA ALVES
Campinas, SP

Essa corajosa e sóbria entrevista nos dá esperança e mostra que ainda há “boi desgarrado” em meio ao nosso Parlamento domado.

ANDRÉ HENRIQUE VILAÇA
Águas Claras, DF

Demóstenes Torres é um exemplo de político que verdadeiramente representa as pessoas que o elegeram. Para nós, operadores do direito, é muito frustrante presenciar a nossa Constituição cidadã ruir em meio às MPs inconstitucionais. O Executivo legislando, usurpando o poder do povo de legislar através de seus representantes, o nosso estado democrático de direito sofrendo uma crise de identidade. Vivemos uma ditadura disfarçada de governo popular. Que proliferem políticos da índole do senador Demóstenes Torres.

ANDRESA VITORINO RIBEIRO
Araranguá, SC

O senador Demóstenes Torres demonstra postura e sinceridade à frente da nova geração de políticos brasileiros quando sai do fisiologismo comum de muitos e se declara, como a seu partido, definido politicamente, ou seja, de direita — o mais importante é que ele indica a qual direita pertence e qual o seu efetivo posicionamento, a fim de que não pairam dúvidas acerca de sua conduta; faz críticas conscientes e aponta soluções, não ficando no lugar-comum de muitos que se omitem ou, quando denunciam algum desmando do governo em especial, não mostram os caminhos a ser seguidos para sua solução.

EVARISTO ANANIA DE PAULA
Jatá, GO

Para os cidadãos que cumprem as leis do país, pagam seus impostos regularmente,

procuram respeitar os outros cidadãos, não compactuam com a corrupção, acreditam na meritocracia, no trabalho árduo e honesto, no estudo como meio mais adequado de crescimento pessoal e profissional, ler a entrevista com o senador Demóstenes Torres é um bálsamo, uma massagem revigorante na esperança no futuro deste país, um sopro de vida nos valores mais caros aos seres humanos, como a dignidade, a coragem, o respeito aos outros e à coisa pública.

TÚLIO CÉSAR REIS GOMES
Curitiba, PR

Demóstenes Torres foi de uma sinceridade abissal. Desde o começo da chamada Nova República, poucas vezes se viu um político falar de modo tão franco sobre o jogo de poder e interesses que norteia as ações dos políticos brasileiros. É triste, mas não são apenas as instituições que estão “cansadas”. O eleitor que a cada pleito deposita suas esperanças nas urnas para logo em seguida vê-las jogadas na vala comum das negociatas patrocinadas pelos poderes Executivo e Legislativo também está.

LUIZ GUSTAVO BARBOSA DAMÁSIO
Olinda, PE

Extremamente acertada a fala do senador Demóstenes Torres, ex-procurador de Justiça, em relação aos programas de assistencialismo no Brasil. Aqui eles se tornaram arma eleitoral de políticos que atentam contra a dignidade de um povo humilde.

FERNANDA REGINA N. DE OLIVEIRA
Campo Grande, MS

Demóstenes Torres tirou as palavras de minha boca: “Sou contra qualquer tipo de cota”, à exceção daquelas em benefício dos verdadeiramente deficientes físicos. Se achamos justa a adoção do sistema de cotas para pobres por sofrerem discriminação, teremos de adotar também o modelo de cotas para os nordestinos, os homossexuais, os obesos e os de baixa estatura, por exemplo. Obviamente, seria um despropósito.

EVARISTO ANANIA DE PAULA
Natal, RN

O governo e o Congresso que estão aí foram eleitos pelo voto direto. Os regramentos políticos e regimentais que estão aí são

os mesmos que vigem há mais de vinte anos. O reclame do senador é choro de mau perdedor. Se o governo tem maioria — boa ou ruim —, ela foi obtida nos mesmos moldes políticos dos governos anteriores. A maioria governa.

HONORIO LUIZ GRASSI
Colatina, ES

Quebrando o Tabu e a guerra às drogas

Com muito interesse, assisti ao trailer do documentário *Quebrando o Tabu*. Achei corajosa e excelente a iniciativa de fazer um grande trabalho que discute a descriminalização do uso de drogas — sobretudo tendo a participação do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, a quem o Brasil deve muito. Fui ao cinema na estreia. Mas que grata surpresa tive ao receber a revista VEJA, no domingo, com a reportagem “A utopia de desfazer o nó” (8 de junho), que, além de complementar o documentário com mais dados, transpira em cada linha o sentimento que tive ao vê-lo. Meus parabéns, VEJA.

SÁVIO NONATO BARRETO DE OLIVEIRA
Salvador, BA

A leitura atenta da reportagem “A utopia de desfazer o nó” nos permite entender que a droga, liberada ou condenada, sempre faz mal. A liberação aponta para um só caminho: o aumento do consumo. Pouco importar-se com isso é o mesmo que aceitar a degradação das pessoas. E o consumo, por uma ou outra forma, em que pese a posição de algumas personalidades, não diminuirá nem deixará de ser pernicioso à sociedade. É necessário que se façam campanhas contra o consumo, que se iniba o comércio, que se puna o tráfico, que se impeça a produção.

CELITO M. BRUGNARA
Porto Alegre, RS

Muito interessante a forma como foi feita a reportagem, abrindo espaço para reflexões. É visível que o problema não se resolve com o trabalho de combate. A solução real é a educação de qualidade para as nossas crianças e adolescentes como instrumento de prevenção. Trabalho há quase trinta anos com usuários de drogas e dependentes químicos e posso confirmar os sérios riscos que a pessoa corre ao fu-

mar maconha. Entre outros perigos, quando o indivíduo é geneticamente predisposto para a psicose (o que é previamente desconhecido por ele), o uso pode desencadear um surto e até um quadro psicótico permanente.

ROBERTO LÚCIO VIEIRA DE SOUZA
Médico psiquiatra
Belo Horizonte, MG

Fernando Henrique Cardoso sai “explicando” o THC (maconha) e diz que errou quando agiu antes. Quem garante que ele está certo agora?

JOSÉ FRANCISCO VELOSO
Doutor em dependência química
Vila Velha, ES

O Brasil de hoje insiste em privilegiar as minorias, com métodos subliminares, ineficientes e ofensivos à maioria. A regulamentação do uso da maconha atende somente aos apelos da hipocrisia e da indolência. O cidadão de bem não está interessado nesse debate, não obstante seja vítima do caos social provocado pela sua demanda. A liberação não reduzirá a violência nem o poder do narcotráfico, muito menos o consumo. A violência persistiria, porque existem outras drogas mais baratas e devastadoras. O poder do narcotráfico restaria intocável, mediante o fomento do mercado paralelo. E o adepto do baseado prosseguiria puxando o seu, sem ser importunado. Antes das experiências alienígenas, o Brasil precisa provar um daqueles planos de segurança sucessivamente engavetados pelos governantes, precisa da verticalização dos bons exemplos e da atenção aos seus filhos decentes e trabalhadores. A perdição da humanidade jaz nessa relatividade dos conceitos, responsável pela insegurança jurídica, pela descrença nas instituições, pelo desmantelamento dos lares, pelo desvario da sociedade...

LÚCIA CASTRALLI
Delegada de Polícia Federal
Salvador, BA

É ilusão acreditar que a descriminalização de drogas vai acabar com o tráfico. O traficante é igual ao contrabandista, sempre oferecerá um preço mais baixo porque não paga impostos.

RONALDO PLANOWSKI DE MORAES
Curitiba, PR

Já é extremamente desagradável ficar ao lado de um fumante. Seria inimaginável estar ao lado de um fumante de maconha.

ADRIANI MEDEIROS FLORES
Votuporanga, SP

Gustavo Ioschpe

Sou professor há mais de quinze anos e acredito na força da escola bem integrada a toda a comunidade para informar e educar. Também coaduno com a ideia de colocar placas nas portas das escolas com a nota obtida no Ideb, conforme posição de Gustavo Ioschpe em seu ótimo texto “Pra pobre analfabeto... tae kwon do!” (8 de junho). Porém, é lamentável ser testemunha de uma sociedade na qual, em todos os níveis sociais (não só nas escolas mais carentes), o acesso à formação e ao conhecimento tenha sido delegado à figura do professor: o que se percebe são pais muitas vezes apáticos (o que justifica a colocação das placas), que não comparecem às escolas, não acompanham as lições, não têm tempo para educar (em face da sociedade de consumo, em que devem trabalhar mais para dar tudo aquilo que acreditam ser indispensável a seus filhos) e desconhecem a importância de um ambiente em casa propício à boa leitura, porque de fato não a praticam.

ALYSON DA SILVA LEAL
Afenas, MG

Estudo em uma das escolas visitadas por Gustavo Ioschpe. Se minha escola, que possui um ensino considerado entre as públicas o melhor da Região Norte, sofre com empecilhos, imagine qual deve ser a situação da escola que tem o ensino considerado um dos piores do Brasil?

GUSTAVO ALMEIDA
Belém, PA

J.R. Guzzo

Com relação ao contundente artigo “O ministro não conta” (8 de junho), de J.R. Guzzo, sobre a educação no Brasil, vale acrescentar que não é apenas a educação pública que está ruim. Quem paga escola não tem muita vantagem. Em muitas instituições privadas, a meritocracia e o incentivo ao desempenho individual são abominados. Às favas com a ortografia e a geometria: nada parece ser mais democrático do que a ignorância.

LUÍS RICARDO FIGUEIRÓA
Brasília, DF

Agronegócio

Com relação à reportagem "Terra estrangeira" (18 de maio), que trata de investimentos internacionais no agronegócio brasileiro, informo que o Reino dos Países Baixos não atende aos critérios estabelecidos pela legislação brasileira para ser considerado paraíso fiscal. Isso é evidenciado pelo fato de que o nosso país ficou suspenso na relação de países detentores de regime fiscal privilegiado, por meio do Ato Declaratório Executivo número 10, de 25 de junho último. Atualmente, estamos aguardando exclusão definitiva dessa lista.

KEES RADE

Embaixador do Reino dos Países Baixos no Brasil
Brasília, DF

Corrupção em obras públicas 2

VEJA presta um grande serviço ao país ao fiscalizar a correta aplicação dos recursos públicos. Sobre a reportagem "Apertem os cintos, o dinheiro sumiu" (8 de junho), a Construtora Camargo Corrêa esclarece que sua participação nos contratos para prestação de serviços nas obras dos aeroportos de Vitória e Congonhas foi conquistada por meio de licitação pública em absoluto respeito à legislação em vigor. A Camargo Corrêa ressalta ainda que não reconhece nenhuma irregularidade nesses contratos, sendo que foram apresentados ao TCU argumentos técnicos que embasam essa posição na discussão administrativa que tramita no órgão, ainda sem decisão final.

MARCELLO D'ANGELO

Diretor de comunicação
Camargo Corrêa S.A.
São Paulo, SP

Parablenzo VEJA pela reportagem "O raio X da corrupção" e saliento que o preço real de venda das obras públicas está abaixo do valor de custo nas licitações. Como o governo não fiscaliza, empresas que atuam de má-fé participam dessas licitações e acabam cometendo fraudes. Recentemente, em audiência pública, o Instituto Brasileiro de Engenharia de Custos (Ibec)

entregou documento à Procuradoria-Geral da República e à Polícia Federal alertando para essa situação. Repudiamos qualquer reajuste por parte das empreiteiras nos valores do Sinapi e do Sicro. Diante desse cenário, o Ibec continuará a combater as irregularidades nos custos das obras públicas do país.

PAULO ROBERTO VILELA DIAS

Presidente do Ibec
Rio de Janeiro, RJ

Caso Palocci

Tenho 74 anos, sou bem informado e politizado e pensei que já tinha visto de tudo na política brasileira, mas eis que chega ao poder a República Sindical. E, atônito, tomo conhecimento da reportagem "O ministro e o laranja" (8 de junho). Certa vez, disse o cientista político americano Eric Hoffer: "Toda grande causa começa como um movimento, vira um negócio e finalmente degenera numa quadrilha".

THEODIANO BASTOS

Serra, ES

José María Aznar

O senhor José María Aznar bem que poderia vir para ficar um bom tempo no Brasil. Precisamos desesperadamente de políticos como ele ("O triunfo liberal", 8 de junho)!

MARCOS BONIN VILLELA

Rio de Janeiro, RJ

Sacola plástica

A respeito da reportagem "Sacolas plásticas na mira" (Guia, 1º de junho), gostaríamos de esclarecer que o estudo encomendado pelo governo britânico sobre o impacto de diversos tipos de sacola mostrou que a sacolinha de plástico tem melhor desempenho ambiental em oito das nove categorias avaliadas. Ela também apresenta a menor geração de CO₂, responsável pelo efeito estufa, em seu processo produtivo.

MIGUEL BAHIANSE

Presidente da Plástivida Instituto Sócio-Ambiental dos Plásticos e Instituto Nacional do Plástico
São Paulo, SP

PARA SE CORRESPONDER COM A REDAÇÃO DE VEJA: as cartas para VEJA devem trazer a assinatura, o endereço, o número da cédula de identidade e o telefone do autor. Enviar para: **Diretor de Redação, VEJA** – Caixa Postal 11079 – CEP 05422-970 – São Paulo – SP; **Fax:** (11) 3037-5638; e-mail: **veja@abril.com.br**. Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente. Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até a quarta-feira de cada semana.

**SORRISO
FIXO
REVISÃO**



EURO RSCG

Respeite a sinalização de trânsito



**PREÇO
FIXO
REVISÃO**

Preços fixos de revisão válidos até 29/2/2012 para veículos: C3, Xsara Picasso, Aircross, C3 Picasso, C4, C4 Pallas, C4 Picasso, Grand C4 Picasso, C5 e Jumper, a partir do Manual de Manutenção G2-ENT-BR-2007, com plano de manutenção de 10.000 km. O preço inclui operações de manutenção, mão de obra e peças, conforme preconizado em cada revisão, 10.000 a 60.000 km, conforme o manual de manutenção e garantia do veículo.

A TRANQUILIDADE DE ESCOLHER O MELHOR DA TECNOLOGIA SEM SURPRESAS NA REVISÃO.

Para mais informações: www.citroen.com.br

KM	C3/ XSARA PICASSO	AIRCROSS/ C3 PICASSO	C4/C4 PALLAS/ FAMÍLIA C4 PICASSO/C5	JUMPER
	3X IGAUAS	3X IGAUAS	3X IGAUAS	3X IGAUAS
10.000	R\$81,00	R\$99,00	R\$110,00	R\$120,00
20.000	R\$140,00	R\$160,00	R\$170,00	R\$280,00
30.000	R\$170,00	R\$175,00	R\$175,00	R\$170,00
40.000	R\$140,00	R\$160,00	R\$170,00	R\$280,00
50.000	R\$140,00	R\$160,00	R\$170,00	R\$160,00
60.000	R\$190,00	R\$250,00	R\$270,00	R\$640,00

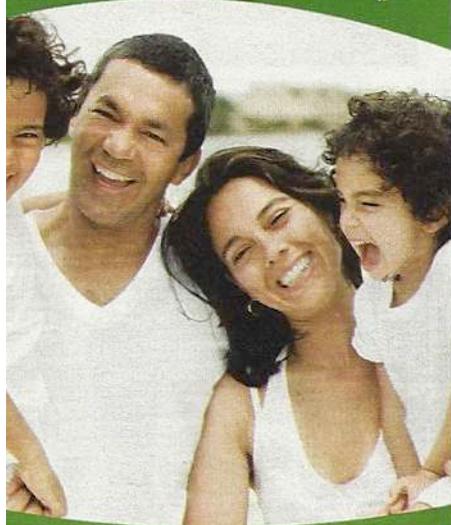


CITROËN

CRÉATIVE TECHNOLOGIE

Mais liberdade
no feriado de
Corpus Christi?
A Localiza
vai com você.

solution



R\$ **39,90***
Diárias a partir de **39,90*** + R\$ 0,46 por km rodado

Pagamento à vista ou em até **10x** sem juros no cartão.**

Consulte opção com GPS.

Reservas 24h: **0800 979 2000**

www.localiza.com

Aluguel de Carros
Localiza

* Não estão incluídas taxas (5% ou 10%, dependendo da agência de retirada alou de devolução do carro), coberturas de risco e extras. Consulte as condições no www.localiza.com.

** Cartões de crédito American Express, Visa, Mastercard, Diners Club International e Elo emitidos no Brasil, exceto cartões Corporate.

DE NOVA YORK

CAIO BLINDER



Síria

Cidadãos em qualquer parte do mundo agem de forma saudável quando tratam com ceticismo versões oficiais de um acontecimento. Mesmo em democracias com imprensa ultravigilante, governos mentem ou douram a pílula. E existem ditaduras como a da Síria. Nestes casos, é artigo de fé questionar a versão oficial, denunciar a propaganda e desconstruir a desinformação.

www.veja.com/denovayork

RADAR

LAURO JARDIM



Um fracasso de marketing

A contratação de Ronaldinho Gaúcho era considerada a grande jogada de marketing do futebol brasileiro em 2011. Passados cinco meses, o Flamengo não tem patrocinador e o jogador não foi garoto-propaganda de absolutamente nada na TV.

www.veja.com/radar

COLUNA

AUGUSTO NUNES



Segunda chance

Pouco importa o parecer esperto do procurador-geral. A oposição deve insistir na convocação do agora ex-ministro Palocci. A polícia e a Justiça devem cumprir seu dever. O Brasil não pode perder a chance de punir um reincidente.

www.veja.com/augustonunes

NOVA TEMPORADA

MICHELLE OBAMA EM *iCARLY*

A primeira-dama americana fará uma participação na série infantojuvenil *iCarly*, do canal Nickelodeon. O episódio será exibido nos EUA em janeiro de 2012. Na história, a adolescente Carly (Miranda Cosgrove) é filha de um militar que está em serviço no exterior. Dois de seus amigos decidem quebrar algumas regras para estabelecer uma conversa on-line entre ela e seu pai, que está fazendo aniversário. O fato chega ao conhecimento da primeira-dama, que entra em contato com Carly.

www.veja.com/temporada



SOBRE IMAGENS

TOM STODDART NA GUERRA

O fotógrafo britânico Tom Stoddart esteve em Sarajevo e Srebrenica durante a Guerra da Bósnia. Suas fotografias mostram o drama das famílias no campo de refugiados em Srebrenica, logo após o massacre de 1995. e a tensão na cidade de Sarajevo, infestada de franco-atiradores.

www.veja.com/sobreimagens



VIDA EM REDE

TWITTER EM VÁRIAS LÍNGUAS

Após cinco anos de existência — e inúmeros apelos de usuários brasileiros —, o Twitter, enfim, colocou no ar uma versão do microblog em português. Para alterar o idioma do site no browser, o usuário deve acessar sua página na rede, clicar na seção Settings e, em seguida, em Language. Depois, procurar pela opção "Português". Além do novo idioma, a rede de mensagens está disponível em inglês, espanhol,

alemão, turco, coreano, francês e japonês.

www.veja.com/vidaemrede



■ Esta página é editada a partir dos textos publicados por blogueiros e colunistas de VEJA.com

Panorama

Imagem da Semana

Datas ■ Holofote ■ SobeDesce ■ Conversa ■ Números ■ Radar ■ Veja Essa

Non, elle ne regrette rien

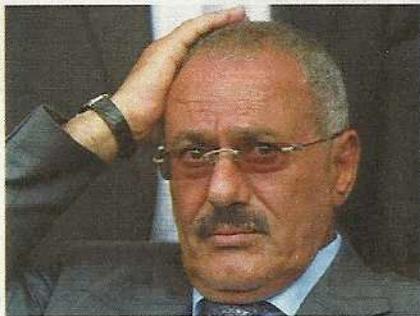
Mulher de Strauss-Kahn não desce do salto — Louboutin, é claro

■ Se o seu marido é visto como um ricão todo-poderoso que abusou de uma pobre camareira de hotel, o melhor é comparecer às audiências na Justiça vestindo-se quase como Madre Teresa de Calcutá. Isso é o que uma leal esposa enganada americana faria. Como mostraram tantas outras coisas nesse caso, França e Estados Unidos vivem em planetas diferentes. Ao acompanhar **Dominique Strauss-Kahn** num procedimento preliminar, a jornalista e milionária **Anne Sinclair** desafiou os mandamentos da modéstia judicial: com a barra da saia um pouquinho acima do recomendável, ela ainda usou um par de sapatos abertos na não cor da moda, o nude, com famosas solas vermelhas. Anne já teve o programa de entrevistas mais conhecido da televisão francesa, mas o dinheiro que está bancando a defesa e a caríssima prisão domiciliar do ex-diretor do FMI tem bases mais sólidas. Nascida Anne-Élise Schwartz, ela é neta de um grande galerista de arte, Paul Rosenberg, marchand de Picasso durante duas décadas. Braque e Matisse foram outros legendários clientes. Simpática e querida, Anne é também completamente apaixonada por “Domi”, o incontavelmente enganador marido, ao qual acompanharia na glória da Presidência — sua eleição era garantida — e agora segue na desgraça, firme em cima dos Louboutin. ■

VILMA GRZYNSKI



MIKE SEGAR/REUTERS



Ali Abdullah Saleh
*O presidente do Iêmen
foi gravemente ferido*

MUHAMMAD MUHISEN/AP



Dulce Figueiredo
*Morre a viúva do último
presidente militar*

CARLOS NAMBA
DIVULGAÇÃO



Roberto Civita *Editor de VEJA é homenageado
em Nova York pelo apoio à educação*

Morreram

■ a ex-primeira-dama **Dulce Figueiredo**, viúva do general João Baptista Figueiredo, o último presidente militar (1979-1985). Casada por quase seis décadas, Dulce marcou sua passagem por Brasília com temperamento forte, cabelo armado e vestuário rebuscado. Festeira no poder, recolheu-se depois de deixar a capital. Depois da morte de Figueiredo, em 1999, atravessou dificuldades financeiras e precisou leiloar presentes recebidos de autoridades como o rei espanhol Juan Carlos, o ditador chileno Augusto Pinochet e o presidente americano Ronald Reagan. Sofria de câncer. Dia 6. aos 83 anos, de causas não reveladas, no Rio de Janeiro.

■ a ex-secretária **Rosenerly Mello**, que, em 1989, ficou conhecida como a “Fogueiteira do Maracanã”. Naquele ano, ela soltou um sinalizador durante um jogo Brasil e Chile. O goleiro

chileno Rojas fingiu ter-se ferido. Rosenerly foi presa, até que se provou que o jogador havia se cortado sozinho. Rojas foi banido do futebol e Rosenerly virou capa de PLAYBOY. Dia 4, aos 45 anos, de aneurisma cerebral, no Rio de Janeiro.

■ SÁB|4|JUN|2011

Entrou

em erupção o vulcão chileno Puyehue, a 800 quilômetros ao sul de Santiago, espalhando uma nuvem de cinzas pelo sul do continente. O fenômeno provocou cancelamentos e atrasos de voos em seis países, inclusive o Brasil.

■ TER|7|JUN|2011

Homenageado

pela Worldfund. ONG que combate a pobreza na América Latina através da melhoria da educação. **Roberto Civita**, presidente do conselho de administração do Grupo Abril e editor de VEJA, por seu trabalho

pela educação no Brasil. A homenagem ocorreu durante jantar de gala para 400 convidados no 36º andar do Mandarin Oriental Hotel, em Nova York, de onde se tem uma das mais belas vistas do Central Park. “Tenho orgulho de dizer que a Abril está fazendo uma contribuição relevante à luta pela educação de qualidade no Brasil. Sem isso, não há desenvolvimento econômico sustentado, nem estabilidade das instituições democráticas, nem futuro auspicioso para o meu país — ou qualquer outro.” Na ocasião, também foram homenageados o mexicano Emilio Azcárraga, presidente da Televisa, e o inglês Jim O’Neill, presidente da Goldman Sachs Asset Management.

Revelado

que o presidente do Iêmen, Ali Abdullah Saleh, foi gravemente ferido em um bombardeio ao seu palácio, no dia 3. Teve 40% do corpo queimado e sofreu uma he-

morragia cerebral. Aos 69 anos, 33 dos quais no poder, Saleh enfrenta manifestações populares em prol da democratização do país. No dia seguinte ao ataque, foi transferido para um hospital saudita. Sua ausência não amainou os protestos, incitados também pela Al Qaeda.

■ QUA|8|JUN|2011

Aprovado

pelo Conselho de Ética da Câmara **pedido de cassação da deputada Jaqueline Roriz** (PMN-DF) por quebra de decoro parlamentar. Ela aparece em um vídeo recebendo dinheiro do operador do mensalão do Distrito Federal, Durval Barbosa.

■ QUI|9|JUN|2011

Casaram-se

os atores **Lázaro Ramos e Taís Araújo**, ambos de 32 anos e juntos há sete. Taís está grávida de um menino, que deve nascer nos próximos dias. ■



ELZA RUZAZABR

■ Ideia daninha

A agricultura brasileira deve ter um desempenho estelar nesta década. A

ONU prevê que seu volume de produção crescerá 40% até 2020. Esse prognóstico alvissareiro pode ser comprometido, porém, por medidas em estudo na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), presidida por **Dirceu Barbano**. A Anvisa quer restringir o uso de fungicidas, herbicidas e inseticidas. Cogita vetar até produtos que não têm substitutos no mercado, o que deixaria os produtores sem armas para combater pragas e ervas daninhas. Por encomenda da Associação Brasileira do Agronegócio, a consultoria alemã Kleffmann mediu o impacto negativo que essas iniciativas teriam nas lavouras de soja, milho, algodão e cana. As perdas alcançariam 105 bilhões de reais. A cultura de soja seria a mais afetada, com quebra de espantosos 99%.



JOEL SILVEIRA/FOLHA IMAGEM

■ Tentativa de sair da geladeira

Em fevereiro, o PDT não seguiu a

orientação oficial na votação do salário mínimo. Desde então, foi rebaixado a aliado de segunda categoria do governo Dilma Rousseff. O ministro do Trabalho, Carlos Lupi, presidente licenciado da legenda, tentou reverter esse quadro cooptando o cearense **Ciro Gomes** (PSB), que tem prestígio no Planalto. Ciro nem mesmo atendeu os telefonemas de Lupi. O ministro confiou, então, a tarefa ao deputado Paulinho da Força (SP). Com este, Ciro falou, mas para recusar o convite. A cúpula do PSB esforça-se, agora, para encontrar uma situação ainda mais confortável dentro do partido para o cacique cearense — e também para seu irmão, o governador Cid Gomes, e os demais integrantes da tribo.



CLAUDIO GATTI

■ Um baiano com limites

A presidente Dilma Rousseff impôs limites à atuação do

marqueteiro baiano **João Santana**, que comandou sua campanha presidencial. Não no governo federal. Nem no Brasil. Mas no exterior. A presidente teme que sua estreita relação com Santana seja confundida com apoio a um candidato ou grupo político dos grandes parceiros comerciais do país. Por isso, mandou um recado pelo secretário-geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho, para que Santana rejeitasse o convite feito pelo argentino Eduardo Duhalde para dirigir sua campanha presidencial. O veto não é extensivo à América Central. Santana divide sua atenção entre as crises de Dilma e as eleições na República Dominicana.



■ Quanto vale a onda dele?

O Brasil produz surfistas de categoria internacional há duas décadas, mas seus atletas nunca conseguiram romper a barreira que os separa do profissionalismo. A empresa de marketing

esportivo do ex-jogador Ronaldo vislumbra uma chance de mudança com **Danilo Couto**, de 36 anos. As negociações para incluir o atleta no portfólio da 9ine começaram em abril, quando ele ganhou o XXL, o prêmio mais cobijado pelos surfistas de ondas gigantes. No Havaí, Couto deslizou em um paredão de 20 metros, naquela que foi considerada a Onda do Ano. A 9ine fará os contratos de patrocínio do brasileiro e se responsabilizará por sua imagem.



CORREIO DA BAHIA

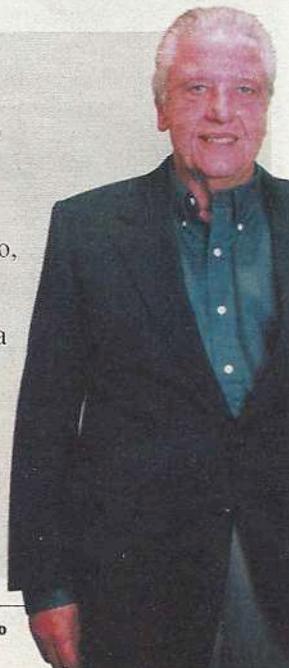
■ Negócios de empreiteiro

Principal acionista da OAS, o empreiteiro **Cesar Matta Pires** está envolvi-

do em uma grande operação no mundo das TVs. Ele discute a venda de sua participação de 33% no controle da TV Bahia, emissora afiliada à Rede Globo e também o quinhão mais reluzente do espólio do senador Antonio Carlos Magalhães, falecido em 2007. Matta Pires deve deixar a empresa por divergir de seus sócios sobre a condução do negócio. Por orientação da Globo, as cotas do empreiteiro estão sendo negociadas com um dos afiliados da emissora no interior paulista.

Os novos céus da Embraer

Principal acionista da Embraer, o fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil, Previ, está paulatinamente reduzindo sua participação na empresa. No fim de 2007, detinha 14% do capital total. Hoje, tem 11%. Pouco percebido no mercado, o movimento abriu oportunidades para o ingresso de novos sócios, que querem também as ações do ex-banqueiro **Júlio Bozano**, dono de 8% da indústria aeronáutica. O grupo Odebrecht, por exemplo, está avaliando essa possibilidade, tendo em vista a sua recente investida na área de defesa, que começou com a construção de submarinos nucleares para a Marinha. Parceira da fabricante de caças francesa Dassault, a Embraer poderia complementar o novo negócio do conglomerado.



SOBE

▲ Senna

O documentário sobre a vida do piloto brasileiro estreou na Inglaterra com a maior bilheteria já alcançada por um filme do gênero

▲ Enem

O Exame Nacional do Ensino Médio tem um novo recorde de estudantes inscritos: 5 milhões

▲ Vasco da Gama

Depois de oito anos de jejum, o time carioca ganhou um título: a Copa do Brasil

DESCE

▼ Brasil Foods

Suas ações caíram mais de 8%, com a divulgação de relatório do Cade que reprova a fusão entre a Perdigão e a Sadia

▼ Diplomacia brasileira

A presidente Dilma Rousseff recusou-se a receber a iraniana Shirin Ebadi, Prêmio Nobel da Paz, que denuncia os crimes do regime de seu país

▼ Cumbica

Nos horários de pico, o aeroporto internacional de São Paulo não poderá receber voos desviados de Congonhas ou Viracopos, por falta de espaço para aviões

“Eu sou efeminado?”

O meio-médio Anderson Silva é considerado imbatível no Ultimate Fighting Championship (UFC), a principal liga de luta livre. Em agosto, ele defenderá seu cinturão no Rio de Janeiro

Qual sua expectativa para a luta? Estou muito feliz de lutar no Brasil. É a primeira vez que um título vai ser decidido no Rio.

Esperava-se que sua última luta, contra Vitor Belfort, fosse a disputa do século, mas acabou no primeiro assalto. Foi fácil? Não existe luta fácil. Emplaquei um chute e fui feliz. Mas, da mesma forma, ele poderia ter me acertado.

Há alguém capaz de vencer Anderson Silva? Há, sim. O meu clone.

Diz-se que você enfrentará lutadores de pesos superiores. Isso não vai acontecer.

O lutador americano Chael Sonnen disse que você é efeminado... Sou mesmo.

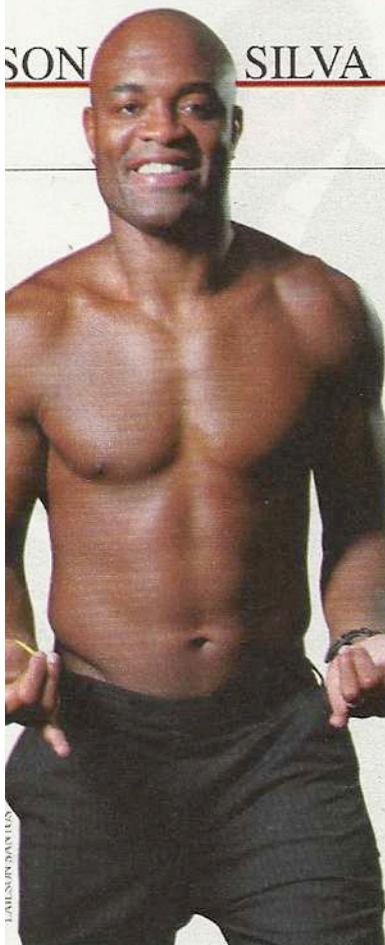
É? Todo homem é efeminado. Você também é, só não

de Itina

GRAND VITARA

Respeite a sinalização de trânsito.





descobriu ainda. Esse cara, o Chael, invocou com a minha camisa rosa. Gosto de vestir rosa, de me vestir bem, de me cuidar. Vivo bem assim. Por isso eu sou efeminado? Ora, usar rosa não transforma ninguém em efeminado.

Sua voz é meio fina.

Cara, isso é um problema muito sério, mas eu estou superando (*risos*). Que bobagem! É fina mesmo, mas eu sempre levei isso numa boa.

ANDERSON SILVA

Derrota só para seu clone



3 dias, apenas, foi quanto demorou a tradução para a versão em português do serviço Twitter. Para alcançar o resultado em tempo recorde, o site contou com a participação de usuários

6 é o número de títulos que **Rafael Nadal** conquistou em Roland Garros, igualando a marca do sueco Björn Borg

98% das mortes no campo ficam impunes no Pará, segundo levantamento do governo federal

150 000 000 de euros foram oferecidos pela União Europeia aos produtores agrícolas prejudicados pelo surto da bactéria *Escherichia coli*

50 CONCESSIONÁRIAS EM TODO O BRASIL



COMPUTADOR DE BORDO

A RESISTÊNCIA
DE UM SUV COM A
DIRIGIBILIDADE
DE UM SEDAN.

TRAÇÃO 4x4 com REDUZIDA

SUZUKI USA E RECOMENDA Mobil



www.facebook.com.br/SuzukiBR DON'T WORRY BE SUZUKI

Bauru, Barueri, Limeira, Araraquara, Campinas, Mogi das Cruzes, Rio de Janeiro, Niterói, Belo Horizonte, Uberaba, Uberlândia, Juiz de Fora, Goiânia, Campo Belém, Natal, João Pessoa (Cabedelo), Feira de Santana, Salvador, Manaus, Mossoró, Palmas, Boa Vista e São Luís. SAC 0800 770 3380. Imagens ilustrativas.

■ GOVERNO

Nova direção

Em termos de indicações e influência, a composição ministerial do governo nasceu Lula-Dilma. Desde a semana passada, iniciou-se a era Dilma-Lula. Aguarda-se agora o Dilma-Dilma.

Miséria e sujeira

Dilma Rousseff pode dar a Gleisi Hoffmann qualquer atribuição, menos tratar de uma negociação com o governo indiano. Há menos de dois anos, depois de uma visita à Índia, Gleisi escreveu um artigo em que mandou ver: elogiou o povo, mas disse não ter “grande consideração” por “seu crescimento econômico, concentrado e excludente, que deixa a maioria da população viver na miséria e na sujeira”.

Quanto pior, melhor

Parte do PT já está torpedeando o trabalho de Jorge Gerdau na coordenação da Câmara de Gestão e Competitividade, uma ideia da própria Dilma Rousseff para tentar melhorar a qualidade dos serviços e servidores públicos.

O desejo de Lula

Lula ainda na noite de segunda ligou



Lógica peculiar

Lula: ética flexível

THIAGO QUEIROZ/AGF

para Antonio Palocci e insistiu: depois da decisão da Procuradoria-Geral da República de não investigá-lo, ele não deveria sair da Casa Civil. Segundo relato de Palocci a amigos, disse Lula com seu pragmatismo que habitualmente manda a ética às favas: “Já mantivemos no cargo companheiros culpados, agora que você tem uma carta de inocência nas mãos por que teria de sair?”. Dilma, porém, não concordou com a extravagante lógica de Lula.

“Oi, Palocci”

A propósito, foi de Lula o primeiro telefonema que Antonio Palocci atendeu depois de deixar a cerimônia de transmissão do cargo. Marcaram um encontro para esta semana.

Sem chance

A demissão de Antonio Palocci foi amadurecida mesmo no fim de semana passado. Depois da entrevista ao *Jornal Nacional*, Dilma Rousseff ainda sugeriu a Palocci que trocasse a Casa Civil pelas Relações Institucionais. Ficaram de sondar o PT, mas a falta de entusiasmo do partido abateu a ideia.

■ BRASIL

Genérico para cachorro

Os medicamentos genéricos devem conquistar mais um mercado: o veterinário. A Comissão de Constituição e Justiça da Câmara aprovou um projeto para regulamentar o uso dos produtos. A proposta seguiu para o plenário.

Sejam bem-vindos

Em sua recente visita a Washington, Antonio Patriota disse a Hillary Clinton que o Brasil gostaria de ver empresas americanas participando da gestão dos



ANTONIO CRUZ/AGF

aeroportos que serão concedidos à iniciativa privada.

■ FAST-FOOD

Na chapa 1

O Wendy's, uma das mais tradicionais cadeias de fast-food dos EUA, está desembarcando no Brasil. Vai investir 500 milhões de reais para abrir 300 lojas no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Na chapa 2

Está praticamente fechado: a Vinci Partners, de Gilberto Sayão, comandará as operações do Burger King no Brasil, num acordo com ambições de gente grande.

De Dilma para Collor

Dilma Rousseff ensaiou sua veia política no almoço que ofereceu aos senadores do PTB na terça-feira. Respirou fundo e chegou até ao ponto de convidar **Fernando Collor** para representar o Brasil em algumas missões internacionais. Não especificou que tipo de compromisso estaria à altura de um ex-presidente como Collor. Deu, no entanto, o exemplo de Bill Clinton, que já fez esse papel diversas vezes desde que deixou a Presidência dos EUA. Comparação naturalmente indevida: Clinton saiu da Casa Branca pela porta da frente. Não é só José Sarney, pelo visto, que acha o impeachment "apenas um acidente na história do Brasil".

Pragmatismo acima de tudo *Collor e Dilma: ele representará que tipo de país lá fora?*

■ ECONOMIA

Chope agitado

Um dos candidatos à compra da Schincariol foi fundo na apuração dos esqueletos no armário da companhia. No fim das contas, chegou a um passivo tributário de 2 bilhões de reais, apenas em tributos federais.

Sinal de alerta

A dura decisão do Cade para a fusão Sadia-Perdigão esfriou bastante o ânimo do Pão de Açúcar em suas já complicadas conversas com o Carrefour.

Sinal amarelo

O governo chinês está ameaçando aplicar medidas antidumping



ANDRÉ DUSEN/AE

Estaca zero
Meirelles: seu nome já está há três meses no sereno

contra a celulose produzida no Brasil. Hoje a China é o maior comprador mundial da celulose brasileira, respondendo por mais de 30% das exportações.

■ OLIMPÍADA

Emperrado no Senado

Henrique Meirelles foi indicado ao Senado para comandar a Autoridade Pública Olímpica (APO) três meses atrás e... até agora, nada. Não há nem data marcada para a votação do seu nome.

Leque de opções

Se der zebra e não for para a APO, Henrique Meirelles voltará, enfim, para a iniciativa privada. Um dos convites que guarda no bolso do colete é o de Paulo Guedes, para tornar-se sócio da BR Investimentos.

■ CIDADES

De quem é o Cristo?

A quem pertence a imagem de Jesus Cristo que há setenta anos enfeita o cume do Morro do Corcovado no Rio de Janeiro? Até hoje, ninguém tinha dúvida de que era da Arquidiocese do Rio de Janeiro, a quem sempre coube liberar o uso da imagem da estátua-símbolo do Brasil. Surpreendentemente, no entanto, os netos do escultor francês Paul Landowski, responsável pelos traços do Cristo Redentor, passaram nos últimos tempos a notificar aqueles que têm se utilizado da mítica imagem em propagandas. Mais: chegaram a processar a H. Stern por ter produzido uma joia baseada na estátua. A primeira decisão da Justiça, contudo, acaba de sair. A Arquidiocese ga-

nhou a ação baseada numa doação por escrito feita pelo próprio Landowski.

■ FÚTEBOL

Exposição de marca

O maior patrocinador de clubes do futebol brasileiro é o BMG, um banco médio focado no crédito consignado. Está investindo 66 milhões de reais em 2011, patrocinando 35 clubes. Na verdade, o banco redirecionou os 50 milhões de reais que investia em anúncios de TV para a exposição de sua logomarca na camisa dos clubes.

■ TELEVISÃO

Volta às origens

Menos tipos e personagens e mais atualidades. Esse será o tom do projeto que a turma do **Casseta & Planeta** levará à direção da Globo dentro de duas semanas. Em resumo, será uma espécie de volta às origens, um retorno ao lema "jornalismo mentira, humorismo verdade" que a trupe exibiu nos primórdios do programa. A Globo quer reestrear o humorístico já em agosto. Não está definido, porém, em que dia nem como será batizada a nova atração.

Contagem regressiva

O casseta Marcelo Madureira: férias mais curtas que o previsto



ANA CAROLINA PERMANDES/OLHA IMAGEM



“Ao contrário do que asseveram os representantes, a lei penal não tipifica como crime a incompatibilidade entre o patrimônio e a renda declarada.”

ROBERTO GURGEL, procurador-geral da República, dando início ao engavetamento da investigação sobre o súbito enriquecimento do ministro Palocci

“Nós estamos a falar de alguém que é condenado por quatro assassinatos, não alguém que foi preso por estar fazendo um passeio.”

Do ministro do STF **GILMAR MENDES**, ao votar pela extradição do homicida italiano Cesare Battisti

“Quem acredita em Deus sabe que aqui se faz e aqui se paga.”

FRANCENILDO COSTA, o caseiro que teve seu sigilo bancário quebrado, num escândalo que resultou na queda de Palocci durante o primeiro governo Lula

“O que está óbvio é que há uma operação de abafa brutal para proteger ou o ministro ou os fatos que o ministro não declarou.”

SÉRGIO GUERRA, presidente do PSDB

“Não tenho cargo no governo. Minha relação com o governo é republicana. Sou independente.”

Senadora **ANA AMÉLIA** (PP-RS), que assinou requerimento para a CPI do Palocci

“Existem muitos homens-objeto por aí, que só servem de decoração para suas mulheres.”

CATHERINE DENEUVE, no Brasil para divulgar o filme *Potiche* — *Esposa Troféu*

“As denúncias de enriquecimento ilícito e tráfico de influência, não explicadas nem satisfatoriamente respondidas por Palocci, abriram uma séria crise política e de governo.”

Nota do **PCdoB**, partido da base do governo

“É uma pena perder o ministro Palocci nesse governo, pelas qualidades que ele tem.”

Da senadora **GLEISI HOFFMANN** (PT-PR), que batalhou pela demissão de Palocci e assumiu seu lugar na Casa Civil

“Força, força.”

HUGO CHÁVEZ, ao abraçar Palocci no Palácio do Planalto

“Não sei com quem eu vou casar, mas, seja com mulher ou com homem, eu terei direitos iguais.”

MARINA LIMA, cantora e compositora carioca, em entrevista ao portal iG, fazendo humor com a aprovação da união civil entre pessoas do mesmo sexo



DIVULGAÇÃO

“Obrigado e até breve. Mas desta vez fora dos campos.”

RONALDO, o Fenômeno, ao se despedir do futebol, no Estádio do Pacaembu

“Ollanta vai respeitar rigorosamente a propriedade privada. Não vai tirar as galinhas nem os cães de ninguém e vai garantir os investimentos nacionais e estrangeiros.”

DANIEL ABUGATTÁS, porta-voz de Ollanta Humala, presidente eleito do Peru

“Acreditamos que o caminho do Peru é um caminho próprio, sem copiar o de outros países. Que isso fique bem claro.”

OLLANTA HUMALA, presidente eleito do Peru, aparentemente dando um bico em Hugo Chávez

“A dívida é uma farsa.”

VANDERLEI LUXEMBURGO, técnico do Flamengo, condenado a pagar 1,9 milhão de reais ao ex-jogador Edmundo, por uma dívida quitada de 400.000 reais, no Twitter

“Temos que ver se o blog é mesmo do Vanderlei, porque ele não tem nada no nome dele.”

EDMUNDO, ironizando o espreme de Luxemburgo

“Se vim para ajudar a promover o diálogo, saio agora para ajudar a preservá-lo.”

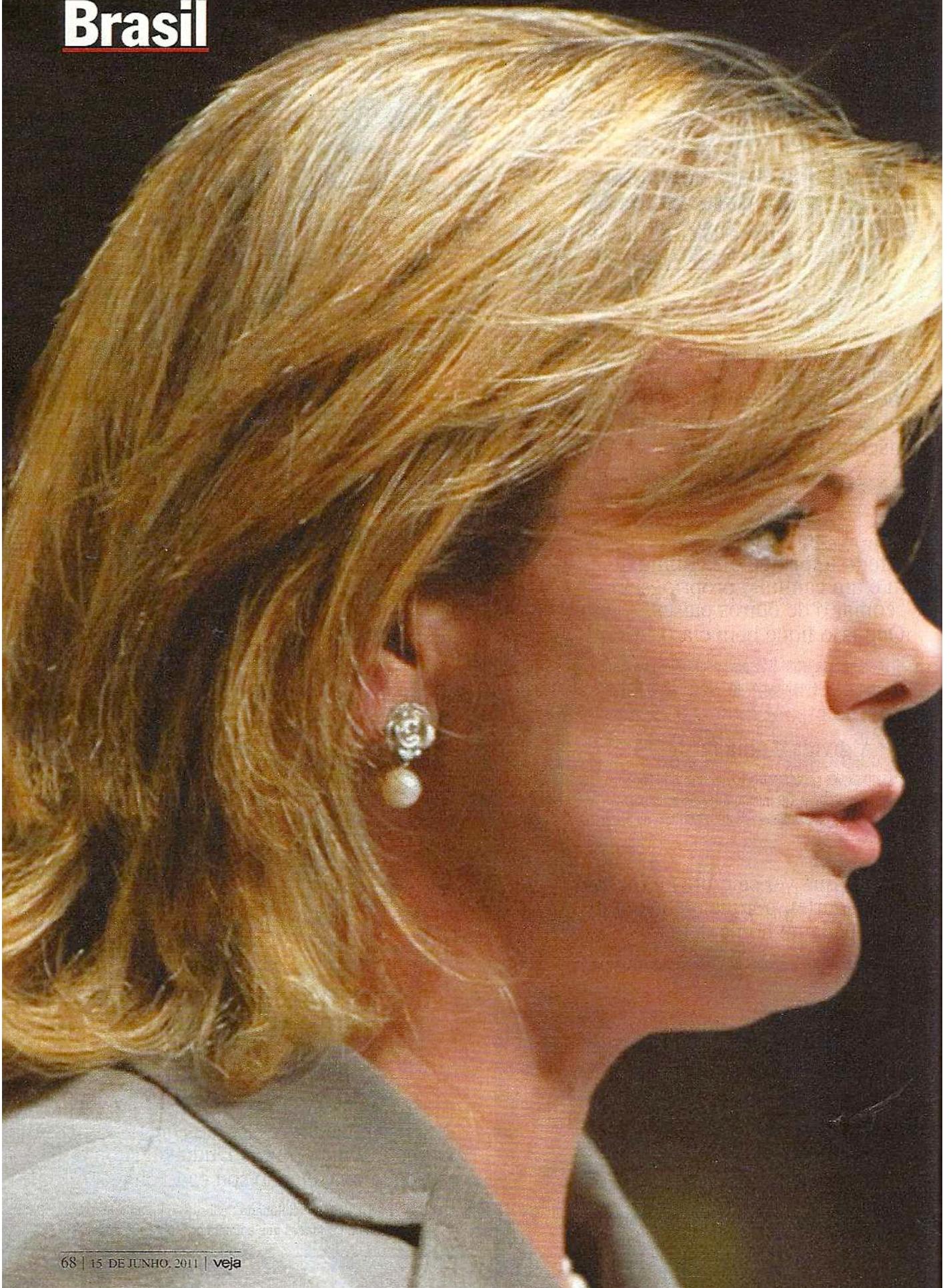
De **ANTONIO PALOCCI**, no discurso de despedida do cargo de ministro-chefe da Casa Civil



ILUSTRAÇÃO: LÉZIO JUNIOR

“Trabalhei em lugares onde perguntavam: ‘Como o Dudu vai subir a escada? Poxa, eu não sou cadeirante’.”

DUDU BRAGA, filho do rei Roberto Carlos, falando ao *Jornal da Tarde* das dificuldades que enfrenta como deficiente visual



REINAÇÕES DE NARIZINHO

A queda de Palocci guinda a senadora Gleisi Hoffmann à Casa Civil. Chamada de “Barbie” no Congresso, ela tem tudo para mostrar que as aparências enganam apenas a quem se deixa enganar

DANIEL PEREIRA

GERENTE *A ministra Gleisi Hoffmann: “Quero agir como a presidente, porque ela age com clareza, razão e sentido público, sempre em defesa do Brasil”*



Na última terça-feira, a presidente Dilma Rousseff demitiu Antonio Palocci do cargo de ministro-chefe da Casa Civil. Pela segunda vez em pouco mais de cinco anos, o petista foi obrigado a deixar uma posição de destaque no governo. Em 2006, quando Lula era presidente, Palocci caiu do Ministério da Fazenda depois da violação do sigilo bancário do caseiro Francenildo Costa, que o acusara de frequentar uma mansão de má reputação, em Brasília, alugada por lobistas interessados em verbas públicas. Na semana passada, ele deixou o Palácio do Planalto após resistir a dar explicações convincentes sobre os clientes de sua empresa de consultoria, a Projeto, cujo faturamento financiou a expressiva evolução patrimonial do agora ex-ministro. Na gestão Dilma, Palocci tinha tarefas e poderes que transcendiam, e muito, os de um típico chefe da Casa Civil. Ele coordenava o ministério, era o principal interlocutor do empresariado e negociava a votação de projetos e o preenchimento de cargos com os partidos aliados. Ou seja: depois de coordenar a campanha eleitoral de Dilma, tornara-se uma espécie de primeiro-ministro.

Demitir um auxiliar tão influente foi a decisão política mais difícil tomada por Dilma em cinco meses e dez dias de mandato. “Agradeço, do fundo do meu coração, ao meu amigo Antonio Palocci por tudo o que ele fez pelo governo, por mim e pelo Brasil”, disse Dilma, com a voz embargada, na cerimônia de transmissão de cargo na Casa Civil. Para o posto de Palocci, a presidente escolheu a senadora Gleisi Hoffmann, do PT do Paraná, esposa do ministro das Comunicações, o petista Paulo Bernardo. Chamada carinhosamente de “polaquina” e de “Barbie” por colegas de partido, adepta da meditação e mãe de dois filhos, Gleisi é filiada ao PT desde 1989. Formada em direito, foi secretária de estado em Mato Grosso do Sul e de Gestão Pública em Londrina — sempre em governos petistas. É considerada estudiosa e reconhecida pela dureza nos debates. Um “pit bull”, segundo senadores opositoristas. “A Dilma da Dilma”, como vem sendo chamada em Brasília. Na Casa Civil, promete manter



o estilo: “Quero agir como a presidente, porque ela age com clareza, razão e sentido público, sempre em defesa do Brasil. A presidente é um exemplo para mim”, disse ao tomar posse.

A troca do ministro da Casa Civil marca uma inflexão no governo da presidente. Dilma deixou claro que Gleisi só cuidará de gestão na Casa Civil. A pasta, portanto, será desidratada, num processo inverso ao perpetrado por Lula justamente para dar musculatura à então candidata a presidente Dilma Rousseff. O ministério perderá a atribuição de chefiar a negociação política com o Congresso — uma tarefa espinhosa que traz desgastes mas também prestígio. Gleisi ainda cumprirá uma função indireta. Bonita e simpática, é vista como o dínamo capaz de mudar a imagem casmurra da gestão atual. O mais relevante, porém, é que, a partir de agora, Dilma emitiu sinais claros de que está assumindo, de fato, a condução do governo, montando sua equipe, afastando-se da tutela de Lula e exercendo na plenitude a Presidência da República, sem intermediários.

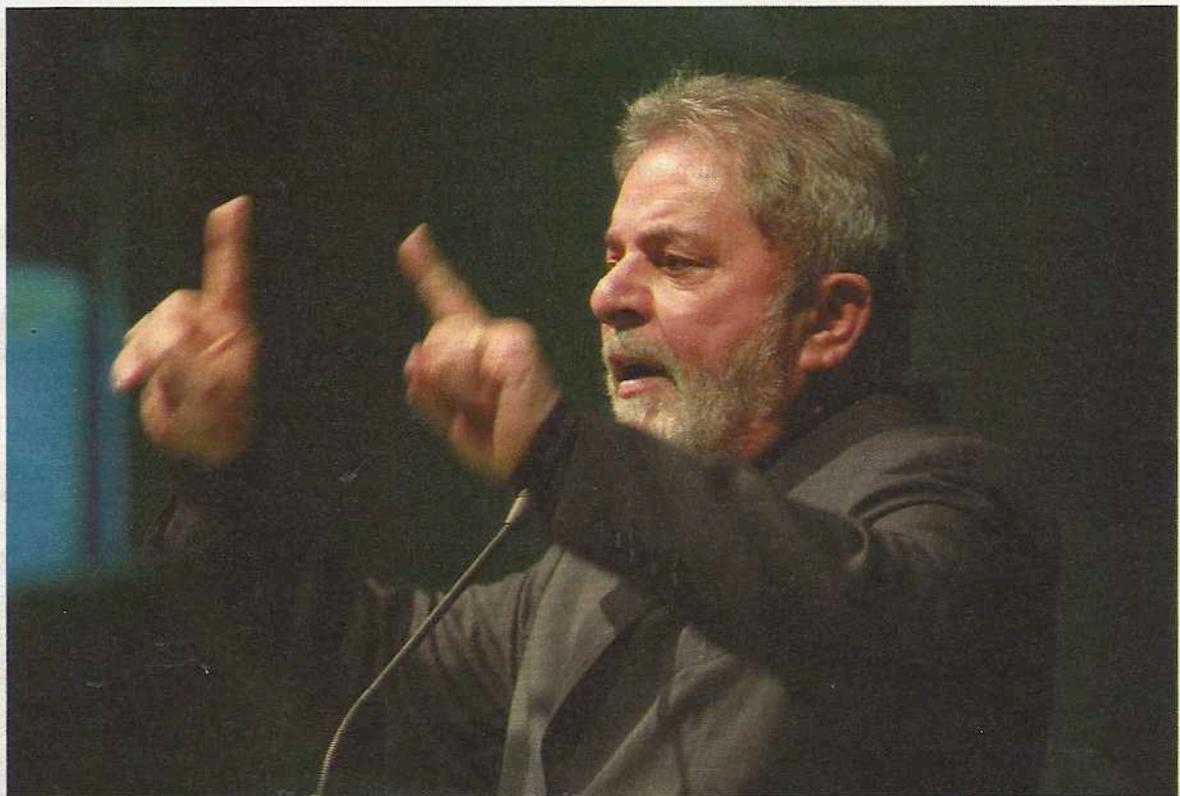
No Brasil, o presidente tem uma atuação quase imperial. Legisla por meio de medidas provisórias, usurpando uma competência dos congressistas, impõe entendimentos jurídicos ao Supremo Tribunal Federal, como no caso do pedido de extradição do terrorista italiano Cesare Battisti, e pode demitir diretores do Banco Central quando bem entender. Dilma dividia esses poderes com Palocci. Agora, assumirá a tarefa de desatar sozinha — ou, pelo menos, sem a ajuda de um “primeiro-ministro” — nós como a reforma tributária, a privatização dos aeroportos e de obras de infraestrutura da Copa, além de afiançar ao mercado que não haverá mudança na política econômica, compromisso do qual Palocci era símbolo. Diz o cientista político Paulo Kramer, professor da Universidade de Brasília (UnB): “A troca na Casa Civil pode ser o começo de uma guinada para longe da influência do PT de São Paulo, que é a causa de todos os infortúnios da era Lula”.

São muitos os indícios de que essa guinada vai acontecer. O mais impor-



SERGIO LIMA/FOCALPRESS

PROMOVIDA Ideli Salvatti deixa a Pesca e vai para a articulação política



GUSTAVO MIRANDA/AGÊNCIA O CIGRIBO

JH NETO/AGE

GOVERNO PARALELO *O ex-presidente Lula articulou com os petistas a permanência de Antonio Palocci no cargo e fez chegar ao Planalto que era contra a nomeação de Gleisi Hoffmann para a Casa Civil: derrota em dose dupla*



ORLANDO BRITO/BRITONNEWS

REBAIXADO *Luiz Sérgio deixa a articulação política e vai para a Pesca*

tante deles é o fato de Gleisi ter sido uma escolha solitária da presidente Dilma Rousseff. Até segunda-feira à noite, véspera da demissão de Palocci, Lula defendia a manutenção do correligionário na Casa Civil. Chegou a dizer a Gilberto Carvalho, ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República, que não aceitava a nomeação de Gleisi Hoffmann, e garantiu ao próprio Palocci, em uma conversa telefônica, que lutaria por ele. Horas antes dessa intervenção imprópria do ex-presidente, Palocci havia recebido um atestado de boa conduta do procurador-geral da República, Roberto Gurgel, que não viu razão para abrir uma investigação sobre a sua suspeita evolução patrimonial. Preocupada com o desgaste de imagem do governo e disposta a estancar a crise política, Dilma decidiu contrariar o tutor. Agiu numa tentativa também de recuperar a autoridade perdida duas semanas antes, quando Lula circulou por Brasília posando para fotos com petistas e peemedebistas e articulando uma operação a fim de salvar Palocci. A troca no mi-

nistério nem sequer foi combinada previamente com o aliado PMDB.

“Aquela intervenção do Lula deu à sociedade a clara ideia de que este governo não tem comando. Isso pode ter criado na presidente a vontade de dar ao governo uma cara mais dilmista”, diz o cientista político Rubens Figueiredo. Quando era ministro, Palocci servia de anteparo a Dilma. Era ele quem se sentava à mesa para negociar liberação de verbas e indicações para postos na máquina federal. Por ordem da presidente, Palocci implantou uma relação tensa com o Congresso, materializada na demora para realizar nomeações e no corte de emendas parlamentares. Esse papel explica em parte por que ele foi minado por aliados, sobretudo petistas, quando apenas cumpria ordens. Com a demissão do ministro, Dilma perde esse poderoso biombo. Resultado: comandará pessoalmente essas negociações. Sem a sombra de um “primeiro-ministro”, terá melhores condições de aferir, no dia a dia, a temperatura da base aliada, seu grau de satisfação ou de rebeldia. O lado negativo é a possibilidade de se desgastar

tar nas infundáveis e perigosas negociações no varejo. “Haverá uma mudança de perfil do governo. A saída do Palocci exigirá uma atuação muito maior da presidente no campo da política”, diz o senador Jorge Viana (PT-AC).

Em teoria, Dilma poderia ungar um articulador político tão poderoso quanto Palocci. Mas não foi isso que aconteceu. A presidente promoveu um remanejamento. O ministro de Relações Institucionais, Luiz Sérgio, foi transferido para a Pesca; e a ministra da Pesca, Ideli Salvatti, foi nomeada para as Relações Institucionais. Nos oito anos de mandato de Lula, Ideli liderou duas vezes o governo no Senado, onde ganhou notoriedade mais pela disposição do que pela inspiração. Esbanja força de trabalho, mas, segundo os próprios colegas de partido, peca pela falta de habilidade para negociar. Na melhor versão, era chamada de “trator”. Na pior delas, de “burro trabalhador”. Esse histórico foi lembrado à exaustão por petistas e peemedebistas na tentativa de vetar a escolha. Dilma, porém, se fez de surda. Como no caso da substituição de Palocci, a presidente preferiu se afirmar diante das pressões do PT e de caciques governistas reconhecidos pelo apego ao fisiologismo. Resta saber os impactos da decisão.

O fato é que, a partir de agora, Dilma terá de se dedicar mais às conversas com partidos e parlamentares. É o que diz um ex-ministro da articulação política de Lula, para quem o governo passado colheu recorde de aprovação popular por equilibrar sucessos nas áreas da política, comandada pelo petista, e da gestão, sob a batuta de Dilma. “Para ser presidente da República, tem de fazer política, mesmo que a contragosto.” Desde o início do mandato, Dilma adotou como regra mandar ordens do Planalto, cobrando cumprimento à risca dos parlamentares. Foi assim na votação do salário mínimo. Repetiu a dose na votação do Código Florestal, quando o governo foi derrotado, resultado atribuído, em parte, ao tratamento dado aos congressistas pela dupla Dilma-Palocci, considerada centralizadora e dura na hora de recompensar os votos governistas no Congresso.

A condução da crise envolvendo Palocci também revelou muito do perfil

de Dilma Rousseff. Reservada, ela toma decisões consultando pouquíssimos conselheiros, buscando evitar ao máximo o vazamento de informações. O estilo discreto e autossuficiente vem surpreendendo a classe política, habituada aos antecessores Fernando Henrique Cardoso e Lula, que costumavam ouvir muito, reunir aliados e vaziar informações estratégicas antes de anunciar decisões mais importantes. Dilma sempre teve aversão a encontros e conversas com políticos. Depois da crise que envolveu Palocci, até deu início, premiada pelas cobranças, a uma rodada de conversas com partidos governistas. Mas a prioridade da presidente são reuniões técnicas para discutir a execução de projetos.

Um ministro de Lula comparou as atuações dos presidentes. Em 2005, no auge do escândalo do mensalão, Lula convocou um gabinete de crises, composto de Márcio Thomaz Bastos, Eduardo Campos, Aldo Rebelo, Ciro Gomes, José Múcio e José Alencar. O grupo se reunia todo dia, às 9 da manhã, analisava o noticiário e os problemas no Congresso e discutia os rumos a seguir. “Aqueles reuniões foram fundamentais para enfrentar a maior crise do governo, quando havia até o risco de impeachment. A gente saía de lá com um discurso unificado e uma estratégia clara de ação”, afirma o ex-ministro. Dilma não ouviu ninguém de fora do seu grupo. O ex-ministro José Dirceu, réu do esquema do mensalão, mas reverenciado no PT, passou três dias em Brasília sem conseguir falar com Dilma. Voltou para São Paulo sem saber que Luiz Sérgio, seu afilhado político, fora rebaixado. O governo Dilma começou. ■

**COM REPORTAGEM
DE OTÁVIO CABRAL E
PAULO CELSO PEREIRA**

SENAI

Suplente da ministra é citado pela polícia por envolvimento com grupo que desviava dinheiro público através de laranjas e funcionários-fantasma

HUGO MARQUES



CRISTIANO MARIZ

OR GAFANHOTO

A exemplo do desmoralizado Senado Federal, a Assembleia Legislativa do Paraná foi infestada por atos secretos que permitiram aos parlamentares nomear parentes e compadres para cargos públicos. Eram funcionários de dois tipos: fantasmas ou laranjas. O primeiro grupo consistia naqueles que embolsavam o salário sem sequer aparecer no trabalho. O segundo era formado pelos que, de fato, trabalhavam, mas tinham de deixar parte do salário com o deputado que lhes concedera a graça do empre-

go. As irregularidades, operadas por um grupo que ficou conhecido como o esquema dos “gafanhotos”, são investigadas pela Polícia Federal desde 2008. Foram identificadas 74 contas bancárias de pessoas que ajudaram de alguma forma a desviar milhões de reais do contribuinte. Dois desses insetos paranaenses pousaram em Brasília na semana passada. O mais vistoso deles é o advogado Sérgio de Souza, que vai assumir, na condição de suplente, a vaga da recém-empossada ministra-chefe da Casa Civil, Gleisi Hoffmann.

Sérgio Souza é apontado como um “gafanhoto” do gabinete do ex-governador paranaense Orlando Pessuti, quando este era deputado estadual. A Polícia Federal descobriu que Erotildes Matias de Souza, uma dona de casa de 62 anos, mãe de Sérgio Souza, também constava como funcionária da Assembleia. Mãe e filho, além disso, recebiam os vencimentos na mesma conta bancária, mas ela nunca foi ao trabalho. Procurado por VEJA, o novo senador negou qualquer irregularidade. “Trabalho com o Pessuti desde 1992”, explicou. De fato, Sérgio é sócio do filho do ex-governador em um escritório de advocacia em Curitiba. Mas e a mãe? “Ela cuidava

dos interesses do ex-deputado em Ivaiporã, ia de vez em quando ao gabinete”, justificou. A informação foi desmentida pelo próprio escritório político de Pessuti em Ivaiporã, no interior do estado. “A família dele tem mesmo ligação com o ex-governador, mas dona Erotildes nunca trabalhou aqui”, disse a

NUVEM

Sérgio Souza e o senador Renan Calheiros: “Estou aqui para servir”



DANIEL DEREWICKI/AGF

NO PLANALTO O ex-governador Pessuti, investigado por desvio de dinheiro, foi nomeado conselheiro do BNDES

VEJA Rosilda de Oliveira, funcionária do ex-governador há 22 anos.

Os gafanhotos são pragas. O ex-governador Pessuti, uma espécie de “gafanhoto-chefe”, recebia, até ser descoberto, salário de consultor administrativo na Assembleia, sem jamais ter prestado concurso público. Chegou lá guiado por um “ato secreto”, eufemismo para ato clandestino. Ato idêntico beneficiou sua mulher, Regina Pessuti, que também recebia sem trabalhar. As péssimas credenciais de Pessuti, ao que parece, não atrapalharam em nada sua carreira. Pelas mãos do PMDB, na semana passada ele pousou no governo federal, mais precisamente no conselho de administração do BNDES. Ao mesmo tempo, no Senado, seu pupilo, Sérgio Souza, já se entrosava comodamente no novo habitat. Um de seus primeiros encontros foi com o líder de seu partido, o senador Renan Calheiros. “Senador Renan, estou aqui para servir. Conte comigo!”, disse, antes de trocar um afetuoso abraço. Dado o passivo do senador-gafanhoto — e o histórico do líder do PMDB —, o ecossistema do Congresso está preservado. ■



SEM CONTRATO

VEJA teve acesso a documentos em que executivos de empreiteira dizem que o ex-ministro Palocci ajudou doadora de campanha do PT

RODRIGO RANGEL

Em 30 dezembro de 2010, faltando apenas um dia para terminar o governo Lula, a construtora Camargo Corrêa vendeu ao fundo de pensão dos funcionários da Petrobras (Petros) a participação acionária que detinha na holding de um grande banco por 3 bilhões de reais. Um negócio absolutamente normal na superfície. A transação, no entanto, só saiu depois da intervenção do ex-ministro Antonio Palocci. No ano passado, como se descobriu recentemente, Palocci acumulou as atividades de deputado federal e consultor de empresas. As tratativas com a Camargo Corrêa começaram quando o ex-ministro já coordenava a campanha da presidente Dilma Rousseff e foram concluídas dois dias antes da posse, quando ele era o todo-poderoso chefe do governo de transição da presidente eleita, já anunciado como novo comandante da Casa Civil. Não houve contrato formal, até onde se sabe, nem pagamento pelo serviço. A Camargo Corrêa doou oficialmente 8,5 milhões de reais ao comitê eleitoral da campanha petista. Doou também para a campanha do candidato tucano José Serra. Não existem provas de que o acerto com a Petros tenha sido azeitado pela doação de campanha, mas, conhecendo os mecanismos de negócios entre as grandes empreiteiras e o estado brasileiro, é lícito indagar se sem a doação o negócio sairia da mesma forma.

Palocci sempre negou ter sido intermediário dos pleitos da empresa. “Não houve nenhuma prestação de consulto-

ria”, respondeu a VEJA, por escrito, quando ainda era ministro. Repetiu o desmentido em sua entrevista ao *Jornal Nacional*. A empreiteira também nega: “Mais uma vez, de forma expressa e específica, reforço que o ministro Palocci jamais prestou serviço ao Grupo Camargo Corrêa e ou suas empresas controladas ou coligadas de qualquer natureza por qualquer via em qualquer momento”. VEJA teve acesso a documentos que mostram o contrário. A Camargo Corrêa tentava vender, desde 2009, sua participação acionária na holding Itaúsa. Em tempos de crise global, não estava fácil encontrar investidores interessados em desembolsar valores tão elevados por ativos financeiros. A empreiteira bateu às portas dos maiores investidores líquidos do Brasil, os fundos de pensão das empresas estatais. A Previ, o fundo de aposentadoria do Banco do Brasil, aceitou conversar, mas não demonstrou muito entusiasmo pelo negócio. Em três oportunidades, a área técnica do fundo manifestou restrições. Nos escalões superiores chegavam instruções políticas para “analisar o

caso com carinho porque havia interesse direto do governo”. As ações também foram oferecidas à Petros. Há evidências de que Antonio Palocci foi, nesse negócio junto à Petros, o portador das mensagens de interesse do governo. É um dos sócios da Camargo quem relaciona o ex-ministro à transação.

Os documentos aos quais VEJA teve acesso mostram que havia uma aparente discordância entre os donos da empresa sobre a melhor forma de encaminhar o negócio. Uma ala, representada pelo sócio Fernando Botelho, achava que o melhor seria insistir na negociação com a Previ, confiante de que os obstáculos postos pela área técnica poderiam eventualmente ser contornados. A outra frente, liderada pelo sócio Luiz Nascimento, defendia a “solução política” — que, afinal, prevaleceu. De acordo com os documentos obti-

INFLUÊNCIA

O empreiteiro Fernando Botelho: “controle sobre o ‘médico’”





NA CAMPANHA
Palocci seria
a garantia
de que o negócio
se concretizaria

WILTON JURUBAIA

dos pela revista, Nascimento dizia ter uma interlocução privilegiada com o “Palácio e a candidata”. O sócio da empreiteira afirmava ter “total controle” sobre “o médico”, codinome dado a Palocci, que é sanitarista por formação. Os documentos deixam claro que o desfecho positivo da “solução política” dependia da eleição de Dilma Rousseff — e da posição que Palocci ocuparia no futuro governo. Fica evidente que a empreiteira decidiu fazer uma aposta de risco ao apoiar fortemente a campanha petista, posicionamento considerado uma “aventura” pelo grupo que não confiava na tal “solução política”.

Nos documentos, o caso é epigrafado como a “Novela da venda das ações do Itaú”. No início de outubro do ano passado, quando a vitória de Dilma parecia certa, um dos sócios escreveu que, apesar das garantias obtidas, era o caso de esperar porque, ainda que Palocci viesse mesmo a ser “o poderoso”, com trânsito e interlocução direta com Dilma e o PT, a venda só seria concretizada

com a conjunção dos seguintes fatores: Dilma eleita. Palocci confirmado como homem forte e, claro, cumprida a promessa feita pelo então deputado. O sócio da Camargo escreveu o que, talvez, explique o porquê de nem a empreiteira nem o ministro poderem admitir a ajuda. O documento sugere que a “promessa” de Palocci estava vinculada às doações da empresa à campanha de Dilma. Em determinada passagem, um dos sócios, ainda receoso, pondera que “ainda bem” que tudo foi feito de maneira “legal”. VEJA conversou com um executivo envolvido na operação. Ele explicou que o “apoio” em questão é o dinheiro que a empreiteira injetou na campanha petista após julho de 2010. “O fechamento do negócio dependia do resultado da eleição”, conta o executivo. A compra das ações foi aprovada por unanimidade pelos conselheiros do fundo em 5 de outubro, dois dias depois da votação em primeiro turno das eleições, e concretizada em 30 de dezembro, a dois dias da posse de Dilma. ■

Emoção, diversão, aventura e romance.
É, agora você pode dizer que conquistou quase tudo na vida.
Conheça nossos lançamentos em DVD.



CGCOM

Acesse www.globomarcas.com ou ligue (11) 2196-7025

GLOBO
MARCAS



som livre



A pequena foto no alto da página ao lado é um dos poucos registros que comprovam a existência de Gesmo Siqueira dos Santos, de 47 anos. Petista de carteirinha, ele é um híbrido de fantasma e “laranja”. Não tem profissão definida, mas nada em dinheiro de origem desconhecida. Sócio ou ex-sócio de dezenas de empresas, é dono de onze carros e comprador de 41 imóveis pagos à vista em uma década. Já foi alvo de 108 inquéritos policiais, a maioria por adulteração de combustível e fraude em documentos. Mais de trinta desses inquéritos viraram processos em São Paulo e produziram ordens judiciais para que ele fosse ouvido pelas autoridades. Mas os oficiais de Justiça dão um duro danado para encontrá-lo. Todos os endereços que constam em seus documentos são falsos. Investigado há uma década, prestou depoimento uma única vez — e sumiu. Na semana passada, Gesmo ganhou notoriedade nacional na esteira do caso Palocci. Ele “comprou” em 2005 o apartamento (hoje em nome de um sobrinho seu) de 640 metros quadrados e aluguel de 15 000 reais em que vive a família do ex-ministro Palocci na capital paulista. Por tudo o que o seu currículo evidencia — e mais o que se pode depreender dele —, é alarmante que o destino do petista Gesmo tenha se cruzado com o do ex-ministro mais poderoso do governo Dilma.

Inquéritos da polícia e do Ministério Público mostram que Gesmo é um laranja profissional. Aparentemente, ganha a vida ocultando o patrimônio de clientes que não querem ter a fortuna revelada. Ele está no centro de um esquema criminoso e milionário de lavagem de dinheiro — que apenas começou a ser descascado. Uma investigação feita pela Delegacia de Investigações sobre Crimes de Lavagem de Dinheiro de São Paulo e pelo Grupo Especial de Repressão aos Delitos Econômicos, do Ministério Público paulista, revela que Gesmo tem sob seu domínio uma quadrilha de pelo menos quinze pessoas que emprestaram seu nome e CPF para o registro de

O LARANJA-FANTASMA

“Comprador” do apartamento em que mora Antonio Palocci, o misterioso petista Gesmo Siqueira é, segundo investigações, “um lavador de dinheiro profissional”

Laura Diniz e Fernando Mello



QUEM É GESMO SIQUEIRA DOS SANTOS



■ Filiou-se ao PT, em abril de 1988, na cidade de Mauá, no ABC paulista

■ Investigação da Polícia Civil e do Ministério Público mostra que ele é um lavador de dinheiro profissional

■ Para ocultar o patrimônio de seus clientes, montou uma rede de **15 laranjas**, incluindo sua própria mãe, a mulher, a sogra, o sobrinho e a empregada

■ Entre 2002 e 2011, teve **57 empresas** — sobretudo postos de combustível e imobiliárias — registradas em seu nome ou no de sua quadrilha

■ Já foi alvo de **108 inquéritos** policiais

■ Em uma batida em seu escritório, a polícia encontrou **22.000 notas fiscais falsificadas** ou duplicadas

■ Entre 2005 e 2007, suas empresas movimentaram cerca de **35 milhões de reais** de origem suspeita

■ De 1996 a 2006, ele e a mulher “compraram” e “pagaram à vista” **41 imóveis**, entre eles o apartamento onde hoje vive a família do ex-ministro Antonio Palocci



NEGÓCIO FRUTÍFERO

O apartamento onde vivem os Palocci foi “doado” por Gesmo (na foto à dir.) a um sobrinho — o laranja do laranja

57 empresas (o tal sobrinho em cujo nome está hoje o apartamento em que vivem os Palocci seria mais uma dessas pessoas). Gesmo lava dinheiro de duas formas: simulando falsas operações imobiliárias e cometendo falcatruas que envolvem postos de combustível. Seu *modus operandi* foi descoberto durante uma batida feita pela polícia em 2005 em seu escritório. Lá, foram encontradas 22.000 notas fiscais falsas, duplicadas ou pertencentes a empresas desativadas. Preenchidas com valores fictícios, simulavam vendas de combustível

de distribuidoras para postos e de postos para consumidores. Por meio delas, Gesmo conseguia dar uma destinação contábil regular a valores de origem desconhecida. Além disso, ele adulterava o combustível dos postos de gasolina, o que lhe permitia “esquentar” dinheiro em cima de cada litro vendido. Gesmo tem um irmão, chamado Gildásio Siqueira Santos, que usa o mesmo esquema de postos para lavar dinheiro — com a diferença de que, ao contrário de Gesmo e de outras pessoas, pelo menos um entre seus clientes já foi identificado. É a facção criminosa paulista PCC, conforme apurou o Ministério Público.

Os trambiques do fantasma laranja ocorreram especialmente no ABC paulista. Boa parte dos endereços falsos que ele apresenta é de Mauá, lu-

gar que Gesmo conhece bem. Foi lá que, em 16 de abril de 1988, ele se filiou ao PT. O partido tem uma relação profunda com a cidade: além de ter sido uma das primeiras cuja prefeitura a legenda conquistou, ela foi palco de uma série de escândalos políticos e de corrupção protagonizados por petistas. No ano passado, o Ministério Público acusou a prefeitura do PT de ter participado de um esquema que desviou 615 milhões de reais dos cofres públicos. Foi também a partir de Mauá, em 2009, que o sigilo da filha do tucano e então presidente José Serra foi violado nas dependências da Receita Federal, por meio de procurações falsas fornecidas por um petista. O partido transformou Mauá num centro de malversações, malfeitos e maldades. ■

IMPUNIDADE ANUNCIADA

Ilegalidades praticadas pelos investigadores durante a Operação Satiagraha provocam a anulação do processo na Justiça e, mais uma vez, livram banqueiro da cadeia

A Operação Satiagraha, criada para investigar secretamente os enroladíssimos negócios do banqueiro Daniel Dantas, chegou ao fim — e da pior maneira possível. O Superior Tribunal de Justiça decidiu anular o processo e, por consequência, a condenação de Dantas por corrupção ativa. Mais uma vez, o estado brasileiro perde a oportunidade de trancafiar um suspeito como resultado dos desvarios de agentes públicos, que conduzem investigações

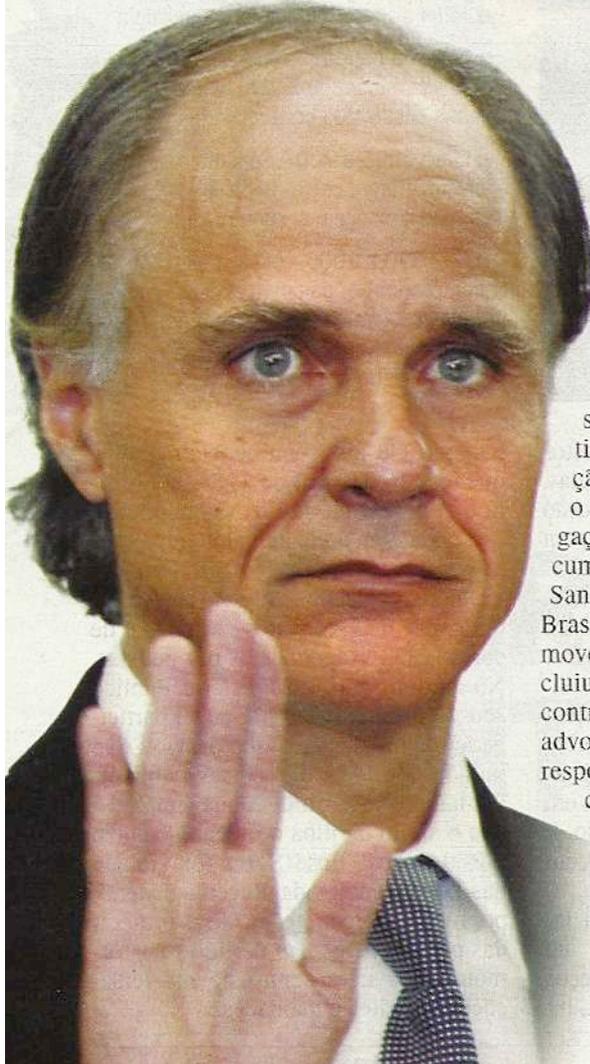


AGENTES FORA DA LEI

O juiz De Sanctis (acima), Paulo Lacerda e Protógenes (ao lado): para conseguir prender Dantas (à esq.), a lei foi tratada como mero detalhe



FOTOS: PATRICIA STAVIS; ALAN MARQUES/STIC/IA IMAGEM



sentindo-se acima das leis. A Satiagraha serve como uma triste lição. No afã de prender o banqueiro, o delegado encarregado da investigação, Protógenes Queiroz, com a cumplicidade do juiz Fausto De Sanctis e uma ajudinha da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), promoveu um festival de abusos, que incluiu espionagem e escutas ilegais contra ministros, senadores, juízes, advogados e jornalistas. A má-fé dos responsáveis pela investigação provocou, inclusive, o descarte da única prova que levou à condenação de Dantas: um vídeo que mostrava o banqueiro tentando subornar um delegado da PF. As imagens haviam sido feitas pela Rede Globo, mas Protógenes

as anexou ao processo como se fossem de autoria da polícia.

A decisão do STJ decepciona os brasileiros honestos, mas fortalece o estado de direito brasileiro. Para investigar as malfetorias do banqueiro, Protógenes não só se valeu de sua relação próxima demais com o juiz De Sanctis, que autenticou as irregularidades em vez de coibi-las. Ele contou com o apoio de um inusitado exército de espões e ex-espões da Abin, autorizados pelo seu chefe, o então delegado Paulo Lacerda, a operar na clandestinidade. Tudo isso se passou sob os olhares atentos do Ministério Público. Validar uma investigação marcada por tantos vícios seria uma afronta à democracia, independentemente de quem fosse o réu. Disse o ministro Jorge Mussi, ao proferir o voto decisivo: “Não é possível que arremedos de provas colhidas de forma impalpável possam levar à condenação. Coitado do país em que

seus filhos possam vir a ser condenados com provas colhidas na ilegalidade”. O professor de direito processual penal Celso Vilardi, da Fundação Getulio Vargas, vai além: “Sob o ponto de vista da lei, uma escuta telefônica não autorizada é tão grave quanto a tortura de réus”.

Os três mentecaptos responsáveis pelas ilegalidades da Satiagraha, apesar de tudo, vão muito bem. Protógenes pegou carona na votação de Tiririca e se elegeu deputado. O juiz De Sanctis foi promovido a desembargador. Na semana passada, o Conselho Nacional de Justiça arquivou o processo disciplinar contra ele, por não ter competência para punir desembargadores, apesar de reconhecer as ilegalidades praticadas pelo magistrado. O delegado Paulo Lacerda está aposentado.

MENINA, TIRA ESSA ROUPA JÁ

Adivinhem o que as adolescentes preferem, ouvir os conselhos paternos e dispensar o ínfimo shortinho ou seguir o exemplo da Miley, da Vanessa...

MARIANA AMARO

Um shortinho jeans do tamanho aproximado de um cinto, sutiã vermelho sob a camiseta branca agarrada e botas de salto alto. Era assim que a filha de 14 anos de uma médica mineira — ambas com identidade preservada, por motivos óbvios — pretendia ir ao aniversário de uma amiga. “Desse jeito você não vai”, desesperou-se a médica, dando início a um bate-boca que culminou em um copo quebrado (pela mãe), a porta do quarto batida (pela filha) e cinco dias de greve de silêncio. Desde então, a situação piorou muito mais. “Já cheguei a tirá-la de um motel pelos cabelos. Depois disso, claro, fomos as duas para a terapia”, conta a mãe, oscilando entre a tristeza e a resignação. Mesmo sem atingirem níveis similares, as divergências sobre trajes adequados à faixa etária estão na origem de uma boa parte dos conflitos familiares. A orientadora educacional Meire Nocito, do colégio Visconde de Porto Seguro, em São Paulo, recebe semanalmente pais que a procuram para conversar sobre problemas com os filhos. Metade dos casos está relacionada ao modo excessivamente sensual como as meninas se vestem. “Censurar não ajuda. O papel da mãe é explicar, todo dia, durante todas as brigas, pacientemente, que, vestida daquele jeito, a menina corre riscos emocionais e físicos”, diz Meire. O embate entre criação (os pais que que-

rem adiar a emergência da sexualidade) e natureza (as filhas que descobrem o próprio corpo e uma das forças mais avassaladoras do universo, o poder sexual) está na base da própria civilização. Mas mesmo os espíritos mais avessos ao excesso de moralismo que o tema envolve não podem ignorar a hipersexualização vigente em numerosas esferas da sociedade contemporânea. “Há uma tendência de antecipar tudo. As crianças aprendem a ler e escrever mais cedo e a usar o corpo mais cedo também”, diz Patrícia Gimenez, coordenadora do núcleo de adolescência da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. A psicóloga lembra que, encantadas com a graça infantil das meninas, há mães que vestem as filhinhas com roupas iguais às suas, incluindo o sapato de saltinho. É um susto quando a garotinha ganha os contornos da puberdade e começa a escolher o que vai vestir. Protestos de pais contra a precocidade de modelos tiraram da rede americana Abercrombie & Fitch, a meca mundial dos adolescentes, um sutiã de biquíni do tipo que levanta e ressalta os seios. Em abril, saiu das prateleiras das Lojas Pernambucanas um sutiã de bojo para garotas de 6 anos.

A luta parece inglória quando, do lado dos decotes, fendas, microssaias e outros elementos do arsenal de sedução,



LANDOV



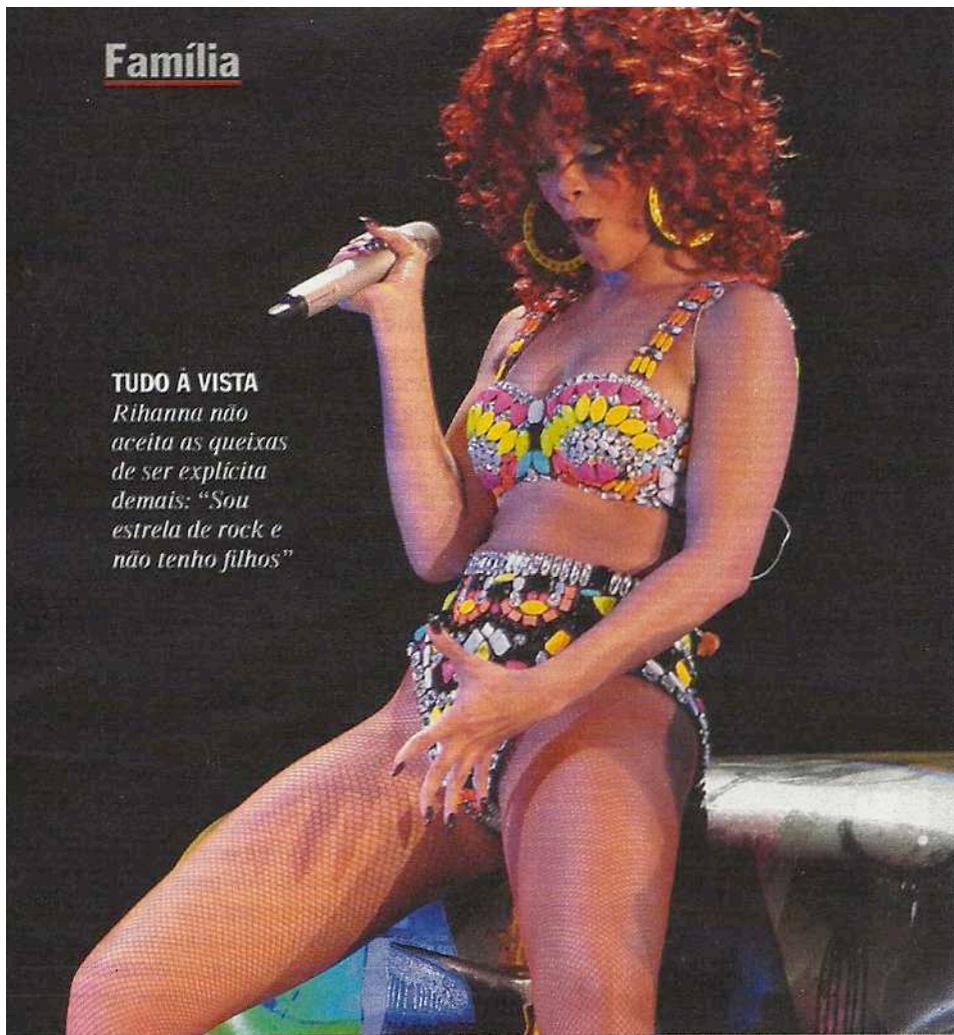
EXPLORAÇÃO NAS ESTRELAS

Transparente, escandaloso ou perigoso: o exemplo de ídolos como Miley Cyrus, Taylor Momsen e Vanessa Hudgens aflige os pais

milítam justamente os nomes mais cultuados pelas meninas. Até as que começam certinhas como Miley Cyrus, a adorada Hannah Montana, nascida no “cinturão da Bíblia”, logo revelam grande desinibição. Vanessa Hudgens, do comportado *High School Musical*, além de sair totalmente do padrão Disney, caiu na armadilha das fotos íntimas tiradas por celular. Blake Lively, do seriado *Gossip Girl*, atualmente enfrenta um caso semelhante (veja o quadro na pág. 84). Taylor Momsen, coleguinha de elenco, nem precisou do celular: já apareceu em público de cinta-liga e meias vermelhas. “Sou estrela de rock e não tenho filhos. Por que as pessoas querem que eu vire mãe?”, reclamou a cada vez mais ousada Rihanna, depois que uma organização de pais para o controle voluntário dos programas de televisão nos Estados Unidos denunciou seu último clipe, *Man Down*, por cenas que simulam estupro e assassinato. Na semana passada, o primeiro-ministro da Inglaterra, David Cameron, anunciou uma série de medidas recomendadas por organizações de pais, incluindo a classificação de vídeos por faixa etária e a proibição de imagens sexualizadas na televisão antes das 21 horas. A filha de 7 anos do casal Cameron já foi proibida de ouvir músicas da cantora Lily Allen, outra gracinha que resolveu mostrar praticamente tudo.

Além do pesadelo vigente mesmo entre os pais mais liberais — o sexo sem vontade e até sem anuência, induzido por uma pseudomaturidade —, meninas que adotam comportamentos de mulheres adultas estão expostas a um novo tipo de violência, a digital. “Muitas garotas não acham nada de errado em ser filmadas pelo namorado na hora da intimidade”, diz Emerson Wendt, delegado especializado em crimes cibernéticos. “O problema é que muitos deles jogam essas imagens na internet. E aí a vida

FREDERICK M. BROWN/GETTY IMAGES



REN FEATURES

TUDO À VISTA

Rihanna não aceita as queixas de ser explícita demais: “Sou estrela de rock e não tenho filhos”

delas vira um inferno.” A prática vem se tornando frequente nas escolas e entrou até na novela *Insensato Coração*. Cecília, personagem de Giovanna Lancellotti, é filmada por um personagem mau-caráter quando está na cama com o namorado; as imagens caem na rede; ela sofre humilhações na faculdade e rompe com o rapaz bonzinho. Tudo, claro, vai dar certo no fim, mas a vida real é mais complicada. “Um garoto da minha classe me chamou para ir à casa dele e a gente acabou transando. Depois de uns dias, ele fez um clipe da gente, com música e tudo, e chamou os amigos para ver”, conta, às lágrimas, uma jovem de 15 anos, do Rio de Janeiro. “Pensei até em me matar. Terminei mudando de colégio, mas não tenho coragem de falar com ninguém da escola antiga.” É claro que nem toda roupinha mais atrevida termina assim — e é claro que não existem respostas fáceis para os pais. “Eles devem trabalhar duro para criar cumplicidade com os filhos. É isso que pode aumentar a proteção a eles”, aconselha o psiquiatra

Alexandre Saadeh. E sem as ofensas da hora da raiva. “Quando a mãe grita aquela frase horrorosa, dizendo que a menina ‘está parecendo’ tal e coisa, a autoestima da filha é comprometida”, explica Maria Helena Vilela, diretora do Instituto Kaplan, de educação sexual. E, como sabem até os pais mais distraídos, autoestima abalada provoca praticamente metade de todos os males contemporâneos. ■



Algo para se arrepende

A prática não se restringe às adolescentes — está aí para provar o patético deputado americano Anthony Weiner, que fotografou umas coisinhas e outras e, orgulhoso, mandou para mulheres com quem trocava intimidades. A capacidade de sintetização da língua inglesa criou até o termo *sexting* (contração de sex e *texting*, o envio de mensagem eletrônica, principalmente pelo celular) para resumir o espírito do negócio. O temperinho erótico pode desandar em altos constrangimentos. Blake Lively, 23, atriz do seriado *Gossip Girl* e namorada de Leonardo DiCaprio, anda às voltas com a difícil tarefa de negar que seja a loira extraordinariamente bela que aparece despida em fotos extravasadas para a rede. Aos 15 anos, a cantora Miley Cyrus precisou buscar uma desculpa esquelética: as fotos de camiseta e calcinha estavam arquivadas num celular que foi roubado, o ladrão malvado espalhou-as pelo mundo e é assim que a gente “aprende com os próprios erros”. As imagens da atriz Vanessa Hudgens divulgadas em 2007 eram muito mais comprometedoras — e obviamente ela acreditava que o namoradinho seria um tûmulo. Segundo levantamento feito pela MTV dos Estados Unidos, 30% dos jovens americanos entre 14 e 24 anos já praticou *sexting*. Outra pesquisa mostra que, entre as meninas, 51% o fizeram devido à pressão de um garoto. “A divulgação de imagens é crime e engana-se quem pensa ser impossível descobrir o infrator”, avisa o delegado Emerson Wendt. Quando o culpado é localizado, sendo maior de idade, pode ser julgado por crime de pedofilia e difamação. Menores estão sujeitos a medidas socioeducativas.

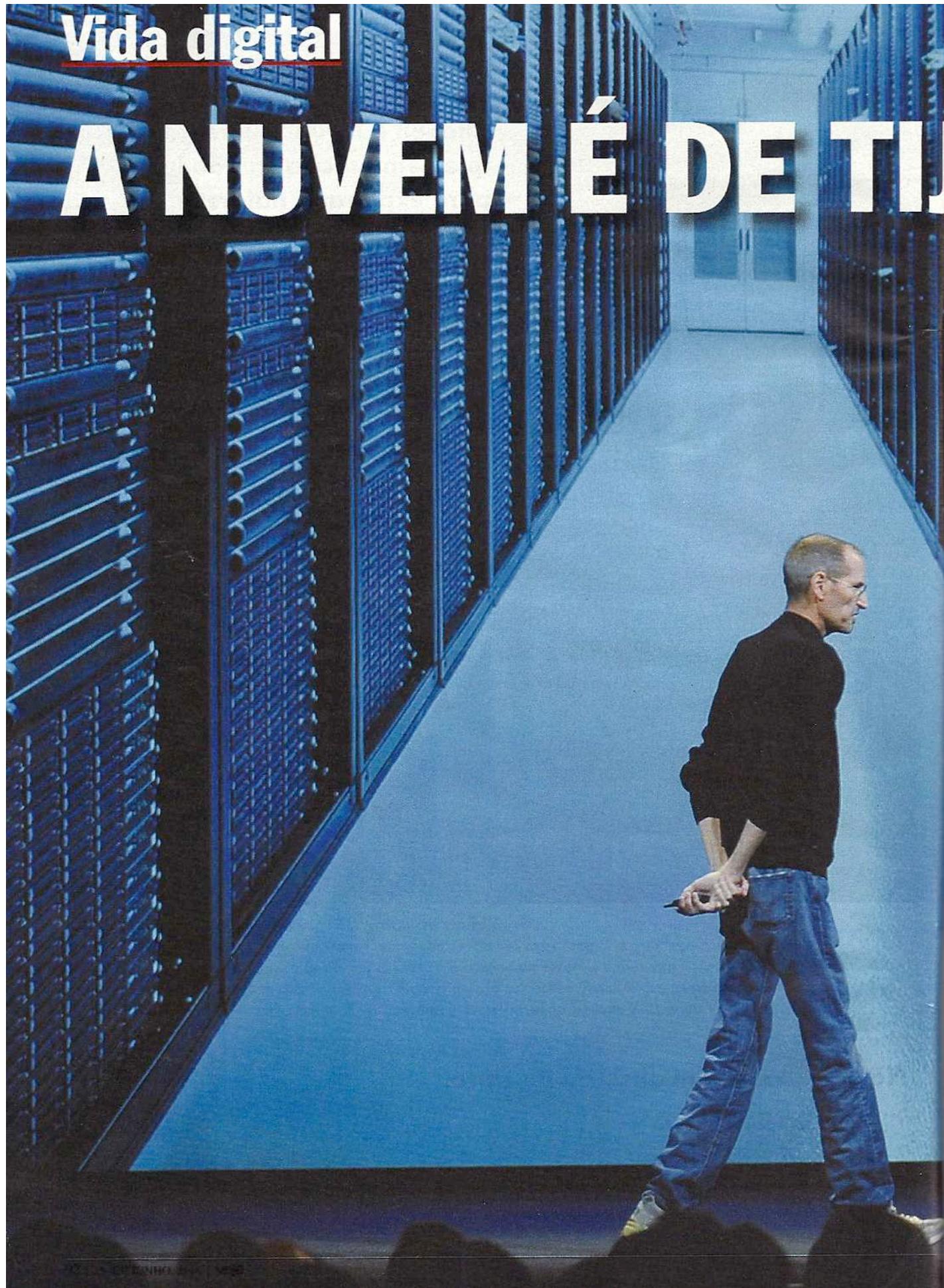
BRUNA STUPPIELLO

EU? NEM PENSAR

Cara de Blake, cabelo de Blake...

Vida digital

A NUVEM É DE TI



OLOS



iCloud

ALEXANDRE SALVADOR E FILIPE VILICIC

O sistema que armazena todos os arquivos dos aparelhos da Apple, e que parece etéreo, só é possível porque há conjuntos de servidores do tamanho de campos de futebol

MEMÓRIA A DISTÂNCIA

Jobs em frente a uma foto do novo data center de sua empresa: "Com o iCloud, os PCs e Macs serão apenas dispositivos, não o centro de nossa vida digital"

Nefelibatas são aqueles que vivem com a cabeça nas nuvens. Como adjetivo, a palavra tem, tradicionalmente, conotação pejorativa.

Na nova era digital, é preciso rever o que se pretende dizer ao empregá-la. Viver nas nuvens não pode mais ser um sinônimo de viver distraído. Ao contrário, está se tornando condição necessária a quem usa computadores no trabalho ou no lazer — ou seja, 2 bilhões de pessoas. Na chamada computação em nuvem, os arquivos digitais não mais são guardados nos discos rígidos dos computadores — nem, no caso das empresas, em servidores próprios. Eles ficam armazenados em servidores remotos, aos quais se tem acesso pela internet. Assim, não se depende mais da memória do computador e os arquivos estão disponíveis em qualquer lugar, já que as informações não se encontram mais presas a uma só máquina. A nuvem está em formação há anos e já mostrou ser a inovação que vai definir o mundo digital nesta década. Na semana passada, uma contribuição a esse admirável mundo novo foi dada por Steve Jobs, o CEO da Apple. Ele apresentou um novo serviço, o iCloud. Esse é um sistema de armazenamento e sincronização de arquivos, fotos, músicas e aplicativos. Ele guarda nos servidores da Apple, ou seja, na nuvem, tudo o que se carrega em um dos aparelhos produzidos pela empresa, seja um iMac, iPad, iPod ou iPhone, e automaticamente o torna disponível nos outros aparelhos da família ou em PCs. O sistema é sob medida para acabar com uma velha dor de cabeça: aquela que todos têm quando precisam de um arquivo que está em outra máquina ou quando querem ouvir uma música no carro mas o iPod foi esquecido em casa. "Manter os aparelhos eletrônicos sincronizados se tornou uma loucura", disse Jobs na apresentação. "Com o iCloud, os PCs e Macs serão apenas

ZUMA PRESS



GIGANTE DE AÇO Fazenda de servidores da Equinix, na Califórnia: informações de grandes empresas mantidas à temperatura constante de 21 graus

Ao infinito e além

A única constante em cloud computing é a multiplicação dos números de processamento de dados

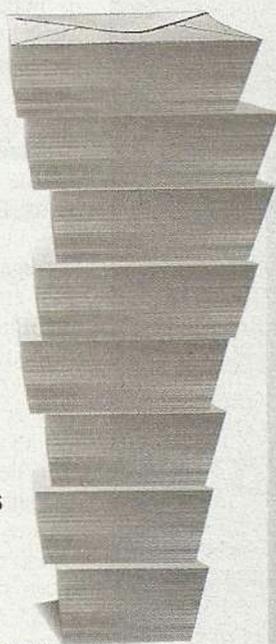
Tráfego mensal médio de quem usa a internet*

24,8 gigabytes

Para enviar essa quantidade de informação por escrito, seria necessário **1 milhão de cartas de uma página cada uma, ou 10 toneladas de papel**

* Projeção para 2015

Fonte: Consultoria Internacional Data Corporation (IDC)



A escala na medição dos bytes

Kilobyte

1 000 bytes

Megabyte

1 000 000 de bytes



Disquete de 3,5 polegadas

Gigabyte

1 000 000 000 de bytes



DVD simples

dispositivos. O centro de nossa vida digital estará nas nuvens”, completou.

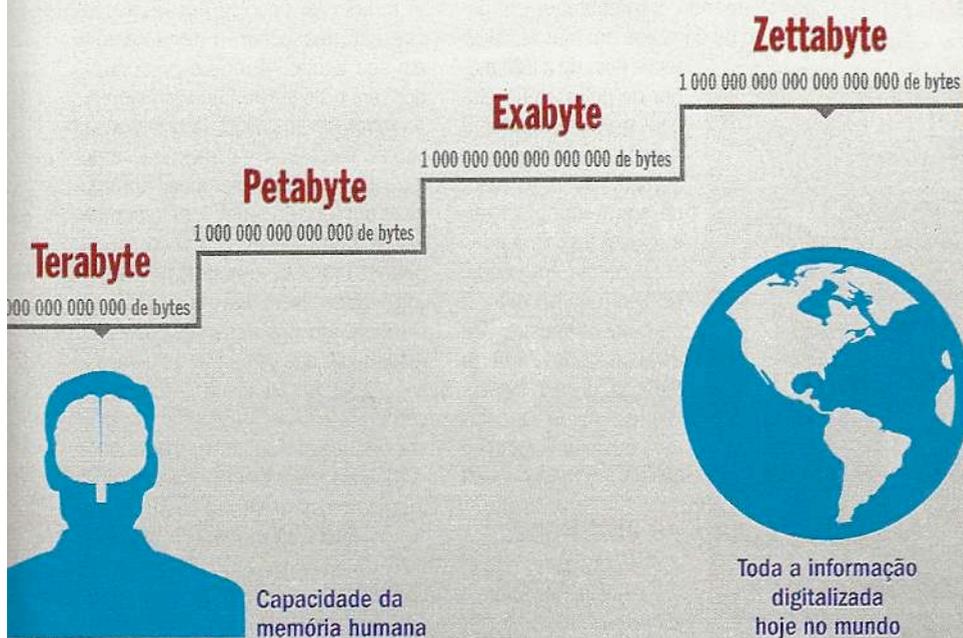
O iCloud estará disponível a partir de setembro e vem para substituir o extinto MobileMe, ferramenta de sincronização da Apple, considerada um fiasco pelo próprio Jobs. O MobileMe era um serviço pago (99 dólares anuais), que fazia backup dos contatos, compromissos e e-mails e os sincronizava nos diferentes aparelhos do usuário. Não era disso que as pessoas precisavam. O iCloud vai incorporar esses serviços e adicionará outros, sem custo algum. Qualquer alteração feita em um arquivo é automaticamente registrada pelo sistema, que atualiza a versão disponível na nuvem e a distribui para os aparelhos usados pelo consumidor — desde que tenham a marca Apple ou sejam PCs. Será oferecido gratuitamente um espaço de 5 gigabytes de armazenamento — para isso a Apple conta com três centrais de servidores, a mais recente com 46.500 metros quadrados e cuja construção custou 500 milhões de dólares. Para comparar, isso equivale a encher de computadores uma área correspondente a seis campos de futebol. A nuvem, já se vê pelo gigantismo dessas instalações, é apenas uma figura de linguagem. Para oferecer serviços na nuvem, as empresas usam recursos com alicerces bem sólidos na terra. São enormes data centers, conhecidos como fa-

zendas de servidores, mantidos permanentemente à temperatura de 21 graus. O maior data center da Amazon ocupa um terreno de 65.000 metros quadrados, o equivalente ao terminal de passageiros do Aeroporto de Congonhas.

A idéia de nuvem, em formato ainda rudimentar, data de 1961. O especialista em inteligência artificial John McCarthy, então professor do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, descreveu um modelo em que centrais forneceriam o processamento e o armazenamento de dados para residências e empresas. A primeira vez em que se falou de computação em nuvem foi em 1997, na formulação de Ramnath Chellappa, hoje professor da Universidade Emory, em Atlanta: “É um paradigma da computação, em que as fronteiras são limitadas por razões econômicas, e não por razões técnicas”. Em termos práticos, a nuvem é a capacidade ociosa de servidores de gigantes, como o Google e a Microsoft, que pode ser emprestada ou vendida a quem quiser usá-la para guardar ou processar seus arquivos digitais e programas de computador. Para as empresas, conservar na nuvem os dados que alimentam seus sistemas significa uma tremenda economia. Primeiro, não é preciso manter uma bateria de servidores, cuja manutenção custa caro. Segundo, não é necessário comprar licen-

ças que apenas parte dos funcionários vai usar. Terceiro, é possível ter acesso a uma velocidade de processamento alta a custo muito baixo. É isso que viabiliza iniciativas como o Facebook, criado por estudantes de Harvard em 2004 e hoje a maior rede social da internet.

A nuvem democratiza as oportunidades de negócios on-line. Ela significa, para as empresas modernas, o que as grandes distribuidoras de eletricidade representaram para as companhias no início do século passado, dispensando-as de manter geradores próprios e oferecendo energia mais barata. No ano passado, Steve Jobs falou sobre o futuro dos computadores, fazendo uma analogia com a indústria automotiva no começo do século passado. “Naquela época, boa parte da população americana vivia no campo, e lá os tratores também eram utilizados como meio de transporte. Com o crescimento das cidades, os carros de passeio ficaram mais populares e se provaram mais úteis para esse uso”, disse o dono da Apple. “Os PCs (computadores de mesa e notebooks) serão esses tratores. Eles continuarão por aqui, mas cumprindo funções específicas e serão a minoria.”

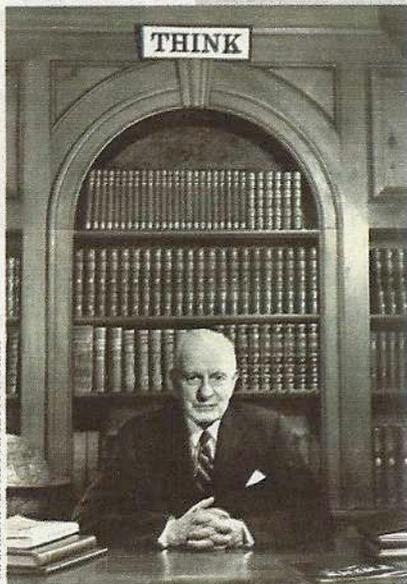


Se cada byte fosse um grão de arroz, 1 zettabyte equivaleria a **20 quatrilhões de quilos de arroz**, ou o suficiente para alimentar a humanidade por **30 000 anos**

AVETRA/IMAGES.COM/GETTY IMAGES

Para o armazenamento de músicas, a Apple fez acordos com as quatro principais gravadoras internacionais, ao custo estimado de 150 milhões de dólares. Isso permitirá que as composições baixadas através do iTunes, a loja virtual de música da Apple, estejam disponíveis simultaneamente em até dez aparelhos. A transferência é feita direto dos servidores da Apple, e não mais de aparelho para aparelho. Nesse terreno, Jobs deu um passo além. O iTunes Match, um serviço pago à parte e que custará 25 dólares anuais, identifica as músicas presentes no acervo que não foram compradas no iTunes — aquelas baixadas de sites ou extraídas de CDs. As músicas que também figurarem no acervo da Apple, que conta com 18 milhões de faixas, serão substituídas por arquivos de maior qualidade e oferecidas nos outros aparelhos. Com isso, a Apple vai até mesmo legalizar músicas que foram baixadas ilegalmente.

A Apple entra com certo atraso em um segmento já dominado pela Amazon, pelo Google e pela Microsoft, pioneiros em hospedar bytes e processar programas de consumidores e empresas em suas nuvens, ou seja, em seus servidores. Mas é uma entrada com barulho, ao estilo de Steve Jobs. Em 2010, a computação em nuvem ficou com apenas 5% do 1,5 trilhão de dólares dos gastos das empresas com tecnologia da informação. O futuro será diferente. Evidentemente, muitas grandes empresas e os governos ainda mantêm desconfiança com relação à nuvem, temendo colocar informações confidenciais em servidores alheios. “Os limites da nuvem ainda precisam ser testados para que se saiba sua real dimensão”, disse a VEJA o cientista da computação Monte Davidoff, um dos primeiros desenvolvedores da Microsoft. As possibilidades abertas pelo armazenamento e processamento a distância, no entanto, fazem da nuvem, como querem Steve Jobs e seus pares, o futuro da computação.



MAVTT BRASIERE/DEJALAT/ISTOCK

SUPERCOMPUTADOR DISTANTE

Larry Ellison: visão além de seu tempo

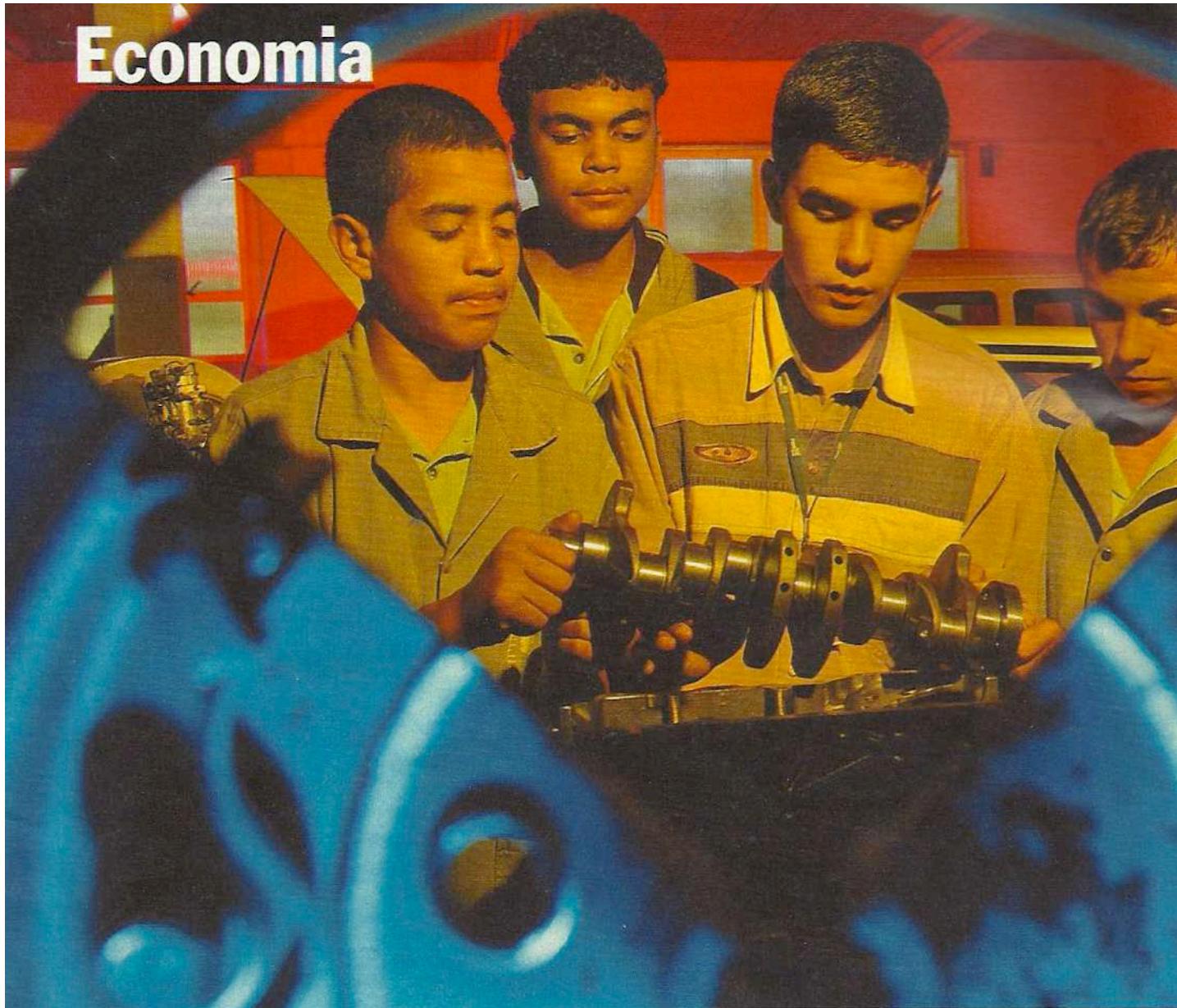
Visionários por acaso

“Eu acho que há no mundo mercado para talvez cinco computadores.” Essa frase, atribuída a Thomas J. Watson, fundador e presidente da IBM, supostamente dita em 1943, tem lugar de destaque em qualquer antologia de palpites infelizes (ainda que a empresa insista em desmentir que ele alguma vez tenha pronunciado tal besteira). O fim da história é bem conhecido. Quatro décadas mais tarde, a IBM desenvolveu o Personal Computer, o PC, transformando o computador em um produto de consumo em massa. Talvez seja a hora de a IBM mudar de política em relação a seu fundador e passar a vê-lo como um homem de visão além de seu tempo. Em termos globais, as vendas de PC estão em queda. No comparativo entre o primeiro trimestre de 2010 e o de 2011, a redução foi de 1,1% nas vendas. Ainda é cedo para decretar a redução de seu mercado a uns

“cinco computadores”, mas a tendência é perfeitamente visível e de fácil explicação. Uma delas é a multiplicação de dispositivos móveis, como os tablets e os smartphones. Com capacidade de processamento e armazenagem suficiente para a necessidade diária da maioria das pessoas, eles tornam quase dispensável o desktop. A computação em nuvem será o golpe final? É curioso, mas o conceito da migração dos dados digitais para um ponto remoto foi descrito por visionários que não mereceram o devido crédito em seu tempo. “A rede é o computador”, era o slogan da Sun Microsystems nos anos 80. Em 2000, Larry Ellison, da Oracle, fundou a New Internet Computer (NIC), que tinha por mote “Um monitor, um teclado e um supercomputador distante”. Não é uma definição perfeita para a computação em nuvem? Sobre isso, disse a VEJA Monte Davidoff, um dos desenvolvedores do Altair Basic, que está entre as primeiras linguagens da Microsoft: “A computação é um círculo. A ideia de nuvem já era empregada nos anos 70, quando computadores gigantes alimentavam terminais que eram usados a distância”. Como o movimento é pendular, pode-se dizer que todo visionário terá seu segundo de relógio parado: em algum momento, ele dará a hora certa.

PALPITE INFELIZ

Thomas Watson: não viu o grande negócio da própria empresa

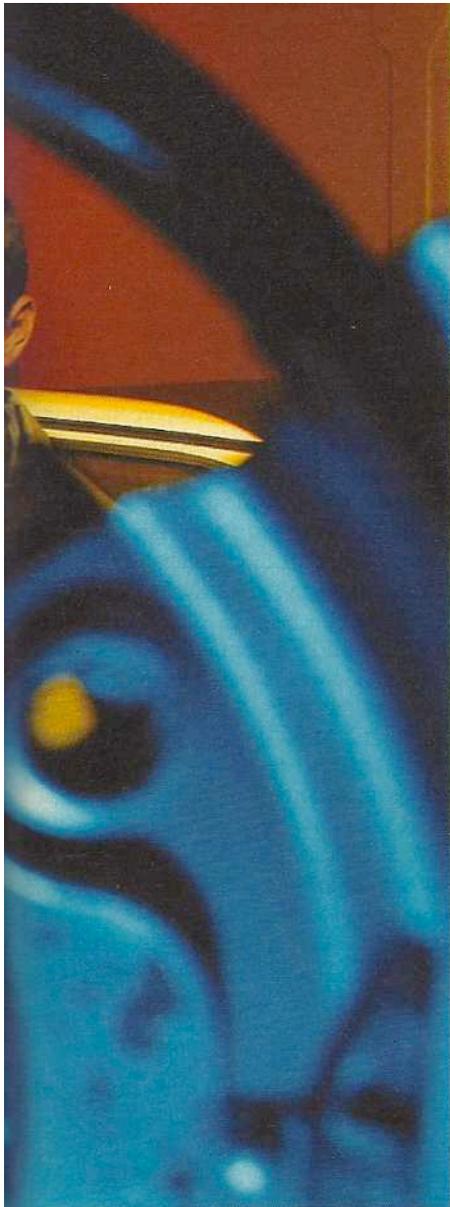


NOVAS METAS PARA UM NOVO BRASIL

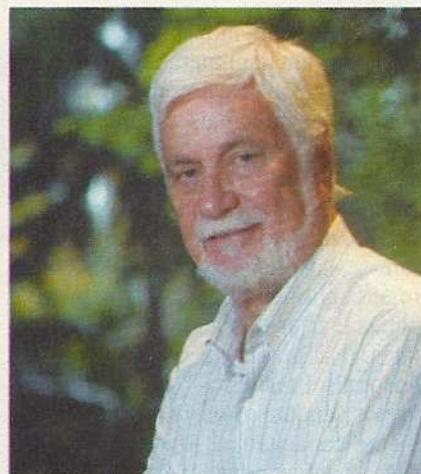
Sai em livro uma estupenda análise dos desafios do Brasil para preservar e ampliar o desenvolvimento social conquistado nos últimos vinte anos

GIULIANO GUANDALINI

Em 1986, o economista Edmar Bacha, em parceria com o professor da Universidade Colúmbia Herbert Klein, editou o livro *A Transição Incompleta: o Brasil desde 1945*, em que diversos autores analisavam a evolução social do país que acabara de se redemocratizar. O Brasil deixara de ser essencialmente rural e emergira como uma sociedade industrializada e urbana. Transição incompleta, diziam os autores, porque deixou de fora milhões de famílias favelizadas, vítimas de moléstias endêmicas e sem a educação mínima para exercer uma função produtiva numa sociedade contemporânea. Passados 25 anos, chega agora às livrarias



FOTOS: FABIANO ACCORSI, OSCAR CABRAL, LÉLIO PINHEIRO/FOLIA PRESS



ENSINO TÉCNICO de qualidade e que forme profissionais prestigiados e bem pagos. Essa é uma das prioridades listadas pelos autores Simon Schwartzman (à esq.) e Edmar Bacha, no livro *Brasil: a Nova Agenda Social*

Brasil: a Nova Agenda Social (LTC; 380 páginas; 65 reais), que, desta vez, Bacha organiza com o sociólogo Simon Schwartzman. O livro resultou de uma série de debates promovidos pela Casa das Garças, centro de estudos econômicos do qual Bacha é um dos diretores, e pelo Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets), presidido por Schwartzman. A meta agora não é simplesmente expandir a oferta de hospitais, escolas ou programas assistenciais, mas dar mais eficiência aos vultosos gastos já feitos nessas áreas.

Um brasileiro que nasça hoje deverá viver mais de 70 anos, uma expectativa próxima da de países desenvolvidos. O percentual de famílias pobres caiu para 16%, menos da metade do que era ao final da ditadura militar. A desigualdade de renda nunca foi tão baixa em três dé-

cadás. É perceptível a evolução no último quarto de século, firmada pela estabilidade na política e na economia. O país superou mazelas típicas de povos atrasados e começa a enfrentar problemas de nações ricas, tais como o crescente custo na saúde pública e a trajetória explosiva da previdência. Chegou o momento de elevar o desenvolvimento social a um novo patamar. Sem necessariamente gastar mais dinheiro público, pelo contrário. Em um estado que consome, com seus tributos, perto de 40% de tudo o que os brasileiros produzem, não há como sobrecarregar a economia com novos impostos. A agenda social proposta por Bacha e Schwartzman tem como meta primeira, portanto, ampliar a produtividade dos investimentos. “O básico foi atingido. Há escolas para as crianças e um sistema público de saúde. Agora tem início o mais difícil, que é eleger prioridades”, afirma Bacha. De acordo com Schwartzman, a questão não é mais de universalização dos programas sociais, “mas de pensar nos custos e na qualidade”.

A seguir, uma síntese dos desafios e prioridades analisados pelos autores em cinco áreas: educação, saúde, previdência, combate à pobreza e violência.

EDUCAÇÃO

DESAFIOS: A cada 100 crianças de até 11 anos, 99 estão matriculadas em um colégio. Os números comprovam que o país venceu a batalha inicial, que era pôr os pequenos no colégio. Mas, observados

com mais detalhe, os indicadores expõem as fragilidades nessa área vital para o futuro. Entre os alunos dos colégios públicos, 29% concluem o ciclo básico com capacidade tida internacionalmente como mínima em português e apenas 11% deles em matemática.

PRIORIDADES: Um ponto inicial é aumentar o período em que os estudantes ficam na escola. De acordo com números apresentados por Naercio Menezes, os alunos da rede pública têm, em média, apenas três horas de aula por dia, descontando-se intervalos e interrupções. Não chega à metade do ideal. Ao contrário do que reza o senso comum, os professores da rede pública não ganham menos, na média, que seus colegas do setor privado. A diferença na qualidade do ensino está, em boa medida, na gestão. Nesse sentido, precisam ser incentivados os programas que premiem professores e diretores que alcancem objetivos estipulados. Finalmente, o país precisa rever o viés acadêmico, como argumenta Schwartzman. Investir no ensino técnico e orientado para as necessidades do mercado de trabalho é o caminho, em vez de desperdiçar tempo e dinheiro tentando ensinar conteúdos que a maior parte dos estudantes universitários nem está apta a absorver.

SAÚDE

DESAFIOS: Diz o senso comum que falta dinheiro, daí a péssima qualidade do sistema público de saúde. É a justificativa típica dos que tentam ressuscitar a CMPF, o famigerado imposto do che-

que. O argumento não se sustenta diante de uma comparação internacional. O Brasil investe em saúde tanto quanto (ou até mais do que) outros países semelhantes. “Não há evidência de que o Brasil gaste pouco”, afirma André Medici, especialista no assunto. O país, na verdade, gasta mal. Inauguram-se hospitais para atender a interesses políticos, mas despreparados para sanar as demandas mais elementares. Na prática, a maior parte dos hospitais brasileiros vive com leitos vazios, enquanto as instituições realmente capacitadas, sobretudo as ligadas a universidades, oferecem uma rotina de superlotação e filas.

PRIORIDADES: André Medici propõe, entre duas dezenas de medidas, criar protocolos bem definidos para os tratamentos e priorizar os atendimentos daqueles que mais necessitam e não tenham cobertura de seguro privado. Dar mais eficiência aos gastos e eleger prioridades são as questões-chave. O SUS deveria também acompanhar mais de perto o histórico médico de seus pacientes, com a expansão do Programa Saúde da Família e a informatização dos dados dos

pacientes. Outra medida que parece acertada é fazer parcerias com o setor privado, como vem ocorrendo em São Paulo. A gestão de hospitais estaduais e municipais foi concedida a administradores externos. A experiência revelou um aumento da eficiência hospitalar, com queda no tempo de internação e maior número de atendidos.

PREVIDÊNCIA

DESAFIOS: O sistema atual, criado pela Constituição de 1988, nasceu num Brasil de população jovem, de baixa informalidade e com poucos assistidos. Desde então, dobrou o contingente de aposentados na população. País relativamente jovem, o Brasil gasta com a Previdência hoje tanto quanto nações ricas e velhas (aproximadamente 11% do PIB). Em países com uma demografia semelhante à brasileira, as despesas são da ordem de 4% do PIB. O déficit previdenciário, contando os sistemas dos trabalhadores do setor privado (INSS) e dos regimes especiais do setor público, ultrapassa 100 bilhões de reais ao ano. É uma montanha de dinheiro suficiente para acabar com todos os gargalos na infraestrutura e dotar o país de estradas

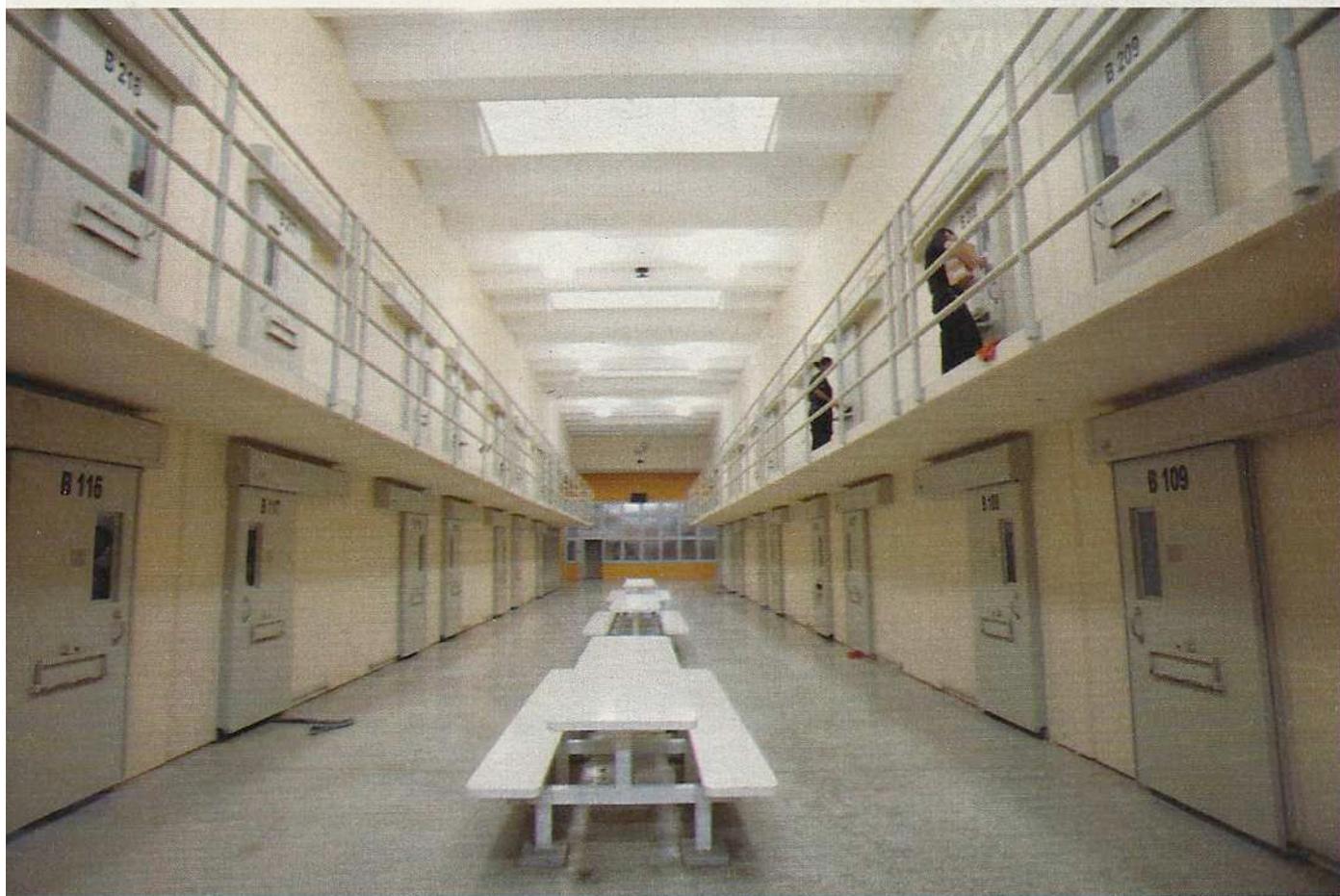
e aeroportos de Primeiro Mundo. Não é por outro motivo que o déficit na Previdência tem sido apontado como uma das maiores travas à aceleração da taxa de crescimento do PIB. O mais grave é que, se nada for feito, os desequilíbrios tendem a se aprofundar. Hoje, apenas 10% da população brasileira tem mais de 60 anos. Daqui a vinte anos, o percentual será de 20%. Em 2050, os idosos serão quase um terço da população.

PRIORIDADES: A lista de reformas proposta pelos especialistas Fabio Giambiagi e Paulo Tafner inclui o aumento do tempo de contribuição, o estabelecimento de idade mínima para os trabalhadores do setor privado e a diminuição na generosidade na concessão de pensões. O Brasil é um dos poucos países em que não há nenhum tipo de fator condicionante para o cálculo de pensões. Os valores são pagos integralmente e não são proporcionais ao número de filhos. Finalmente, será necessário rever o privilégio nas aposentadorias dos funcionários públicos. Os servidores aposentados e seus pensionistas representam apenas 10% do total de aposentados, mesmo assim consomem um terço das despesas.

PÚBLICO, MAS EXEMPLAR

Hospitais administrados em parceria com o setor privado atendem melhor os pacientes que aqueles nas mãos do governo





MANDEL MARQUES

IMPUNIDADE

Os Estados Unidos prendem, proporcionalmente, oito vezes mais homicidas que o Brasil

COMBATE À POBREZA

DESAFIOS: O Bolsa Família foi um dos passos mais efetivos dados pelo país na diminuição da miséria e na redução da desigualdade social. É o tipo de medida eficiente, que chega aos que realmente necessitam. São 13 milhões de famílias atendidas, a um custo de apenas 0,5% do PIB. Menos clara, contudo, é sua eficácia na melhora da educação e da qualidade de vida futura dos beneficiários.

PRIORIDADES: Para que se criem as chamadas “portas de saída” e sejam rompidas as amarras da dependência, será necessário ampliar as contrapartidas exigidas dos beneficiários. É preciso dar estímulos aos filhos dessas famílias para que não se contentem com o ensino básico. Uma das sugestões do especialista André Portela seria consti-

tuir uma espécie de poupança a cujo saque os estudantes tivessem direito apenas quando deixassem o ensino médio, da maneira que já ocorre em Minas Gerais.

VIOLÊNCIA

DESAFIOS: Diz o economista Sergio Guimarães Ferreira: “A ausência de segurança deixa os indivíduos ao arbítrio dos donos de territórios, destrói negócios e o prazer do lazer”. Além de incitar o aumento da violência, portanto, a dominação de morros e favelas por gangues solapa o desenvolvimento econômico e social dos moradores dessas regiões. O aumento da criminalidade foi um dos tópicos da agenda social mais ignorados — e, em grande medida, ainda é. Na ilusão de certos sociólogos, imaginou-se que a distribuição de renda sanaria a questão. Demorou-se para investir em coerção.

PRIORIDADES: Prender bandidos e mantê-los encarcerados deveria ser a mis-

são primeira de todas as secretarias de Segurança Pública. Com exceção de São Paulo, onde a população carcerária mais que dobrou na última década, o Brasil prende pouco. Isso significa impunidade, o que alimenta o crime. Há menos de dez presos para cada homicídio. Nos Estados Unidos existem 82,8, no Chile 87 e na França 137. Outro ponto é a ocupação policial das áreas conflagradas. Por fim, é necessário investir em inteligência. Tipicamente, uma grande parte dos crimes se concentra numa faixa estreita do território urbano. Ao concentrar os esforços nessas áreas, a polícia ganha em eficiência.

Conclui Sergio Ferreira: “Muito pode ser feito antes que optemos por rever o Código Penal e mesmo antes que mais gastos sejam reservados para a segurança pública”. Uma lição que, como demonstra *Brasil: a Nova Agenda Social*, ainda precisa ser encarada a sério pelos governantes. ■

O MONSTRO DA MP

Medida provisória espeta uma conta de bilhões de reais no bolso dos contribuintes e transforma banqueiros quebrados em ricos



A Medida Provisória nº 517, aprovada pelo Congresso no último dia 1º, recebeu o apelido de Frankenstein, por tratar de dezenove temas. Nenhum deles é tão ruinoso para os brasileiros quanto o que dispõe sobre o parcelamento de dívidas com autarquias federais. Dois parágrafos dessa MP transformam banqueiros que faliram nos anos 90 em bilionários.

DE FALIDOS A BILIONÁRIOS

O Congresso e o governo podem converter em bilionários os banqueiros que quebraram nos anos 90. A Lei nº 12 249, sancionada por Lula, deu um desconto de 45% às suas dívidas. Agora, a Medida Provisória 517 transformou suas moedas podres em dinheiro corrente

QUANTO OS FALIDOS
DEVEM AO GOVERNO

43 bilhões
de reais

QUANTO ELES GANHARIAM
SÓ COM AS DUAS MUDANÇAS

Donos do Nacional	▶ 24,1 bilhões
Donos do Econômico	▶ 16,8 bilhões
Donos do Mercantil de Pernambuco	▶ 1,2 bilhão
Donos do Banorte	▶ 0,6 bilhão

TOTAL **42,7** bilhões

O monstro envolveu suas vítimas — os contribuintes — em um ardid arquitetado silenciosamente. Em 2010, a Lei nº 12 249, sancionada pelo antecessor de Dilma Rousseff, deu descontos de 45% aos devedores de autarquias que se dispusessem a pagar seus débitos à vista. Feita sob medida para a turma da bancarrota, a lei permitiu que as dívidas dos antigos Nacional, Econômico, Mercantil de Pernambuco e Banorte com o Erário caíssem de 43 bilhões de reais para 23,6 bilhões de reais. Apesar do abatimento, o valor ainda era alto para que as massas falidas pudessem quitá-lo.

A saída apareceu agora. A MP Frankenstein obriga o governo a receber moedas podres, papéis que estão nas mãos dos ex-banqueiros, pelo seu valor de face, como se fossem dinheiro vivo. Emitidas contra o Fundo de Compensação de Variações Salariais (FCVS), essas moedas podres são negociadas com enormes descontos por investidores privados. No mercado, todos os FCVS somados valem 25,1 bilhões de reais. Seu valor de face, porém, é 33,8 bilhões de reais — justamente o valor pelo qual a MP obriga o governo a recebê-los. Espeta, assim, uma conta de 8,7 bilhões no Erário. Somado ao desconto dado pela Lei nº 12 249, o benefício aos ex-banqueiros sobe para 28,1 bilhões de reais, quase 1% do produto interno bruto. Quem pôs esse horror na MP foi o deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ), que leva Marcos José Magalhães Pinto, do extinto Nacional, para reuniões de governo. Se o texto for sancionado, Magalhães Pinto sairá da falência com 6 bilhões de reais no bolso. Cunha disse que inseriu na MP um texto preparado pela Advocacia-Geral da União (AGU) e que lhe foi enviado pelo líder do governo no Senado, Romero Jucá (PMDB-RR). A AGU nega que tenha algo a ver com o parto do monstro.

O MORDOMO Eduardo Cunha atribui à AGU os benefícios dados aos falidos

FELIPE PATURY

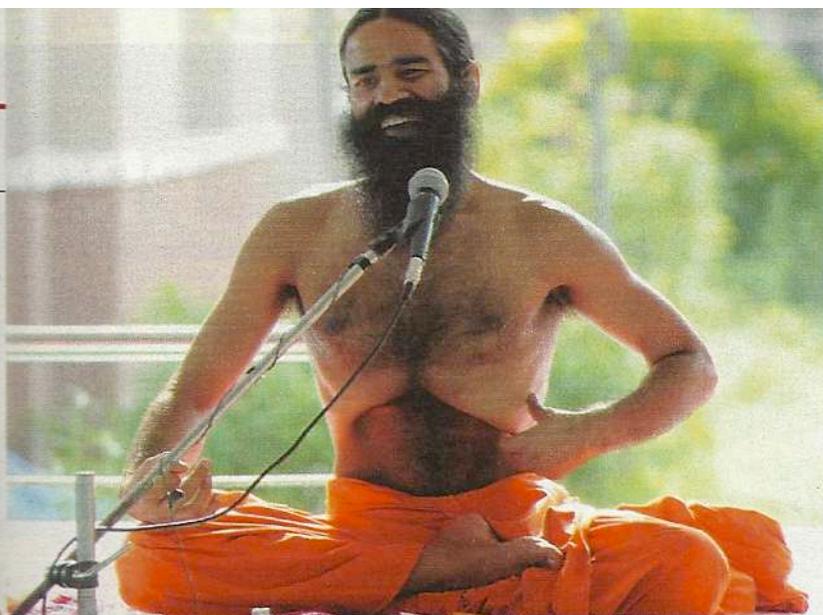
Melhoraram, sim, mas só um pouquinho

Ela já sabe que o pessoal vai falar e avisa: sim, a foto tem photoshop. Mas não muito. “Nesse dia eu estava bem, porque era quarta-feira. É só a partir da sexta que eu me entupo de pizza e cerveja. Aí, cai tudo”, descreve a multitarefas **FERNANDA YOUNG**, 41. Ela faz duas horas e meia de ginástica por dia, está escrevendo seu décimo primeiro livro e preparando a segunda temporada de *Duas Históricas*, programa no canal GNT. “E ainda tento educar quatro filhinhos. Sou daquelas mães que azucrinam as crianças, mandando lavar o cabelo e comer legumes”, diz. Na revista *Inked* de junho, ela mostra as tatuagens com os nomes dos recentemente adotados John Gopala e Catarina Lakshimi.

Sapatinho de princesa

Estudiosos da Universidade de Nova York fizeram as contas e cravaram que Michelle Obama aumentou em quase 3 bilhões de dólares o valor de mercado dos fabricantes de vestuário que tiveram a sorte de emplacar algum modelo no guarda-roupa da primeira-dama americana. Os ingleses estão sonhando com o momento em que **KATE**, a mulher do príncipe William, baterá esse número. Em seu primeiro baile de gala como duquesa de Cambridge, ela eletrizou a plebe com um cintilante vestido da grife Jenny Packham — coisa de uns 10 000 reais. Mas foi o sapato de lacinho número 39 (38 no Brasil), da marca um pouco menos elitista L.K. Bennett, que deixou Cinderela no chinelo. E o marido? Alguém se lembra dele?





MANAN WATSYANAAFI

Paz interior e pilantragem exterior

O guru **BABA RAMDEV** faz campanha contra refrigerantes (como Michelle Obama) e os produtos importados (Mahatma Gandhi). Mas a coisa vai ficando esquisita. Já inventou que ioga cura aids e câncer e foi contra a educação sexual nas escolas e a descriminalização da homossexualidade. Quando finalmente quis brigar por algo com apelo universal, foi preso. Ao lado de 50.000 seguidores, iniciou uma greve de fome, pedindo o fim da corrupção na Índia e o fechamento de contas em paraísos fiscais. Ah, e também o enforcamento de políticos ladrões. Quando a polícia chegou, Baba Ramdev tentou fugir, vestindo-se de mulher. Atrapalhou-o a barba.



URBANO IRRIST/EXTRA/AG. GLOBO

Dá só uma sacada

É bem verdade que mesmo em quadra, de camiseta e rabo de cavalo, a jogadora da seleção brasileira de vôlei **SHEILLA CASTRO**, 27, já chama atenção. Produzida para ressaltar o 1,86 metro de altura, vira praticamente outra mulher. “Adoro minhas pernas”, assume. “Como chocolate, risoto e doce de leite à vontade, porque não engordo”, diz, e, “apesar das broncas do Bernardinho, não corto o cabelo de jeito nenhum”. E quanto à escritura no pé direito? “Disso eu não falo mesmo”, fecha-se. Especulação: é o trecho de um reggae romântico, feito para um amor secreto. Com a proximidade da Copa Pan-Americana, Sheilla só pensa naquilo: “Estou focada. Treino sete horas por dia”.

Festa da terceira idade

O que uma dupla aparentemente tão diferente fazia jantando em um restaurante de Nova York? Tem explicação: em seu aniversário do ano passado, **BILL CLINTON**, 64, leilou o jantar e quem o arrematou foi um amigo em comum entre ele e o rolling stone **KEITH RICHARDS**, 67. O dinheiro foi revertido para a fundação do ex-presidente e, com a parte séria resolvida, os rapazes resolveram se divertir. “Eles pareciam estar se dando muito bem. Foram até abraçar o chef”, disse um funcionário do restaurante. Quanto ao saquinho de papel, as apostas estão abertas: 1) sobra do jantar; 2) um agradinho para Hillary, coitada, sempre viajando; 3) alguma coisa que passarinho não bebe ou que Clinton não traga, mas que Richards não dispensa de jeito nenhum.



ROCKE/ARNOLD/DT/URBANO/FLASH NEWS



**O ASSASSINO
ESTÁ LIVRE**

Battisti deixa a prisão. Ao lado, suas vítimas: o agente penitenciário Santoro, o açougueiro Sabbadin, o policial Campagna e o joalheiro Torregiani

UM TAPA NO ROSTO DA

Ao negar a extradição de Cesare Battisti, e livrá-lo da cadeia, o Brasil insulta uma nação amiga e consolida a imagem de país que abriga terroristas e assassinos

LAURA DINIZ

Há países que cultivam, explícita ou dissimuladamente, o hábito de dar guarida a terroristas e assassinos e, por isso, recebem a justa repulsa de nações civilizadas. Nesse grupo estão o Iêmen, o Paquistão, a Líbia e, desde a semana passada, também o Brasil. A entrada do país nesse triste rol foi sacramentada depois que o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu libertar o terrorista italiano Cesare Battisti em vez de extraditá-lo para seu

país natal para cumprir a pena de prisão perpétua pelo assassinato de quatro cidadãos, nos anos 70. A decisão é um vexame jurídico. Na prática, o Brasil vetou à Itália o direito de punir um homicida. Na noite de quarta-feira, Battisti deixou a penitenciária da Papuda, no Distrito Federal. No carro que foi buscá-lo, posou para os fotógrafos com um sorriso calculadamente constrangido. No dia seguinte, já estava em São Paulo. Cuidado, paulistanos de bem.

Sua primeira providência ao sair da cadeia em que passou os últimos qua-

tro anos foi solicitar a concessão de um visto de residência permanente no Brasil — afinal de contas, aqui ele se sente em casa. O pedido do terrorista será apreciado pelo Conselho Nacional de Imigração do Ministério do Trabalho no dia 22 de junho, mas a reunião será meramente formal. Battisti não terá problema algum para arrumar sua papelada. Por dois motivos: o primeiro é que pedidos de visto para residência permanente jamais são recusados no Brasil aos que têm a extradição negada. O segundo é que, aos olhos da Justiça brasileira, Battisti é um homem limpo, por mais repugnante que isso possa parecer. Assim que o visto de residência permanente lhe for concedido, portanto, o terrorista e assassino



FERNANDO BIZERRA JR./EFE/ANSA



JEROEN BOUMAN/DIVULGAÇÃO

RECURSO SUPRANACIONAL Sessão na Corte de Haia, o tribunal das Nações Unidas que julga litígios entre países

ITÁLIA

poderá viver no país para o resto da vida — e ainda ser sustentado pelo contribuinte, já que terá direito a pedir aposentadoria quando chegar aos 65 anos. Faltam apenas nove.

Enquanto Battisti comemorava a *dolce vita* que o aguarda, na Itália, parentes dos quatro cidadãos mortos por ele se mostravam inconformados com a decisão do STF. “Meu irmão morreu pela terceira vez”, disse Maurizio Campagna, irmão do policial Andrea Campagna, assassinado em uma emboscada em 1979. “A primeira foi nas mãos de Battisti. A segunda, nas três décadas em que o caso ficou esquecido. A última morte deu-se agora, com o veredicto do STF.” Na sexta-feira, como protesto, o governo da Itália

convocou seu embaixador no Brasil. Também divulgou uma nota: “A decisão não leva em conta as expectativas legítimas de justiça do povo italiano e, em particular, das famílias das vítimas de Battisti”. Roma anunciou que contestará a libertação do criminoso em Haia.

O imbróglio expôs a frouxidão dos critérios adotados pelo STF. Em 2009, o tribunal havia decidido extraditar o terrorista. Mas o fez de forma tão errática que, ao mesmo tempo em que dizia que ele deveria cumprir pena na Itália, empurrava a palavra final para o então presidente da República — que manteve o terrorista por aqui, aproveitando a brecha no tratado de extradição entre os dois países que prevê exceção a quem seja objeto de “perseguição política”. Como se Battisti, um assassino covarde, desprezado pela esquerda, direita e centro italianos, fosse um ativista coitadinho às voltas com um regime autoritário. Ultrapassada, a Itália recorreu ao Supremo, alegando que a decisão feria o acordo assinado com o Brasil em 1989. Foi nesse momento que o STF resolveu que a decisão do ex-presidente era uma questão de “soberania nacional”. Sobre isso, discordou a ministra Ellen Gracie: “Uma nação exerce sua soberania quando firma e cumpre os tratados, não quando os descumprir”. Recentemente, o STF autorizou a extradição de dois ex-torturadores que haviam servido a ditaduras em seus países, um argentino e outro uruguaio. Moral da história: se o bandido é de direita, o STF pune e acerta. Se é de esquerda, liberta e erra. ■

O Brasil será julgado em Haia

A Itália declarou que irá à Corte de Haia para tentar reverter a decisão brasileira de negar a extradição do terrorista Cesare Battisti. Será mais uma ação a se somar às 151 que o Tribunal já recebeu desde a sua criação, em 1945. Ao contrário de outra corte internacional, o Tribunal Penal Internacional, também sediado na cidade holandesa, essa julga apenas casos que envolvem estados, nunca indivíduos. Embora não tenha o poder de obrigar uma nação a cumprir suas decisões, pode propor sanções — como indenizações, retratações e até cessão de territórios. Para os países condenados, ignorar as decisões da principal corte supranacional, ligada às Nações Unidas, significa um grave prejuízo de imagem. Em 1973, a Nova Zelândia e a Austrália levaram à corte uma reclamação sobre os testes nucleares feitos pela França no Atol de Mururoa, sob a alegação de que eles contaminavam seu território com radioatividade. A corte decidiu que as experiências deveriam parar imediatamente. De início, a França resistiu. Diante da forte pressão internacional, porém, acabou cumprindo a determinação. A Itália ainda não definiu que estratégia seguirá em Haia, mas a tendência é que requirite um parecer jurídico sobre o episódio. Se ele for favorável aos italianos, o Brasil deverá ser instado a retratar-se e a rever sua decisão.

KALLEO COURA

CADÊ OS NOSSOS HERÓIS?

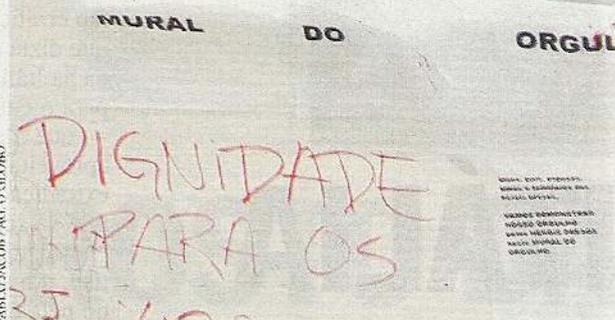
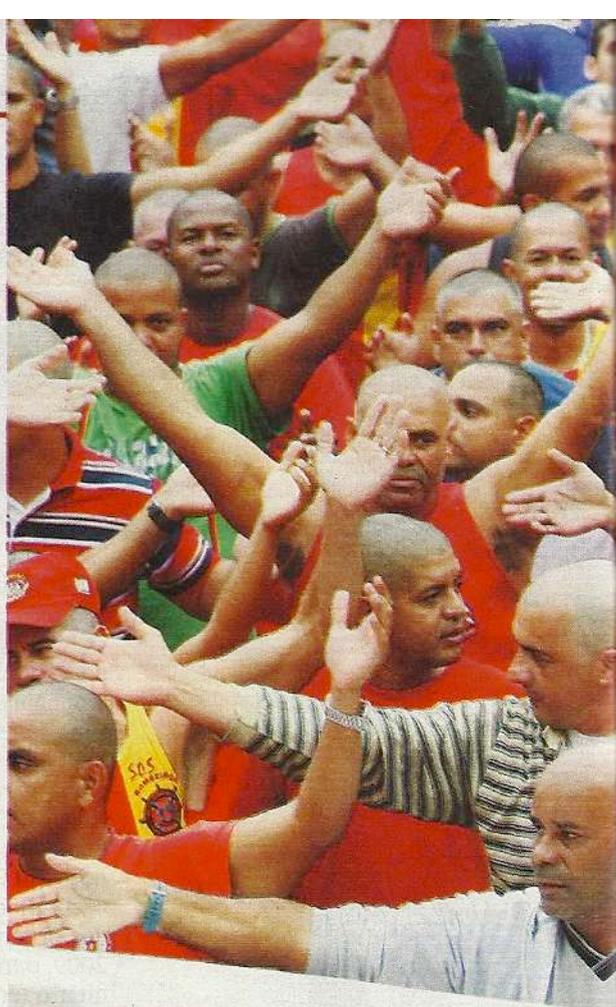
Admirados por seus atos de bravura, bombeiros do Rio de Janeiro afrontam a ordem pública pela qual deveriam zelar — e provocam a pior crise já enfrentada pelo governo Cabral

SANDRA BRASIL

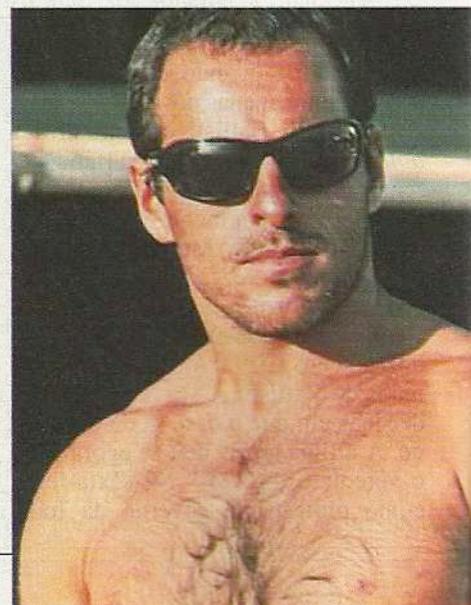
Profissionais que colecionam atos heroicos e gestos de bravura, bombeiros do Rio de Janeiro protagonizaram nos últimos dias cenas que em nada enobrecem sua biografia. No pior episódio de uma mobilização por melhores salários que já dura um mês, 2.000 homens amotinaram-se durante dez horas no quartel central da corporação, fizeram as próprias esposas e filhos de escudo humano contra o Batalhão de Choque da Polícia Militar e ameaçaram os oficiais que ali estavam para restaurar a ordem com palavras, digamos, pouco cívicas: “Há homens armados entre nós”, diziam. Um grupo de 439 revoltosos acabou preso, mas foi liberado na última sexta-feira depois de seis dias, a pedido do delegado Protógenes Queiroz (o mesmo que foi condenado pelos crimes de violação de sigilo funcional e fraude durante as investigações da Operação Satiagraha). Os invasores não representam mais que 10% da categoria em todo o estado, mas fizeram barulho suficiente para que sua reivindicação fosse ouvida, e apoiada, por artistas e jogadores de futebol que deram voz a uma campanha batizada de “Rio vermelho”. Também conseguiram deflagrar o que se tornou, de longe, a pior crise do governo Sérgio Cabral — claramente inábil em evitar que o caso ganhasse tamanho vulto.

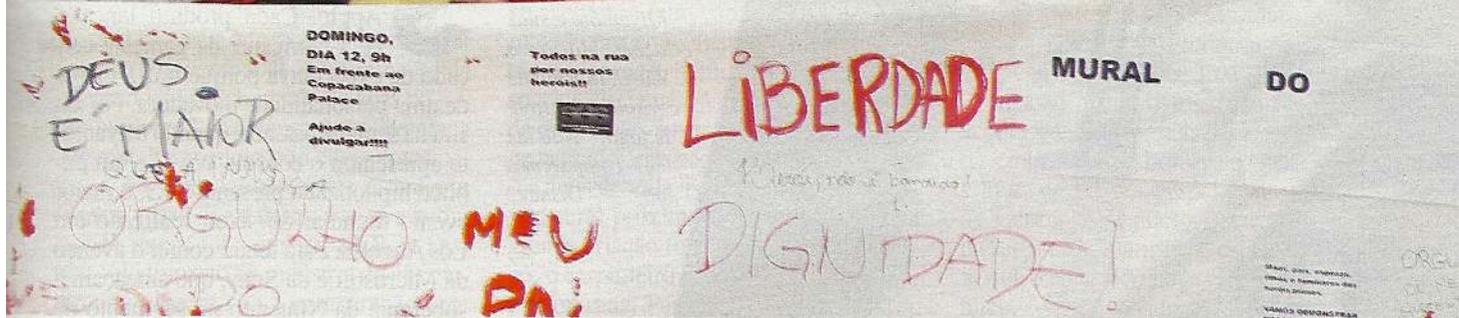
Como costuma ocorrer em situações como essa, a radicalização do movimento se deu por interesses que pouco dizem respeito ao pleito original, mas têm forte cunho político. Para três das figuras que encabeçam o grupo, a visibilidade alcançada com o motim pode funcionar como um valioso palanque para alavancar seus projetos na vida pública. Dois deles, os capitães Alexandre Marchesini e Lauro César Botto, são suplentes — o primeiro de deputado estadual pelo PRB e o segundo de deputado federal pelo PV. O outro, o cabo Benevenuto Daciolo, já tentou dois mandatos sem sucesso. No auge da invasão ao quartel, Daciolo, que cultivava o hábito de fazer orações do alto de morros da cidade, proferiu frases do tipo “Estamos prontos para morrer. Deus está com a gente” e apontava para seus liderados: “Eles são meus anjos”. Os bombeiros no comando são ligados às principais lideranças evangélicas fluminenses. Eles receberam imediato apoio do ex-governador Anthony Garotinho (PR), que não só insuflou o movimento como, desde o início, tem tirado proveito dele para atacar Cabral.

Até integrantes do círculo mais próximo do governador concordam que



PABLO JACOBY/AG. O GLOBO





RIO VERMELHO Apoiados por artistas e boa parte da população, os manifestantes detidos (acima) deixaram a prisão na sexta-feira. O ídolo Marcos Monteiro (à esq.), campeão de surfe, integrava o grupo

sua atuação em nada contribuiu para debelar a crise na raiz. Ao contrário. Em 20 de abril, os insurgentes marcharam até o Palácio Guanabara, sede do governo, mas não foram recebidos. Duas semanas depois, conseguiram audiência com o secretário de governo Wilson Carlos, mas ele simplesmente não apareceu. Enquanto a revolta se acirrava, os bombeiros não tiveram nenhuma espécie de interlocução com o estado. Cabral subestimou a capacidade

dos bombeiros, uma classe tão admirada e respeitada pela população que foi capaz de atrair simpatizantes para sua causa. O primeiro aceno no sentido de negociar com os revoltosos veio na quinta-feira, na iminência de a crise tomar contornos ainda piores com a adesão de policiais civis e militares — hipótese ainda não descartada. O governador concedeu à Defesa Civil, até então vinculada à pasta da Saúde, status de secretaria e propôs ainda um aumento de 5,58% — prontamente recusado.

Os bombeiros brigam para que o piso atual, de 1 180 reais, passe para 2 000 reais. Significaria um impacto na folha de pagamentos do estado em torno de 260 milhões de reais por ano. É algo

que o governo já havia previsto, só que para 2014, com aumentos de 1% ao mês. A tendência é que se chegue a um valor intermediário entre o que almeja cada parte. É legítimo que uma classe de trabalhadores reivindique melhores salários. O que não dá é para esses profissionais desrespeitarem a ordem pela qual deveriam por ofício zelar. Está-se falando de uma corporação da qual emergem ídolos como o fortão Marcos Monteiro, que, além de uma boa folha de serviços prestados como bombeiro, acaba de vencer uma etapa de um campeonato mundial de surfe. Como os outros que se amotinaram, ele terá agora de responder por três crimes previstos no Código Penal Militar. ■

O PAI DOS GAMES EM NOVA MISSÃO

Shigeru Miyamoto criou personagens legendários da Nintendo. Agora, luta contra os gigantes Microsoft e Sony

KEVORK DJANSEZIAN/GETTY IMAGES

RENATA HONORATO, DE LOS ANGELES

POP E DISCRETO

Miyamoto e suas criações, Mario e o Wii U, híbrido de console e controle de jogo: "Não me comparem a Disney"

Shigeru Miyamoto é para a Nintendo o que Steve Jobs é para a Apple. Cada produto lançado pela fabricante de games é cercado de expectativa porque traz a marca de uma personalidade inovadora. Foi assim na semana passada, quando Miyamoto apresentou o console Wii U a um público hipnotizado presente à E3, o maior evento mundial do setor, realizado em Los Angeles. Para tentar conter o avanço da Microsoft e da Sony, que ameaçam a soberania da Nintendo no segmento de consoles, Miyamoto apresentou um aparelho que oferece maior capacidade de processamento e imagens em alta resolução, o que deve agradar aos que dedicam horas e mais horas aos jogos e abrir espa-

"Não sou artista"

Diretor de desenvolvimento da Nintendo, Shigeru Miyamoto afirma em entrevista a VEJA que seu trabalho é apenas entreter

O que o Wii U oferece de novo aos jogadores? Atualmente, a TV é alvo de disputa nos lares: todos querem controlá-la. Assim, quando uma pessoa assiste a um



FOTOS: DIVULGAÇÃO



ço para a criação de títulos mais adultos e complexos. Além disso, o novo Wii dispensa o uso da TV: uma tela sensível ao toque de 6,2 polegadas (a do iPad tem 9,7) incrustada no próprio controle de jogo oferece um palco para a diversão.

Aos 58 anos, Miyamoto, hoje diretor de entretenimento e desenvolvimento da Nintendo, já foi chamado de “pai do game moderno”. Por causa disso, recebe a atenção de um ídolo pop em eventos como a E3. Pessoalmente, ele é discreto (veja abaixo). Essa figura avessa a badalações, que já foi comparada a Walt Disney pelo impacto na indústria do entretenimento mas rejeita a comparação com um sorriso, foi um dos grandes responsáveis pela transformação da claudicante indústria de games da década de 80 — que dali em diante se expandiu de forma extraordinária e, em 2010, movimentou

62 bilhões de dólares, quase o dobro do que fatura toda a produção de Hollywood.

Aos 24 anos, recém-formado em design, Miyamoto se aventurou num campo dominado por engenheiros. Adicionou enredo, humor e trilha sonora aos games. A simplicidade de seus desenhos e a inocência de suas histórias ecoam os primeiros anos de vida, passados em uma vila rural próxima a Kyoto. A primeira grande criação foi Donkey Kong. No jogo, o carpinteiro Jumpman tem de salvar a namorada, Pauline, das garras de um gorila. Nos Estados Unidos, o personagem foi rebatizado com o nome que o consagraria: Mario, o encanador. A franquia vendeu mais de 240 milhões de jogos. Super Mario Bros., um dos títulos da

série, foi o game mais vendido da história até ser superado, em 2009, pelo Wii Sports, que também carrega o DNA do designer. Olhando em retrospectiva, Miyamoto comenta: “A história da indústria de games é como um filme. Eu me sinto parte dele”.

Miyamoto também esteve à frente da última grande inovação da Nintendo: o Wii. Lá se vão cinco anos, o produto acrescentou aos consoles um sensor que identifica os movimentos do controle nas mãos dos jogadores. Foi um sucesso estrondoso: 86 milhões de unidades vendidas, deixando para trás os concorrentes Xbox 360, da Microsoft, e PlayStation 3, da Sony, com cerca de 50 milhões de consoles comercializados cada um. Mas os rivais reagiram, adotando a tecnologia que reconhece o movimento dos próprios jogadores. Foi a morte do controle de jogo.

Esperava-se que, ao lançar o Wii U, a Nintendo adotasse essa nova tecnologia e tonificasse sua rede de jogos on-line, diminuindo a relação à das rivais. Não foi o que aconteceu, e, na semana passada, as ações da empresa, que hoje vale cerca de 25 bilhões de dólares, despencaram na bolsa de valores. Miyamoto segue apostando na força de sua principal criação: “Espero que o encanador siga entretendo o público, e sendo amado por ele”. Mas se a percepção dos investidores se repetir entre usuários quando o Wii U chegar ao mercado, em 2012, a Nintendo estará mais enrascada do que Mario diante de Donkey Kong. ■

programa, as demais não podem jogar. Por isso, criamos um aparelho que funciona de maneira autônoma. Com o Wii U, ninguém depende da TV, pois o jogo prossegue na tela do controle. O aparelho oferece ainda acesso à rede on-line da Nintendo e imagem em alta definição.

Os jogos são uma forma de arte? Eu não me reconheço como artista. Estou apenas criando entretenimento e, dessa forma, provocando sorrisos no rosto dos apreciadores de jogos.

Qual o segredo do sucesso do personagem Mario, lançado há quase trinta anos? Ele continua divertido.

Em uma pesquisa que mediu a popularidade dos personagens entre crianças, Mario apareceu na frente do Mickey Mouse. Ambos sintetizam a evolução dos meios de que são fruto: Mickey, da animação, Mario, dos games. Para mim, é claro, Mickey tem mais história do que Mario.

O senhor é um amante da música. Como ela influencia a experiência dos jogos? O game oferece desafios estressantes aos jogadores. Então, utilizo música para reduzir a tensão. Eu gosto de usá-la também como recurso de memorização. Dessa forma, o jogador sempre recordará fases ou até um game inteiro.



POLÍTICA DE PEITO ABERTO

Com puritanismo, politicagem e libidos insaciáveis, o Congresso dos EUA vira um cemitério de torsos nus. Ah, mundinho avaro!

ANDRÉ PETRY, DE NOVA YORK

As regras estão claríssimas: na política americana, foto de político sem camisa circulando na internet não pode. É bem verdade que o democrata Anthony Weiner, 46 anos, casado há onze meses, exibiu mais do que um peito nu na internet. Sua saga começou quando fez um close frontal de si mesmo só de cueca, e mostrando uma protuberância sugestiva de que estava, digamos, em posição de sentido. Weiner enviou a imagem para Gennette Cordo-

va, uma universitária de 21 anos com a qual vinha trocando mensagens no Twitter. “Ó meu Deus!”, espantou-se a jovem ao receber o mimo inesperado. Weiner, que subitamente atinou com o despautério que cometera, eliminou a foto, mas, antes que o fizesse, alguém muito vigilante capturou a imagem e remeteu-a para Andrew Breitbart, blogueiro conservador famoso por desmoralizar liberais. Confrontado com a foto, Weiner disse que sua conta no Twitter “obviamente” fora invadida por um hacker e informou que contratara uma empresa de segurança cibernética e um advogado para cuidar do caso. E disse

que não sabia “com certeza” se a foto retratava uma parte de sua anatomia.

A cascata durou uma semana. Na segunda-feira, Weiner submeteu-se ao humilhante ritual de autoflagelação dos políticos americanos flagrados nas brumas da luxúria. Numa entrevista coletiva, fiel ao figurino dos lábios contraídos, confessou tudo. Disse que nos últimos três anos trocou mensagens e fotos — algumas de “natureza explícita” — com pelo menos seis mulheres, antes e depois do seu casamento. No elenco, descobriu-se no decorrer da semana, há uma crupiê de um cassino em Las Vegas e uma estrela de filme pornô. Weiner pediu perdão aos eleitores, aos amigos e à mulher, Huma Abedin, de 35 anos, grávida do primeiro filho do casal. Discreta, a bela Huma é peça importante na equipe da secretária de Estado, Hillary Clinton. Americana criada na Arábia Saudita, é



A SALSICHA VIENENSE
Weiner, o hipócrita,
virou trocadilho

FOTOS: RICHARD DREW/AP; REUTERS

fluente em árabe e muçulmana praticante. Na busca de apoio para superar as dores da lascívia cibernética do marido, Huma ao menos terá o consolo de saber-se na companhia do que há de mais habilitado no assunto tanto no céu (Alá) quanto na terra (Hillary).

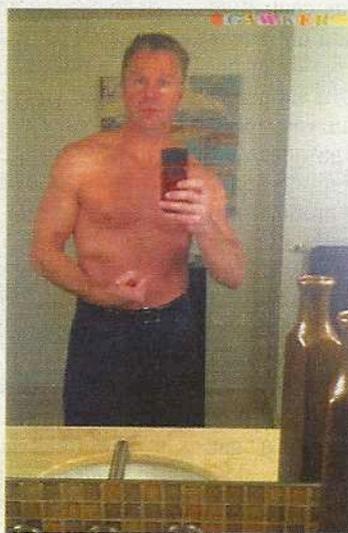
Anthony Weiner não é o primeiro a protagonizar um escândalo sexual sem sexo. Na era do veto ao peito nu, o republicano Christopher Lee é a mascote. Em fevereiro passado, ao ler as inquietações de uma internauta solitária na seção “Mulher procura homem” do Craigslist, Lee resolveu oferecer o ombro amigo. Com seu BlackBerry, tirou uma foto de peito descoberto à frente do espelho e, esperto como o cavalo de Calígula, despachou-a para a missivista. Disse que tinha 39 anos, era lobista e divorciado. Com uma releitura na internet, a mulher descobriu o óbvio — que Lee tinha 46 anos,

era deputado e casado. Com cópia dos e-mails que trocaram para efeito de prova, denunciou-o para um site de fofocas de Nova York. No dia seguinte à publicação do caso, mansamente e sem demora, Lee renunciou ao mandato. Talvez a renúncia tenha sido o dique para conter o vazamento de toda uma alcova virtual, mas o fato é que Lee perdeu o mandato porque mandou uma foto sem camisa a uma mulher. Tempos bicudos.

Tão bicudos que uma dúzia de ex-presidentes americanos não conseguiria atravessá-los sem ferimentos letais, com destaque para Warren Harding (levava a amante para o armário dos chapéus, adjacente ao concorrido Salão Oval); Franklin Roosevelt (morreu na companhia da amante), general Eisenhower (em plena II Guerra, quem resistiria àquela motorista voluptuosa?) e John Kennedy (sem comentários). Da época em que a libido dos poderosos

SEM DEMORA

Lee, na foto em que exibiu seus músculos à internauta solitária: renúncia-relâmpago



era assunto privado para os dias de hoje, em que um torso nu e umas palavras calientes derrubam um político, houve uma revolução sexual e o acidente de Chappaquiddick. O escritor David Rosen, autor de *A América dos Escândalos Sexuais*, que reconta quatro séculos de incandescências da carne na política americana, diz que tudo começou a mudar naquela noite de julho de 1969, quando Edward Kennedy se envolveu num trágico acidente que matou sua secretária e amante. “Ali, a porta se abriu. O caso não podia ser suprimido porque custara uma vida”, diz Rosen. Com isso, mais o legado puritano, criou-se a usina americana de escândalos sexuais reais e imaginários.

Como fábula moral, os tais escândalos perderam a eficácia pedagógica e viraram entretenimento público. Como símbolo da hipocrisia dos políticos que pregam Santo Agostinho mas vivem Marquês de Sade, são imortais. Como medida que o uso de Twitter, Facebook e Tumblr se populariza entre os políticos, forma-se a legião dos “cybertalkers” — os espões eletrônicos à cata de um deslize do adversário político. Anthony Weiner, sem dúvida, foi presa de um deles. Para piorar, o deputado democrata, um pit bull dos valores liberais, tem um sobrenome que, em inglês, soa igual à palavra que designa a salsicha vienense — Wiener. Logo salsicha. Considerando a parte da anatomia que Weiner resolveu fotografar para os olhos da jovem universitária, a coisa ganhou um ar de chanchada. Até sexta-feira passada,

o deputado resistia bravamente a renunciar, enfrentando pressão também dos seus colegas de partido que, nas palavras de um colunista, lhe ofereceram o “ombro mais frio ao sul do Ártico”. Enquanto resiste, Weiner pode consolar-se com a veia irônica do poeta alemão Heinrich Heine: “Mundinho avaro, mundo cego, / Sempre disposto a julgar mal. / Seu beijo doce é meu apego, / Sem falar na ardência final”.



EM ADAPTAÇÃO
Os mísseis iranianos com explosivos convencionais estão sendo modificados para lançar ogivas nucleares

AÍ VEM BOMBA

Agência da ONU afirma pela primeira vez ter evidências de que iranianos desenvolvem um detonador nuclear

Um relatório da Agência Internacional de Energia Atômica (Aiea) de fevereiro confirmou o que até as castanhas de pistache já sabiam: os aiatolás iranianos estão adaptando as ogivas de seus mísseis para acomodar artefatos atômicos. Na quarta-feira 8, o governo iraniano comunicou que transferirá as centrífugas que enriquecem urânio para um bunker subterrâneo em Fordo, área militar protegida por baterias de mísseis antiaéreos. O Irã anunciou também que vai triplicar a produção de urânio enriquecido a 20%, concentração ainda muito aquém dos 90% necessários para produzir uma explosão nuclear. O que os iranianos vão fazer com tanto urânio a 20% é uma incógnita, já que eles já têm combustível em excesso para pesquisas de fins pacíficos e geração de energia. Um relatório da Aiea da semana passada descreve as experiências iranianas de simulação das forças necessárias para produzir o “gatilho” de uma detonação nuclear.

São praxe os desmentidos do governo iraniano sobre suas intenções béli-

cas. A novidade agora são a crescente transparência e o detalhismo dos relatórios produzidos pela Agência Internacional de Energia Atômica. Quando foi dirigida pelo egípcio Mohamed El-Baradei, os informes se limitavam a apontar “possíveis dimensões militares” nas operações iranianas. Agora, com a entidade sob o comando do japonês Yukiya Amano, os textos ganharam mais detalhes e poder informativo. Em contraste com seu antecessor, Amano pode dizer exatamente o que foi verificado in loco no Irã, sem precisar se conter por medo de ferir os brios da maioria muçulmana de seu país. Baradei, como se sabe, voltou ao Cairo e é candidato a presidente no Egito. “Parece que os Estados Unidos

SEM RÉ Ahmadinejad diz que o programa nuclear iraniano também não tem freio

e a Aiea estão reconstruindo a relação de confiança que existia antes”, diz o americano Jonathan Pearl, analista de segurança do Conselho de Relações Exteriores, em Washington.

O mais curioso é que, fora dos comunicados oficiais, ninguém com alguma projeção política no Irã esconde os planos do país de produzir uma bomba atômica. Um artigo publicado no site da Guarda Revolucionária, organização paralela às Forças Armadas, especulava recentemente sobre o que os leitores gostariam de ver no noticiário sobre seu primeiro teste atômico: “Por ordem do presidente, a bomba nuclear 100% feita no Irã foi testada...

Um dia qualquer para os iranianos, mas nos olhos de alguns haverá um novo brilho. Um brilho de orgulho nacional e de força”. Mahmoud Ahmadinejad, presidente do país, resumiu a situação de fato: “O programa nuclear iraniano não tem freio nem marcha a ré”.

DUDA TEIXEIRA



RICHARD DREW/AP



UM FADISTA CONTRA A CRISE

Economista e cantor de fado, Passos Coelho é escolhido para acertar o rumo do país e criar empregos — missão que os europeus preferem confiar aos políticos de direita

ANA CLAUDIA FONSECA

Ao exprimir a desilusão de todo um povo, o fado tornou-se a canção portuguesa por excelência. É a trilha sonora ideal para a crise econômica que levou Portugal à beira da bancarrota. Em uma década, o índice de desemprego no país quadruplicou e deve chegar aos 15% até o fim do ano. A dívida pública já atingiu 97,3% do PIB, que está estacionado desde 2001. Descontentes com o lamen-

to que se arrasta, os portugueses foram às urnas no domingo 5 e aposentaram o primeiro-ministro socialista José Sócrates, há seis anos no poder. Ele cederá o palco a Pedro Passos Coelho, um economista de 46 anos com pouca experiência de governo e cantor de fado (fadista) nas horas livres. No pleito, os socialistas ficaram com apenas 28% dos votos, o pior resultado em vinte anos. Os sociais-democratas de Coelho ganharam 38,6%. Desde então, uma coalizão entre os partidários do novo primei-

ro-ministro e o Partido Popular (CDS-PP), também de direita, foi anunciada. Assim, pela primeira vez desde o fim da ditadura salazarista, em 1974, a direita portuguesa concentrará a Presidência (com Aníbal Cavaco Silva), o cargo de primeiro-ministro e a maioria no Parlamento. Com essa vantagem, Coelho se esforçará em cumprir as exigências do Fundo Monetário Internacional, do Banco Central Europeu e da Comissão Europeia. As três instituições emprestaram 113 bilhões de dólares a Portugal em maio sob a condição de que o governo fizesse cortes nos gastos públicos e aumentasse impostos.

A guinada de Portugal à direita acompanha uma tendência que pode



PATRICIA DE MELO MORIKAWA/FP

DIAS MELHORES VIRÃO *Portugueses comemoram a vitória de Pedro Passos Coelho (à esq.), no domingo 5, em Lisboa: ele substituirá o primeiro-ministro socialista José Sócrates e deve iniciar um programa de austeridade*

ser vista em todo o continente. Há uma década, metade dos 27 estados que hoje compõem a União Europeia era governada por partidos de esquerda. Hoje são apenas cinco: Espanha, Grécia, Áustria, Chipre e Eslovênia. Em março, quando

ocorrem eleições gerais, a Espanha deve abandonar o grupo. No pleito regional do mês passado, o Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), de José Rodríguez Zapatero, perdeu em onze das treze regiões que disputava, um prenúncio do que pode vir pela frente. Até a Suécia, um dos pilares do estado de bem-estar social, passou para as mãos dos conservadores. Para o cientista político português André Azevedo Alves, uma das causas dessa ampla virada é a falta de confiança dos eleitores na capacidade de os socialistas conterem a crise financeira. "Os governos de esquerda europeus injetaram muito dinheiro público para reanimar as respectivas economias, mas is-

so acabou criando graves problemas nas finanças desses estados", diz.

Durante sua campanha eleitoral, Coelho foi aplaudido cantando o mesmo refrão: os socialistas levaram o país à falência. Gastadores compulsivos e irresponsáveis, eles foram muito eficientes em distribuir os despojos da prosperidade, mas ruins em produzir riqueza e vagas de trabalho. Foi o mesmo discurso usado pelo conservador inglês David Cameron em 2010, quando derrotou os trabalhistas após culpá-los pelas mazelas econômicas. "Sócrates foi visto como o causador das complicações financeiras por sua hesitação em reconhecer o tamanho da crise e agir de acordo com isso", diz José Adelino Maltez, cientista político da Universidade de Lisboa. "Foi sua incapacidade em adotar uma nova rodada de medidas de austeridade, em março, que forçou a convocação de eleições."

O pacote de resgate de Portugal deverá ser ainda mais rigoroso do que os adotados na Grécia e na Irlanda, países que também escorregaram nas contas. O tempo em que um português poderá usufruir o seguro-desemprego, por exemplo, deve diminuir. O programa de Coelho

Um quebra, o outro conserta

Em momentos de bonança, os europeus escolhem governos socialistas de esquerda, que tendem a gastar mais do que podem. Depois, para ajustar as finanças, pedem socorro aos liberais de direita

Países com governos de esquerda em 2000:



Em uma década,

■ o déficit fiscal subiu **31%**

■ a participação da Europa no PIB mundial caiu **20%**

■ o desemprego aumentou **17%**

Países com governos de esquerda hoje:



Fonte: FMI

ainda prevê o aumento da idade mínima para a aposentadoria, atualmente em 55 anos, e várias privatizações, que incluirão três empresas de transportes e o único banco estatal português. Com os ajustes, o governo português tentará diminuir seu déficit no orçamento dos atuais 9,1% para 3% até 2014, o limite tolerado pelo Banco Central Europeu. São medidas impopulares, mas que os europeus entendem ser necessárias. E ninguém melhor do que a direita para implementá-las. ■

HUMALA SEM ALÇA

Com apoio de moderados, o candidato a quem Chávez chama de “bom soldado” vence as eleições no Peru e ameaça o surto de prosperidade que vive o país

Ao analisar as eleições presidenciais peruanas, o jornalista e apresentador de televisão Jaime Bayly afirmou: “Deus é um comediante genial, mas em nenhum caso é peruano”. Bayly falava do apoio dado pelo escritor Mario Vargas Llosa e pelo ex-presidente Alejandro Toledo, dois tradicionais defensores da democracia e do livre mercado,



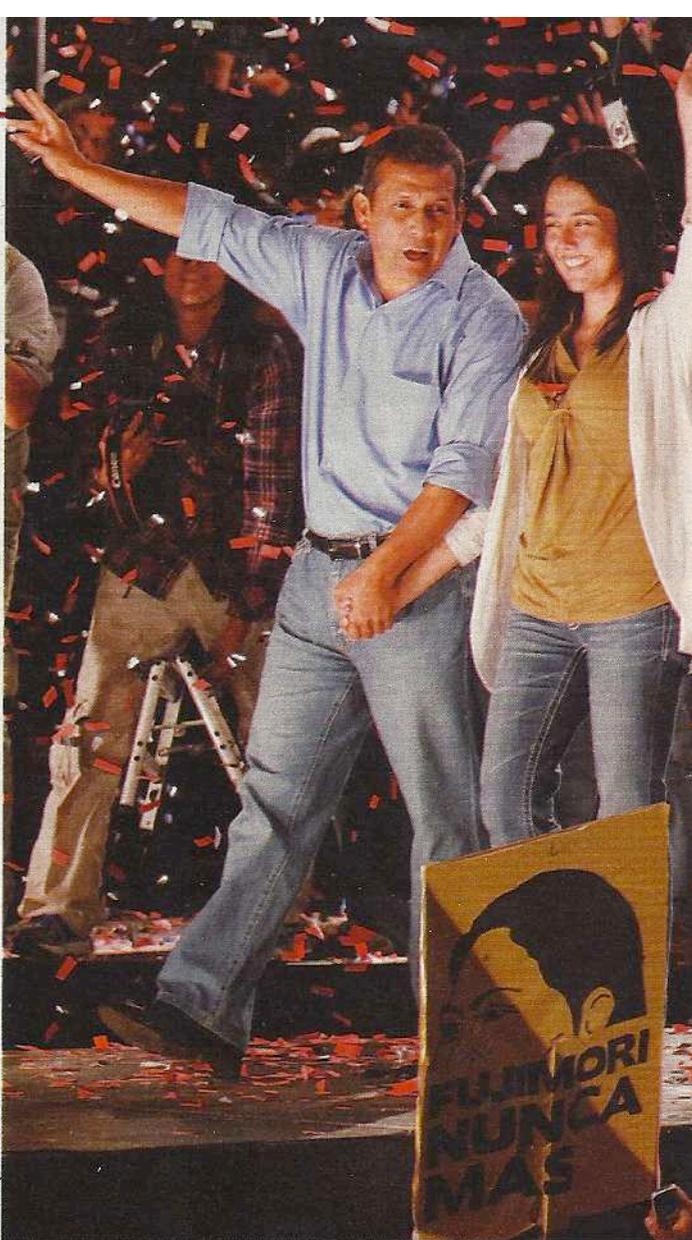
FERNANDO KNAFF/PO. HATERSIS

ao candidato nacionalista Ollanta Humala, financiado pelo venezuelano Hugo Chávez nas eleições de 2006. A aproximação entre vertentes tão opostas ocorreu menos pela empatia com o candidato, a quem Chávez chama de um “bom soldado”, do que pelo medo da vitória de Keiko Fujimori, a filha do ditador Alberto Fujimori, preso por violação dos direitos humanos. O empurrão dos moderados surtiu efeito. Humala, um ex-tenente-coronel, deixou de lado a camisa vermelha, evitou citar o amigo venezuelano e escreveu uma carta ao povo peruano em que se comprometeu a não tentar uma reeleição, respeitar a Constituição, manter a independência do Banco Central e garantir a liberdade de imprensa. Ganhou com 51,5% dos votos. Keiko ficou com 48,5%.

Com a posse agendada para 28 de julho, Humala dá pistas de que integrará a esquerda vegetariana, termo cunhado por Álvaro Vargas Llosa, filho do romancista, e que define um grupo de políticos pragmáticos, em oposição a carnívoros como Hugo Chávez e o boliviano Evo Morales. Na semana passada, Humala esteve com a presidente

OPOSTOS QUE SE ATRAEM

Vargas Llosa (acima) e Humala com a esposa (direita): unidos contra Fujimori



SILVIA IZQUIERDO/AP

Dilma, uma vegetariana. Mas ele também pode ser o chato que chega para estragar a festa de um país que cresce a taxas de 7% ao ano, com uma receita que mistura abertura econômica e aposta no setor privado. Humala fala em elevar impostos sobre a exportação de minerais e em renegociar tratados de livre-comércio assinados com União Europeia, Estados Unidos e China. Também ameaça mudar os contratos feitos com empresas que exploram gás natural desde 2004. O gás é exportado em botijões e é empregado na geração de eletricidade (com redução de 20% na conta de luz) e no abastecimento dos táxis de Lima (com 70% de economia para os motoristas). “Do jeito que está, nosso gás não atende às famílias e é vendido a um preço injusto no mercado interno”, diz o economista Félix Jiménez, que redi-

giu o plano de governo de Humala e participa da equipe de transição.

O passado de Humala e sua esposa, Nadine, também levanta preocupações. Ela já esteve na lista de pagamentos de um jornal chavista sem nunca ter assinado uma matéria. De acordo com telegramas do WikiLeaks, também administrou uma ONG que recebia dinheiro boliviano. Como Chávez, Humala já tentou um golpe. Em 2005, deu ordem a seu irmão Antauro e a um grupo de militares para que invadissem um quartel e forçassem a renúncia do então presidente Alejandro Toledo. Quatro soldados morreram. Como retribuição ao auxílio dado na campanha, Toledo deverá emplacar seus indicados no próximo governo. Deus é um comediante genial. Mas está longe de ser peruano. ■

DUDA TEIXEIRA



SÓ APLAUSOS!

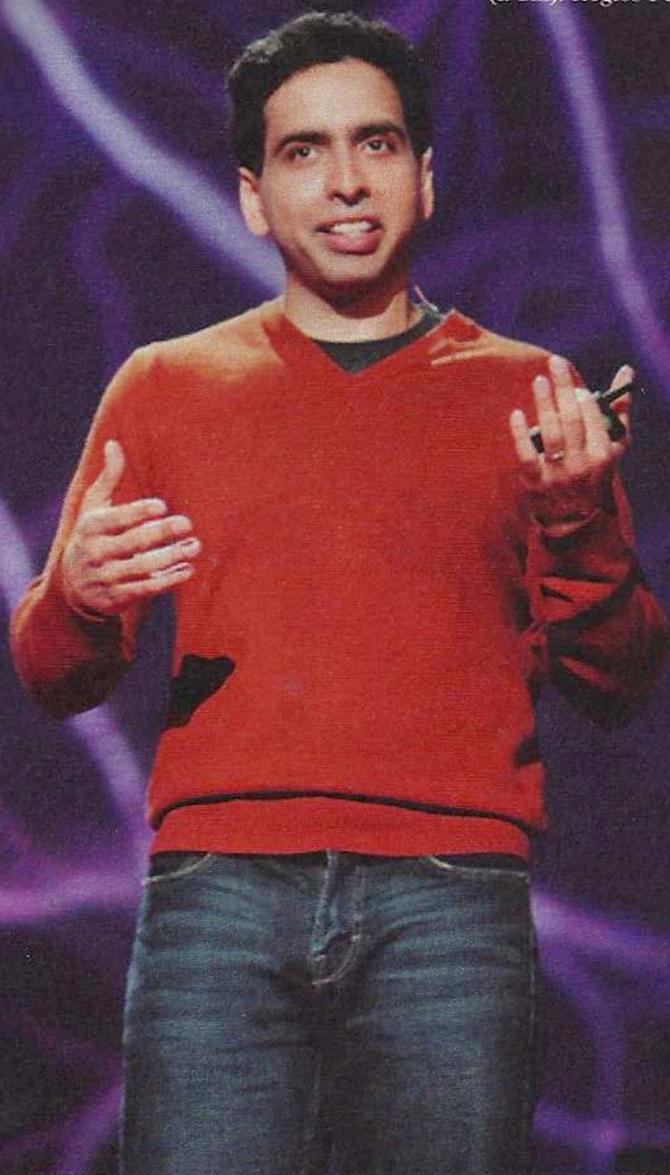
O extraordinário sucesso de um jovem matemático do MIT mostra como a internet pode ser uma poderosa ferramenta para o ensino — e revolucionar a maneira como as pessoas assimilam conhecimento

RENATA BETTI

Diante de uma plateia formada por alguns dos mais bem-sucedidos empresários do Vale do Silício, na Califórnia, o americano descendente de índianos Salman Khan, 34 anos, recebeu aplausos especialmente efusivos vindos de um canto do auditório. O espectador mais entusiasmado era Bill Gates, fundador da Microsoft, que subiu ao palco para dizer que o jovem à sua frente estava dando uma contribuição decisiva para a utilização da internet na educação. Formado em mate-

mática, ciência da computação e engenharia elétrica pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), Sal, como ficou mais conhecido, é o fenômeno atual da internet, digamos, séria. O site da Khan Academy (www.khanacademy.org) está chegando rapidamente aos 60 milhões de acessos de pessoas interessadas em assistir gratuitamente a algumas de suas mais de 2000 aulas. Elas duram de dez a vinte minutos, tempo em que Sal explica de maneira milagrosamente simples fenômenos complexos de quarenta

PLATEIA PODEROSA
Bill Gates subiu ao palco
depois de palestra de Sal
(à dir.): elogios e dinheiro



áreas do conhecimento. São aulas cujos temas variam do cálculo da hipoteca de um imóvel à diferença entre os vírus e as bactérias ou que ensinam como os materiais radioativos se desintegram.

Sal usa apenas sua voz e um mouse pad, com que escreve ou desenha os símbolos necessários para se expressar. O nível de dificuldade vai dos primeiros anos do ensino fundamental, abrangendo operações básicas de soma e subtração, ao MBA, com lições sobre *venture capital* e as flutuações no preço do ouro.

Diz Sal: “Meus professores eram enfadonhos. Dou aulas como as que gostaria de ter tido”.

À primeira vista, suas aulas não parecem exatamente atraentes. Na tela do computador, surge a reprodução de uma lousa preta, e ao fundo se ouve o timbre grave da voz de Sal. Um de seus méritos reside em dirigir-se aos estudantes em uma linguagem didática e compreensível. Outro é oferecer a seus seguidores desafios constantes. Só passa ao nível seguinte quem acerta pelo

menos dez exercícios consecutivos, propostos ao cabo de cada lição. O próprio ambiente virtual (ainda que, nesse caso, sem uso de grandes recursos tecnológicos) funciona, por si só, como um poderoso chamariz para as crianças e os jovens que ali navegam. Cada um aprende no seu tempo, repetindo a explicação quantas vezes julgar necessário. “A internet estimula a apreensão de informações de forma autodidata e exerce um magnetismo sobre as novas gerações que não pode mais ser desprezado pelos educadores”, observa José Armando Valente, do núcleo de informática aplicada à educação da Universidade Estadual de Campinas.

A estreia das aulas de Sal na rede deu-se em 2006, de maneira despretenhiosa. Na época, ele trabalhava como analista do mercado financeiro e era frequentemente requisitado pelos três primos — de idade entre 10 e 12 anos — para que lhes tirasse dúvidas de matemática. Como eles moravam em cidades diferentes, Sal teve a ideia de começar a produzir, de casa mesmo, vídeos com explicações bem curtas, em estilo já bastante parecido com o das aulas atuais. Punha o material na web via YouTube. Para seu espanto, não apenas os primos mas muitas outras pessoas passaram a acompanhá-lo.

Foi em 2009, já com acessos na casa dos milhões e uma vultosa poupança, que Sal deixou o emprego em um fundo de investimento para dedicar-se exclusivamente ao que se tornara a Khan Academy. Sem fins lucrativos, virou um negócio que ele mantinha apenas com dinheiro próprio até receber um inesperado telefonema de Bill Gates. O fundador da Microsoft foi direto ao ponto: contou que os três filhos, e ele próprio, eram seus “seguidores incondicionais” — e doou à Khan Academy 1,5 milhão de dólares. À revista americana *Fortune*, Gates disse: “Morro de inveja desse cara. Não consigo ensinar meus filhos como ele faz”. Outra doação veio do Google, que destinou 2 milhões de dólares ao matemático, para que seu site fosse traduzido para pelo menos dez línguas, inclusive português — com prazo até 2012. Parte dos vídeos já recebeu traduções amadoras, que circulam na rede em blogs e sites de estudantes e professores.

DIVULGAÇÃO



FERNANDO CAVALCANTI

O sucesso de Salman Khan é a prova de que o ensino pela internet tem um potencial que ainda não foi utilizado como poderia. Os especialistas atribuem o uso precário que se faz da web na educação ao despreparo dos professores. Alguns dos exemplos de sucesso obtidos em diversas partes do mundo ocorrem quando os mestres vencem suas próprias barreiras e inibições e passam a se sentir mais à vontade no ambiente da internet. Em escolas do Japão ou da Coreia do Sul, os alunos são encorajados a ficar conectados, engajando-se em debates on-line ou fazendo experimentos científicos na rede — em que cada um seja responsável por uma etapa do projeto. No Brasil, o colégio Integral, de Campinas, ainda em regime experimental, distribuiu tablets a estudantes do ensino médio. Os alunos agora discutem geopolítica em rede e compartilham seus esforços na resolução de

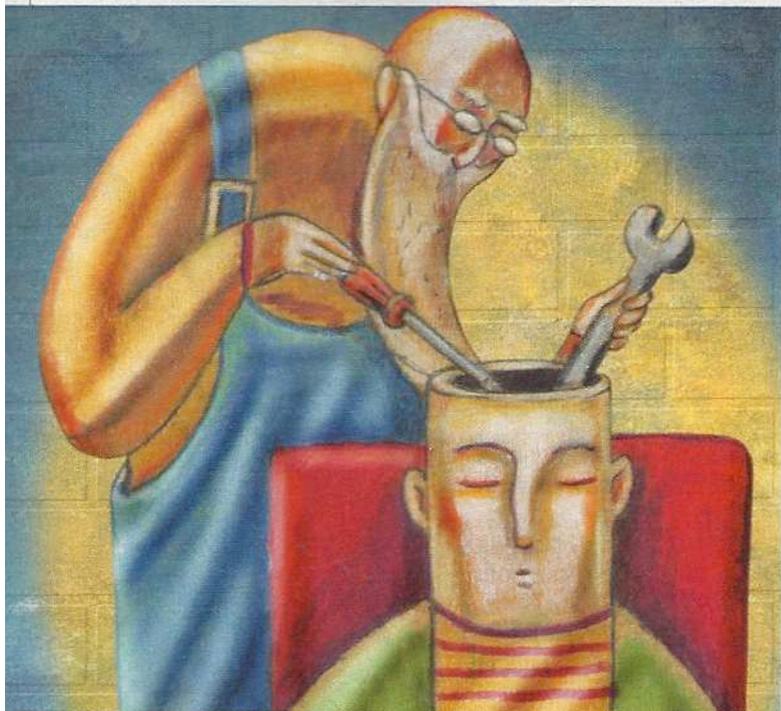
problemas. Eles foram apresentados às aulas on-line de Sal na Khan Academy. “É uma tentativa de despertar a atenção de jovens que perderam o interesse pelo aprendizado da forma como ele é apresentado pela escola — uma instituição que parou no tempo”, avalia o diretor Ricardo Falco.

Sal Khan guarda um traço comum a jovens que, como ele, acumularam dinheiro e desfrutaram certa notoriedade muito cedo: a excentricidade. Toma apenas uma refeição diária (“como os animais que vivem no zoológico”) e faz reuniões de trabalho enquanto se exercita correndo pelas ruas da cidade de Mountain View, na Califórnia, onde mora. “A lógica de Sal é sempre fazer no mínimo duas coisas ao mesmo tempo, com uma empolgação quase infantil”, define o amigo Ariel Poler, 44 anos, fundador de cinco empresas de internet — uma delas vendida à Microsoft. Só

A CARTILHA DE SAL

Colégio Integral, em Campinas: as aulas de Sal Khan são acessadas por tablets

recentemente Sal, casado com uma médica e pai de um menino de 2 anos, abandonou um cômodo acanhado de sua casa e instalou sua fundação educacional sem fins lucrativos em uma sala comercial. Contratou sete funcionários, mas ele próprio continua sendo o único responsável pelas aulas invariavelmente ministradas na lousa digital. Ele trabalha oito horas diárias, além daquelas dedicadas a estudar assuntos em que não é especialista — caso da Revolução Francesa, cuja origem é explicada por Sal como o resultado esperado da coexistência de uma maioria de pessoas que trabalham, passam fome e ainda têm de sustentar com impostos alguns poucos “parasitas esnobes que se concedem títulos pomposos”. ■



ALBERTO RUGGERI/GETTY IMAGES

O que é ser jovem até o fim

“Meu amigo Francisco acreditou que, a partir dos 60 anos, já não podia iniciar nada e, por esse motivo, não parou de se repetir. Morreu precocemente por não ter sido capaz de entender que, depois de deixar de ser natural, a juventude é uma conquista”

O que significa envelhecer? Ouso perguntar o significado desse verbo, que a modernidade ocidental baniria da língua se pudesse. No primeiro sentido do dicionário, envelhecer é tornar-se velho. Leio e releio a frase, que me remete a um amigo de infância, Francisco, precocemente envelhecido. Continuo, no entanto, sem resposta.

Volto ao dicionário. No segundo sentido, envelhecer é tomar aspecto de velho. Olho a foto do psicanalista francês Jacques Lacan que está na

parede e observo seus cabelos brancos. Só que ele não se mostra envelhecido pelas suas cãs. A intensidade do seu olhar evidencia a juventude do homem — que permanecia jovem aos 74 anos, quando o conheci. Só bem depois ele perdeu o aspecto jovial.

Nos outros sentidos fornecidos pelo dicionário, também não encontro uma resposta satisfatória. No caso dos seres humanos, não se pode dizer que envelhecer é perder o viço. O homem não é um fruto. Tampouco se pode dizer que é estar em desuso. O homem não é um objeto.

A busca de uma definição precisa, por meio da língua, se revelou estéril. Olho de novo para a foto de Lacan e concluo que o envelhecimento físico, por si só, não é suficiente para caracterizar um velho. Eu me pergunto, então, por que, ao contrário de Lacan, meu amigo Francisco envelheceu aos 60.

Citando — e comparando-se a — Pablo Picasso, o pintor espanhol, Lacan dizia que não procurava as suas ideias, simplesmente as achava. Um dia, declarou em um dos seus seminários: “Eu agora procuro e não acho”. Com essa frase, anunciou que a sua vida se apagava. Pouco depois, tomei o avião de volta para o Brasil. Naquele período, a única razão para eu ficar na França era a oportunidade de trabalhar com ele.

A juventude de Lacan, como a de Picasso, estava ligada à capacidade de se renovar através do trabalho. Duas vezes por mês, ele falava em público, para plateias de 1000 pessoas, com ideias novas, uma atividade que demandava grande esforço. Mais de uma vez, encontrei-o exausto, em seu consultório.

Lacan foi um exemplo por nunca ter parado de começar. Embora fosse um intelectual, meu amigo Francisco acreditou que, a partir dos 60 anos, já não podia iniciar nada e, por esse motivo, não parou de se repetir. Não quis, inclusive, abrir mão de nenhum hábito da juventude. Continuava a comer, beber e fumar como aos 18. Lamentava o tempo que passava, porém não aceitava o fato traduzido nas mudanças do corpo e, assim, recusava-se a encontrar soluções para a sua própria vida. Só sabia dizer: “Na minha idade é assim”. Foi vítima de uma fantasia arcaica sobre o tempo e viveu na contramão, fazendo de conta que o tempo não existia. Morreu precocemente por não ter sido capaz de entender que, depois de deixar de ser natural, a juventude é uma conquista.

A psicanalista e escritora Betty Milan assina a coluna **Consultório Sentimental** em **VEJA.com**. Uma vez por mês, ela publica em **VEJA** um artigo especialmente escrito para a revista impressa

Pela primeira vez na história, uma geração está conseguindo manter-se jovem e bela por muito mais tempo do que o metabolismo humano parecia permitir

COMO PARAR O RELÓGIO

MONTAGEM COM FOTOS ISTOCKPHOTO



FÁBIO ALTMAN

As *Viagens de Gulliver*, um dos grandes clássicos da literatura, escrito em 1726 pelo irlandês Jonathan Swift, ganhou fama eterna com o charme dos bizarros moradores de Lilliput, pessoas minúsculas de 15 centímetros de altura. Muito menos conhecido — até porque ficou fora de algumas edições — é o capítulo destinado a contar a saga dos *struldbrugs*, ou imortais. Eles fazem parte do reino de Luggnagg. Quando um dos anfitriões do médico Lemuel Gulliver pede a ele que imagine como seria a vida de um *struldbrug*, o aventureiro

inventa um mundo maravilhoso. “Que espetáculo nobre e encantador não seria ver com os seus próprios olhos as decadências e as revoluções dos impérios, a face da terra renovada, as cidades soberbas transformadas em cidades burguesas ou tristemente amortalhadas nas suas vergonhosas ruínas.” Ao fim da pré-dica de Gulliver, uma das autoridades de Luggnagg pede a palavra e faz o relato real, e amargo, do cotidiano da turma que não morre. Revela que, aos 80 anos de idade, eles são isolados em um lugar chamado hospital dos imortais pobres. “Quando, porém, atingem 90 anos, é ainda pior: todos os dentes e cabelos caem; eles perdem o paladar e bebem e comem sem prazer algum; perdem a noção das coisas mais fáceis de reter, e esquecem o nome dos amigos e às vezes o próprio.” Viram párias. São imortais biológicos, mas já morreram para a vida civil e para o convívio social.

Um *struldbrug* é o avesso do que a medicina do metabolismo humano está conquistando em um ritmo cada vez mais intenso. A promessa agora não é a de imortalidade com decadência, mas a da saúde, do vigor físico, mental e emocional esticados para as quadras da vida que, em gerações passadas, eram sinônimo de decrepitude e doença.

“Vivemos num tempo em que é ótimo ser mortal”, diz o americano Jonathan Weiner, autor de *The Strange Science of Immortality* (A Estranha Ciência da Imortalidade), minucioso levantamento dos avanços da medicina nesse campo. “Durante muito tempo, tratamos o envelhecimento do mesmo modo que a I Guerra Mundial, uma tragédia histórica sobre a qual há inúmeras teorias e argumentos. Nenhum deles, obviamente, pode ajudar a evitá-la”, diz o geneticista inglês Aubrey de Grey, um dos nomes de vanguarda da gerontologia de resultados. Eles são espetaculares. Em 1900, a expectativa média de vida nos Estados Unidos era de 47 anos. Hoje é de 78 (no Brasil, está em 73). Em um século, o XX, o ganho foi de trinta anos. Pelo ritmo atual de desenvolvimento da medicina do metabolismo, não seria espantoso que, no decorrer do século XXI, a sobrevivência humana com saúde fosse

acrescida de mais sessenta anos — o que levaria a idade média para bem mais de 100 anos. Isso é possível? Do ponto de vista puramente biológico, existe um limite quase intransponível para o horizonte final da vida humana. Quando se colocam na equação a nanotecnologia e a possibilidade real de transferir certos processos bioquímicos do corpo humano para microscópicos engenhos digitais implantáveis, aquele horizonte se pulveriza e abrem-se fronteiras hoje inimagináveis para a espécie humana. Mas isso fica para uma consideração posterior. À luz apenas do que atualmente é absolutamente factível, pode-se afirmar com certeza que, dentro de uma década, a cada ano vivido será acrescentado um ano na expectativa de vida das pessoas. É extraordinário.

Mas o que é factível hoje? É justamente o que se vai ler nas próximas páginas desta reportagem, que narra a formidável história de sucesso de cientistas e experimentadores que estão reprogramando as células de seu próprio corpo para imitar o único método comprovado de aumento da expectativa de vida em mamíferos: a privação calórica. Isso mesmo: comer menos, muito menos, mas muito menos mesmo, do que o mínimo exigido de calorias diárias. Animais de laboratório submetidos a esse método viveram com saúde até um terço a mais do que outros alimentados normalmente. Em seres humanos, essa abordagem teoricamente funciona. Quem já a pratica relata ter se livrado das doenças comumente associadas ao envelhecimento. Em contrapartida, as cobaias humanas da dieta hipocalórica sofrem fraqueza, frio constante nas extremidades, pouca disposição física e quase nenhuma para o sexo. Os cientistas desta reportagem estão conseguindo obter os mesmos benefícios da dieta hipocalórica sem os inconvenientes que, convenhamos, tornam a vida insuportável. A seguir, VEJA traça o perfil e revela os estilos de vida, as dietas, os exercícios e os suplementos de três dos mais ousados e bem-sucedidos experimentadores da longevidade com saúde: o inglês Aubrey de Grey e os americanos Raymond Kurzweil e Timothy Ferriss.

“O HOMEM QUE TERÁ 1 000 ANOS JÁ NASCEU”

O biólogo inglês **AUBREY DE GREY** tem uma ideia fixa: enfrentar a velhice e a morte

ÁLVARO OPPERMANN

Para um sujeito com ambições alinhadas às de Matusalém, o personagem bíblico que teria vivido 969 anos, avô de Noé, o biólogo e gerontologista inglês Aubrey David Nicholas Jasper de Grey tem um jeito de ser para lá de adequado: imensa barba, tão vasta e cultivada que torna imperceptíveis o rabo de cavalo e o par de pulôver e jeans surrados. De Grey tem 48 anos, ar de riponga e uma ideia fixa escondida por trás do imenso nome — chegar aos 1 000. Se não ele, ao menos alguns dos seres humanos que andam por aí, beneficiados pelos extraordinários e cada vez mais velozes avanços da medicina. “A primeira pessoa a viver até os 1 000 anos é provavelmente apenas dez anos mais nova que a primeira a chegar aos 150 anos”, disse a VEJA. De Grey para, pensa e enriquece o cálculo demográfico. “Acredito sinceramente que o primeiro a chegar aos 1 000 anos não só já nasceu, como está na casa dos 65, 70 anos”. E mais: “Temos 50% de chances, com os avanços dos estudos a respeito da degenerescência das células, de estender a vida humana a 200 anos até 2030-2040”.

De Grey trabalha dezesseis horas por dia, come pouco e dorme menos ainda. Sua vida é dedicada a erradicar os obstáculos que, em sua opinião nada modesta, são os dois maiores males da humanidade: a velhice e a morte. Para ele, o progresso exponencial dos cuidados com o organismo humano permitirá em breve “curar” a velhice, rebaixando-a, na escala humana, de imperativo biológico incontornável a mero inconveniente. “Curar” o envelhecimento será

tão simples, tecnologicamente falando, raciocina, quanto tratar uma infecção urinária ou uma gripe hoje em dia.

O plano de um futuro avesso à senilidade foi traçado por Aubrey de Grey sob o título de Sens — sigla em inglês para *Strategies for Engineered Negligible Senescence*, algo como “estratégias para a engenharia de senescência irrisória”. Senescência é o processo natural de envelhecimento celular. “Mas é crucial distinguir entre envelhecer e morrer”, ressalva De Grey. O processo de decadência do corpo possui três estágios, na concepção do barbudo. Em primeiro lugar, há o fluxo de processos químicos no organismo — o metabolis-



ILLUSTRATION COLLECTION / CORBIS / LATINSTOCK

QUALQUER SEMELHANÇA É MERA COINCIDÊNCIA

Os críticos de De Grey tratam-no como um místico, algo como um Rasputin desmiolado (acima), dado a influenciar pessoas ingênuas

OS 7 TRABALHOS PELA SAÚDE ETERNA

Aubrey de Grey apontou os principais problemas que nos levam a envelhecer — e como corrigi-los. São temas já tratados pela medicina, mas ainda em fase inicial

1 MUTAÇÃO CROMOSSÔMICA



Algumas transformações celulares resultam em tumores malignos.

Como consertar: terapia genética. Ela impedirá que as células produzam uma enzima chamada telomerase, responsável pela proliferação das células cancerígenas.

2 GORDURA NAS CÉLULAS

As células acumulam um resíduo de gordura chamado lipofuscina — quanto mais lipofuscina, mais velha é a formação celular.

Como consertar: enzimas especialmente modificadas por terapia genética podem agir como rejuvenescedores celulares, impedindo o acúmulo da gordura indevida.

3 ENRIJECIMENTO

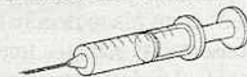
À medida que envelhecemos, as moléculas começam a se enlaçar umas às outras. Esse movimento provoca o endurecimento dos tecidos.

Como consertar: criação de drogas que previnam esse entrelaçamento molecular.

4 MORTE CELULAR

Células não divisíveis no coração e no cérebro não são substituídas quando morrem.

Como consertar: transfusões periódicas de células-tronco farão com que essas células se reproduzam.

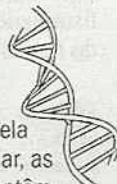


5 DOENÇA DE ALZHEIMER

Plaquetas amiloides, produzidas pelo organismo à medida que o corpo envelhece, estão associadas a doenças degenerativas como o Alzheimer.

Como consertar: uma vacina fará com que as células do sistema imunológico digiram as plaquetas.

6 A FESTA DOS RADICAIS LIVRES



Responsáveis pela respiração celular, as mitocôndrias contêm cadeias de DNA que podem ser atacadas por moléculas chamadas radicais livres. Elas sofrem oxidação, o que causa o envelhecimento.

Como consertar: criar um backup biológico, de modo que partes saudáveis do DNA mitocondrial sejam aplicadas no interior do núcleo celular.



7 REBELDIA CELULAR

Há no organismo humano as chamadas “células rebeldes”, que se recusam a morrer, provocando desequilíbrios. Estão entre as causas do diabetes, por exemplo.

Como consertar: inserção de “genes assassinos”, que destruirão essas células.

mo — que causa danos graduais aos 100 trilhões de células do nosso corpo. O segundo estágio é o da deterioração celular. Por fim, essa deterioração leva ao desenvolvimento de patologias. O Sens é um plano detalhado de ação para consertar os estragos feitos às células e moléculas do organismo durante a vida (veja o quadro na página anterior).

Mas atenção: a morte não será abolida, como faz questão de frisar De Grey. “No futuro, ainda morreremos, mas não de pneumonia, ou câncer”, diz ele. Afinal, não estaremos livres de acidentes de carro, picada de cobra, homicídio e suicídio. Os processos biotecnológicos do Sens também terão um efeito rejuvenescedor. “No futuro, todos nós teremos a aparência física oscilando entre 20 e 25 anos”, diz o cientista, com entusiasmo de visionário. Como comentou em tom divertido um jornalista inglês, é condição que mudará tudo na cultura humana, até a paquera:

não saberemos se a atraente pessoa no balcão do bar terá 25 ou 250 anos.

Aubrey de Grey é autodidata. Ex-pesquisador de inteligência artificial na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, mergulhou obsessivamente na pesquisa do envelhecimento em 1992, depois de conhecer sua mulher, a especialista em genética Adelaide Carpenter, dezenove anos mais velha que ele (três maços de cigarros por dia, dentes estragados, ainda mais desleixada que o marido). Ela se tornou sua mentora, trata-o como filho e gênio incompreendido. Em 1997, De Grey publicou uma tese sobre a relação entre a destruição das moléculas de DNA no interior das mitocôndrias e o envelhecimento humano. O trabalho impressionou os próceres de Cambridge, e De Grey recebeu da instituição o reputado Ph.D. em biologia, em 2000.

Não demorou, claro, para que aquele homem de visual esquisitão, magro

e pálido, como alguém que tivesse chegado a pé da Idade Média, chamasse atenção no sisudo, antigo e viciado circuito acadêmico da gerontologia. “Meu único paletó, acho que foi comprado no Exército da Salvação”, confessa. O pesquisador tem colecionado desafetos em decorrência de suas posturas radicais. Tratam-no como um místico, algo como um Rasputin desmiolado dado a influenciar ingênuos — e eles já não são tão poucos assim. “As ideias de De Grey são cientificamente absurdas e perigosamente irresponsáveis”, diz o especialista britânico em envelhecimento Tom Kirkwood, da Universidade de Newcastle. Nas últimas décadas, argumenta Kirkwood, o esforço dos cientistas e terapeutas foi entender o envelhecimento, proporcionar aumento gradativo de anos de vida às pessoas e melhorar paulatinamente o cotidiano da chamada terceira idade. De Grey estaria tentando transformar a gerontolo-

ENTREVISTA ■ AUBREY DE GREY

“NUNCA FALEI DE IMORTALIDADE. DESEJO APENAS NÃO ADOECER”

O senhor fez 48 anos (em 20 de abril). Como é a vida de alguém que planeja viver 1 000 anos? Não penso nisso. Vivo no presente, com senso de urgência diante dos desafios a vencer, como na questão do envelhecimento. Sinceramente, não planejo nada a tão longo prazo (*risos*).

Quem ainda tem chance, hoje, de se beneficiar das biotecnologias propostas pelo senhor com o Sens (Estratégias para a Engenharia de Senescência Irrisória)? Todo mundo, numa certa medida. Imagine alguém cuja vida seja estendida em dez anos. Ao fim dessa “década adicional”, tal pessoa vai se beneficiar de novas tecnologias de extensão de vida surgidas no período. Os benefícios aumentam progressivamente.

Sua mãe (a poetisa Cordelia de Grey) já tem quase 90 anos. O que ela acha do Sens? Acha uma grande novidade. Mas não creio que ela pense que isso pode acontecer durante sua vida. É algo, creio, remoto para ela. Na verdade, nunca conversamos a esse respeito.

Por quê? Com ela, eu sou “filho”, e não “cientista”, ou algo que o valha. Conversamos sobre outros assuntos.

O senhor já foi chamado de “mercador da imortalidade”. Incomoda? Não, não de fato. Aliás, acho irônico insistirem sempre nisso. Afinal, nunca falei de “imortalidade”. Desde o início trato de rejuvenescimento e de reversão do envelhecimento. A extensão da vida é uma consequência. Com perdão, essa mania surgiu sobretudo dos seus colegas, jornalistas. Uma matéria com o título de

“Profeta da imortalidade” vende mais que a do “Cientista do anti-envelhecimento”, creio (*risos*).

Mas o senhor quer ser imortal? Não necessariamente. O que eu realmente desejo é não adoecer.

No entanto, uma gripe severa o pegou na semana passada, não? Doenças não minariam o nosso esforço de extensão da vida? Aí é que está o ponto. As biotecnologias propostas entram para consertar problemas. Como se fosse uma manutenção do organismo. Imagine um carro. A maioria dos automóveis dura cinco, dez anos. Porém, existem carros de colecionadores com oitenta, noventa anos em perfeito estado. Somos como máquinas. Portanto, potencialmente consertáveis, o que é extraordinário.

gia numa tábua rasa, apagando todos esses esforços, trocando-os pela sedutora promessa de um upgrade biológico humano. A reticência acadêmica ao seu trabalho irrita De Grey, cada vez mais irascível. “Lembro-me do Aubrey doce e curioso dos primeiros tempos, nos anos 90. Ele era bem diferente do sujeito zangado de hoje. Sinto falta do velho Aubrey”, diz Jay Olshansky, professor de saúde pública da Universidade de Illinois, nos EUA. “Sou uma mistura de cientista e tecnólogo. Cientistas querem testar hipóteses. Eu quero mudar o mundo pela tecnologia”, rebate De Grey.

Para implantar o futuro já, De Grey roda o mundo em busca de financiamento. Ele é diretor de uma fundação

que leva o nome de sua criação, a Sens, dedicada ao desenvolvimento de biotecnologias do rejuvenescimento. É difícil apanhá-lo em casa, no flat que divide em Cambridge com Adelaide Carpenter. No dia originalmente marcado para a entrevista com VEJA, ele estava gripadíssimo e não pôde falar ao telefone. Na tarde seguinte, ainda convalescente, embarcou para uma palestra na Alemanha. No Vale do Silício, é figura carimbada. O investidor Peter Thiel, cofundador do PayPal e financiador do Facebook, tornou-se contribuinte regular da fundação, além de evangelista do Sens. Aubrey não tem carro e circula em Cambridge numa velha bicicleta de dez marchas. Também não usa telefone celular, mas sempre leva a tiracolo um laptop MacBook Pro da Apple, no qual checa e-mails. Os momentos de descanso são raros.

Apesar de admitir não ter tempo para obras de ficção, mergulhado em

estudos científicos, leu todos os sete volumes da saga *Harry Potter*. Também gosta de tomar cerveja (e muito) no pub Eagle, perto de seu apartamento (frequentado nos anos 50 pelos biólogos James Watson e Francis Crick, descobridores da estrutura do DNA, que numa das mesas do bar anunciaram o mítico avanço). O maior trabalho de De Grey, porém, não é incentivar bilionários do Vale do Silício a abrir a carteira, como fazem com novas empresas de tecnologia. É convencer os outros gerontologistas de que o Sens é exequível, tal qual um profeta prestes a alcançar seu objetivo final. “Quando atingir essa meta, a de fazer com que simplesmente acreditem no que defendo, meu trabalho estará concluído”, afirma. “Aí, sim, poderei me aposentar.” Aos 48 anos — e com 952 pela frente, se tudo der certo —, essa perspectiva parece improvável. ■



Alguns cientistas dizem que isso é uma utopia... Muitos cientistas se inibem diante da crença arraigada de que envelhecer é “natural” e “inevitável”. Eu me dei conta de que, para intervir no processo do envelhecimento, não é necessário entender a cadeia inteira de fenômenos relacionados a ele. Basta entender as lesões celulares e moleculares que enfraquecem os tecidos do corpo humano. É um atalho parcial, porém necessário. É suficiente.

Alguns também levantam objeções éticas, de que o senhor estaria tentando “brincar de Deus”. Aha! Pois bem, olhe

De Grey se inspira em Gandhi: “Primeiro te ignoram, depois te ridicularizam, depois te combatem, e por fim você ganha’. Agora eu quero ganhar”

só, desde que o ser humano descobriu o fogo, a nossa história tem sido uma crônica de tentativas de consertar o que nos desagrada na natureza. Se a inconformidade é algo inerente ao ser humano, se mudar o mundo é “brincar de Deus”, então essa seria só uma maneira pela qual Deus nos teria criado à Sua imagem e semelhança.

Bem, e outros ainda, na tentativa de denegrir o seu trabalho, chegaram a criticar a sua barba... (risos)

Cambridge é possivelmente o lugar com mais excêntricos por metro quadrado na Inglaterra. Usar esse fato para minar a qualidade do trabalho científico de alguém é ridículo. Mas já dizia Gandhi: “Primeiro te ignoram, depois te ridicularizam, depois te combatem, e por fim você ganha”.

E, nessa escala, onde o senhor aparece? Já tentaram me combater. Não conseguiram. Agora eu quero ganhar.

“DEUS EXISTE? AINDA NÃO”

Para o americano **RAY KURZWEIL**, os próximos avanços da medicina e da tecnologia libertarão o ser humano de suas limitações biológicas, e aí, sim, seremos todo-poderosos

GIULIANO GUANDALINI, DE MOUNTAIN VIEW (CALIFÓRNIA), COM ÁLVARO OPPERMANN

Atirada que dá título a esta reportagem — “Deus existe? Ainda não” — encerra o documentário *Homem Transcendente*, minucioso relato das ideias e do cotidiano do inventor e pensador americano Raymond Kurzweil, de 63 anos. E quando, então, Deus existirá? Em 2045, revela Kurzweil. Nessa data, em decorrência da velocidade dos saltos da computação e das tecnologias associadas a ela, será impossível distinguir as máquinas mais avançadas dos seres humanos. Os supercomputadores serão capazes de fazer um número de cálculos por segundo similar ao do cérebro. Antes, já em 2020, calcula Kurzweil, a inteligência artificial chegará ao patamar dos homens. “Vamos transcender nossas limitações biológicas”, diz ele. Morrer será difícil, ainda que inexorável. Os cegos voltarão a enxergar por meio de olhos biônicos. Os amputados terão pernas

artificiais que reagirão ao comando direto do cérebro. Genes que não nos interessam, como os que levam à obesidade ou a doenças degenerativas, serão silenciados, enquanto outros serão reprogramados e ativados. Nanorrobôs não maiores que um glóbulo, invisíveis a olho nu, viajarão por nosso organismo, combatendo enfermidades e fazendo microcirurgias internas.

Tem-se a impressão, lendo o parágrafo acima, de estarmos diante de mais um visionário maluco atrelado a apostas bizarras. Não. Convém prestar atenção, porque Kurzweil costuma acertar. Em seus estudos, premiados internacionalmente, ele antecipou a ubiquidade da internet e a vitória do computador sobre o homem no xadrez. Dono de inúmeras patentes, desenvolveu a primeira máquina de leitura para deficientes visuais nos anos 1970, cujo cliente número 1 foi o cantor e compositor Stevie Wonder. Criou também um sistema automático para avaliação do mercado financeiro, ferramenta usada pelos especuladores que mais ganham

O ANO É 2045

Kurzweil acredita que nesse ano se dará o salto definitivo, quando será impossível distinguir as máquinas mais avançadas do cérebro humano

ENTREVISTA ■ RAY KURZWEIL

A MEDICINA SERÁ COMO A TECNOLOGIA

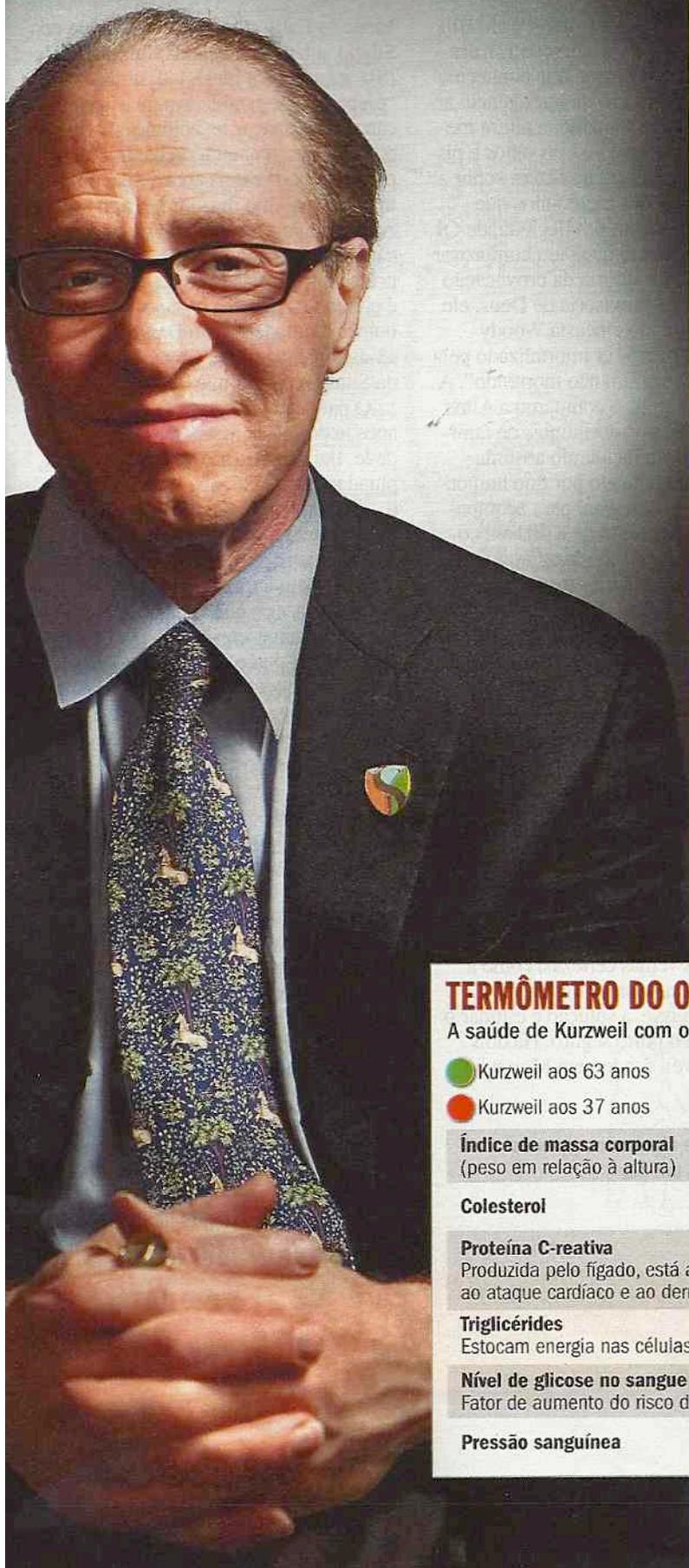
Como a revolução que o senhor prevê transformará nossa vida? Pense na biologia. O DNA praticamente não mudou nos últimos milênios, a despeito da transformação de nosso estilo de vida. Em breve, poderemos reescrever sequências genéticas completas e sintetizar moléculas artificialmente, como programamos um computador doméstico. Por isso digo que a medicina caminha para ser uma ciência de tecnologia da informação.

Seremos imortais? Sempre podemos ser atropelados por um ônibus. Mas somos fundamentalmente feitos de informações. Mesmo que nosso corpo biológico padeça, poderemos manter essas informações em uma espécie de memória artificial. É um legado digno.

Não há utopia em suas ideias?

Olhemos para a história. Em 1800, a expectativa de vida era de 37 anos. Vicejavam doenças de todos os tipos, porque não havia saneamento.

Não havia nenhum mecanismo de proteção social. O fato é que a expectativa de vida dobrou e, apesar das dificuldades atuais, temos hoje muito mais conforto. Essa conquista foi alcançada apenas com o avanço linear da medicina. Agora o ganho ocorrerá de modo muito mais rápido. Haverá ferramentas infinitamente mais poderosas. Existe o risco de o conhecimento biológico ser usado para o bioterrorismo, por exemplo. Mas os fatores positivos superarão qualquer eventual ameaça.



MUITO ALÉM DAS VITAMINAS TRADICIONAIS

A nova família de suplementos afeitos a reprogramar a bioquímica do organismo

GLUTATIONA

Antioxidante, ajuda a regular o funcionamento do fígado. Trabalha também na produção de células que fortalecem o sistema imunológico. Reduz o dano celular gerador de várias modalidades de câncer

ÁCIDO ALFALIPOICO

Antioxidante e anti-inflamatório, é eficaz no combate aos radicais livres – átomos de hidrogênio que ficam entre as células e danificam as estruturas proteicas que dão sustentação à pele

BIOTINA

Vitamina hidrossolúvel, é do mesmo grupo do complexo B. É conhecida também como vitamina H. Atua na produção de ácidos graxos, anticorpos e enzimas digestivas. É poderoso nutriente para a pele

FOSFATIDILCOLINA

Atua nos tecidos gordurosos. Funciona para as doenças coronarianas causadas pelo acúmulo de gordura nas artérias – seu uso estético, contudo, para eliminação de gordurinhas ainda está sendo verificado

UBIQUINOL

Transforma os nutrientes em energia. Aumenta o volume de sangue bombeado pelo coração através do sistema vascular. De fácil absorção pelo organismo, é uma forma reduzida de coenzima, um antioxidante natural



ISTOCKPHOTO

TERMÔMETRO DO ORGANISMO

A saúde de Kurzweil com o passar do tempo melhorou

● Kurzweil aos 63 anos

● Kurzweil aos 37 anos

Índice de massa corporal
(peso em relação à altura)

Patamar saudável

Patamar pouco saudável

Colesterol

Proteína C-reativa

Produzida pelo fígado, está associada ao ataque cardíaco e ao derrame cerebral

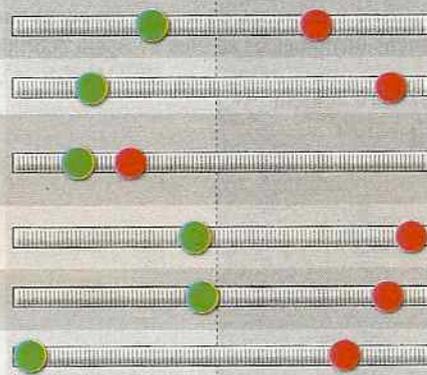
Triglicérides

Estocam energia nas células

Nível de glicose no sangue

Fator de aumento do risco de diabetes

Pressão sanguínea



AS TRÊS FASES A CAMINHO DA VIDA DURADOURA

Manter-se vivo até que a ciência esteja avançada o suficiente para o ser humano se tornar quase imortal: eis o ideal de

Kurzweil. As três fases ("pontes") nesse caminho, segundo ele, são:



PROGRAMA DE LONGEVIDADE

Envolve mudança de estilo de vida e de hábitos alimentares, além de terapias antienvhecimento.

Quando: já é realidade



REVOLUÇÃO BIOTECNOLÓGICA

As descobertas sobre o código genético supostamente dariam ao ser humano a capacidade para "desligar" doenças. Essa revolução prevê o uso crescente de terapias genéticas, de células-tronco, de clonagem e de substituição de tecidos e órgãos.

Quando: até 2023



REVOLUÇÃO NANOTECNOLÓGICA

É a "ponte" mais polêmica proposta pelo autor. Permitirá a reconstrução total do corpo humano com "nanorrobôs" (chips inteligentes de escala infinitesimal) capazes de substituir neurônios e células, destruindo infecções, revertendo doenças degenerativas e reescrevendo códigos genéticos.

Quando: a partir de 2045

dinheiro nos Estados Unidos. Para Bill Gates, o fundador da Microsoft, Kurzweil é "a melhor pessoa que conheço na previsão do futuro da inteligência artificial". O físico franzino, a altura mediana — 1,70 metro — e os olhos a piscar incessantemente não fazem supor a rede de intrincados raciocínios que saem de uma mente privilegiada, de QI 140. A sério, como que para comprovar a capacidade de autoria da provocação da inexistência provisória de Deus, ele cita uma outra, do cineasta Woody Allen: "Não quero ser imortalizado pela minha obra, mas sim não morrendo". A revista *Time*, aliás, o comparou a Allen — ambos são nova-iorquinos, de família judaica e têm raciocínio absurdamente veloz, pontuado por fino humor.

Um motivo adicional para acompanhar a movimentação de Kurzweil como factível, e não tratá-la como invenção — ainda que a cautela seja imperativa —, é o fato de ele pendurar suas teses no mais coerente conjunto de hipóteses jamais construído ao redor do tema da longevidade e dos avanços da tecnologia e da ciência médica. Dá-se a ele o nome de Singularidade. O movimento encabeçado por Kurzweil teve a alcunha emprestada de um fenômeno da astrofísica, usado para designar as regiões nas quais as leis usuais deixam de vigor, como ocorre nos buracos negros. Foi o matemático John von Neumann, nos anos 1950, quem inaugurou a moderna aceção. No futuro singular dos humanos, as velhas certezas, como a morte, passam a ser relativas.

Enquanto isso, a solução é estudar o caminho até o porto seguro. Há dois anos, Kurzweil fundou em Mountain

View, na Califórnia, coração do Vale do Silício, a Universidade da Singularidade (SU, na sigla em inglês), destinada a "preparar a humanidade para a aceleração das mudanças tecnológicas". Ou, dito de outra maneira, preparar uma tropa de elite que esteja apta a lidar com o impacto inaudito dessa transformação. A SU está instalada dentro do histórico câmpus de tecnologia da Nasa. Um dos principais financiadores da empreitada é o Google. Entre os professores, há nomes reputados como Dan Barry, ex-astronauta, e John Gage, pioneiro da Sun Microsystems.

O paulistano Rodrigo Furlan, de 32 anos, é professor assistente da universidade. Foi apresentado ao primeiro computador, um TK85, que usava fita cassete como memória auxiliar, aos 8 anos de idade. Frustrado com a precariedade, soltou uma frase precoce para a tia que o apresentara à máquina: "O computador pode fazer o que você quiser. O segredo está em escrever os comandos corretos". É o que ele faz hoje, especializado em modelos financeiros, os chamados quants. Um mote, colado a Kurzweil, o norteia: "O melhor da humanidade ainda está por vir".

Kurzweil, que não é bobo nem nada, faz seus cálculos para alcançar esse porvir, o de 2045, quando terá 97 anos. "Quero garantir a saúde por tempo suficiente para o nascimento da Singularidade", diz. Como? Tentando estender seus anos de vida ancorado em conhecimento. Para Kurzweil, a obsessão pela saúde começou em 1970, quando seu pai, músico, faleceu, aos 58 anos, de infarto. Aos 35, o próprio Kurzweil foi diagnosticado com diabetes do tipo 2.

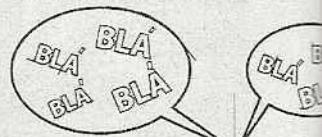
JORNADA PARA A HISTÓRIA

Qual seria a diferença de tempo, em horas e minutos, entre alguns dos grandes avanços tecnológicos se eles tivessem ocorrido em apenas um dia

Primeiro homem
0h



Língua falada
10h40min

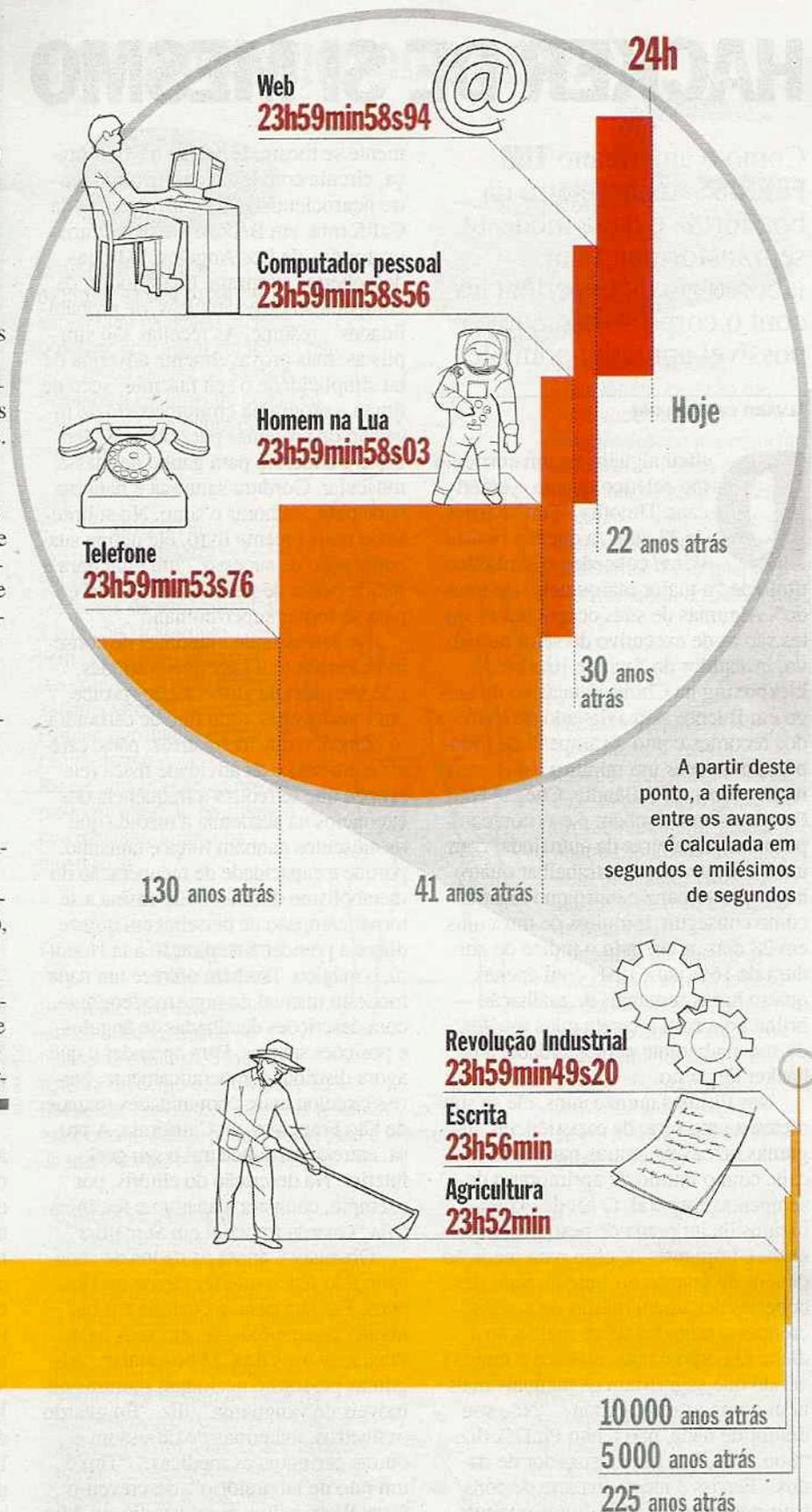


1,8 milhão de anos atrás

1 milhão de anos atrás

Os tratamentos convencionais não deram certo, e ele embarcou nas terapias alternativas. Sua rotina de manutenção da saúde é intensa. No café da manhã, come cereais adoçados com estévia. No almoço e no jantar, proteínas com chá verde (oito copos diários). Tudo acompanhado por uma taça de vinho tinto por dia, garantia de consumo de resveratrol, a substância com propriedades antioxidantes e anti-inflamatórias encontrada na casca e na semente das uvas vermelhas. Devido ao histórico de doenças na família, não dispensa check-ups periódicos e aplicações intravenosas de nutrientes em clínicas especializadas. "Nos últimos vinte anos, envelheci dois", diz com orgulho e exagero.

De maneira geral, as recomendações de Kurzweil soam como um catálogo de clichês. A exceção é sua fixação por novos suplementos alimentares. Ele ingere as cápsulas com acompanhamento científico, cada qual com seu objetivo específico. Redução do colesterol e de gordura excessiva? Toma fosfatidilcolina. Reposição de energia? Ubiquinol. A lista é imensa, são cerca de 230 cápsulas por dia. Mas há, em todo esse pacote, questões de saúde e éticas. "Os suplementos são indicados para suprir deficiências do organismo; não há razão para tomá-los caso o paciente tenha uma alimentação balanceada", diz o endocrinologista Alfredo Halpern. "Além disso, o uso em excesso pode causar problemas." No campo da ética, dá-se um imbróglio, porque Kurzweil abriu uma empresa, em parceria com seu médico, que vende pela internet os suplementos que consome. Nesse aspecto, ele se comporta como o mais comum dos mortais. ■



HACKER DE SI MESMO

Como o americano **TIM FERRISS**, marqueteiro da boa forma e nada modesto, se transformou num laboratório de experiências com o corpo — e o que é possível aprender com ele

ÁLVARO OPPERMANN

Difícil alguém ter um currículo tão eclético quanto o americano Timothy “Tim” Ferriss, de 33 anos, a quem a revista *Wired* concedeu o simbólico título de “o maior marqueteiro do mundo”. Algumas de suas ocupações recentes são as de executivo do setor nutricional, investidor do Twitter, lutador de kickboxing na China, dançarino de tango em Buenos Aires (listado no livro dos recordes como o campeão de rodopios em apenas um minuto) e âncora de reality show na Tailândia. Chega? Não. Ferriss — que também é escritor, campeão das prateleiras da autoajuda, com um livro que ensina a trabalhar quatro horas por semana e outro que mostra como conseguir 15 quilos de músculos em 28 dias, reduzindo o índice de gordura de 16% para 12%, com apenas quatro horas semanais de malhação — brilha hoje com a faceta mais insólita de sua exuberante personalidade, a de hacker de corpo.

Nos últimos quinze anos, ele se submeteu a uma série de experiências, algumas razoáveis, outras para lá de radicais, com o intuito de aprimorar o desempenho corporal. O rol de experimentos inclui perda de peso pela hidratação e implantes de chip para medição de teor de glicose no sangue. Suas descobertas derrubam muitas de nossas crenças arraigadas sobre malhação e dieta. O corpo é mais elástico e moldável do que sugeririam os manuais mais bem-comportados, garante. “Não sou doutor de nada, não tenho Ph.D.”, diz. “Sou, isso sim, um mastigador de dados.” Ferriss é mestre na arte de construir pontes entre subculturas que raramente

se tocam. Expansivo e boa-praça, circula com igual desenvoltura entre neurocientistas da Universidade da Califórnia, em Berkeley, e fisiculturistas fortões de Los Angeles. “Minhas descobertas surgiram, quase todas, da comparação de estatísticas, de probabilidades”, resume. As receitas são simplistas, mas provavelmente advenha de tal simplicidade o seu fascínio: suco de limão e programa cronometrado de ingestão de proteínas para obesos. Gengibre e chucrute para ganho de massa muscular. Gordura saturada e banhos frios para melhorar o sono. No subtítulo do mais recente livro, ele define sua concepção de sucesso: “um guia para a rápida perda de peso, sexo incrível e para se tornar super-humano”.

No seu estoque infindável de conselhos, Ferriss tem sugestões variadas, que vão além da alimentação (proíbe, em suas receitas, todo tipo de carboidrato branco, o que inclui arroz, pães, cereais e massas) e da atividade física (ele propõe que se reduza a frequência dos exercícios na academia à medida que os músculos ganham força e tamanho, porque a capacidade de recuperação do metabolismo diminui). Ele ensina a se tornar campeão de beisebol em quinze dias e a prender a respiração à la Houdini, o mágico. Também oferece um nada modesto manual do orgasmo feminino, com descrições detalhadas de ângulos e posições sexuais. Para aprender o que agora distribui democraticamente, Ferriss circulou entre comunidades sexuais de São Francisco, na Califórnia. A prosa, entretanto, nunca trai o seu geek interior. Na descrição do clitóris, por exemplo, compara a anatomia feminina à da “Guarda Imperial em *Star Wars*”.

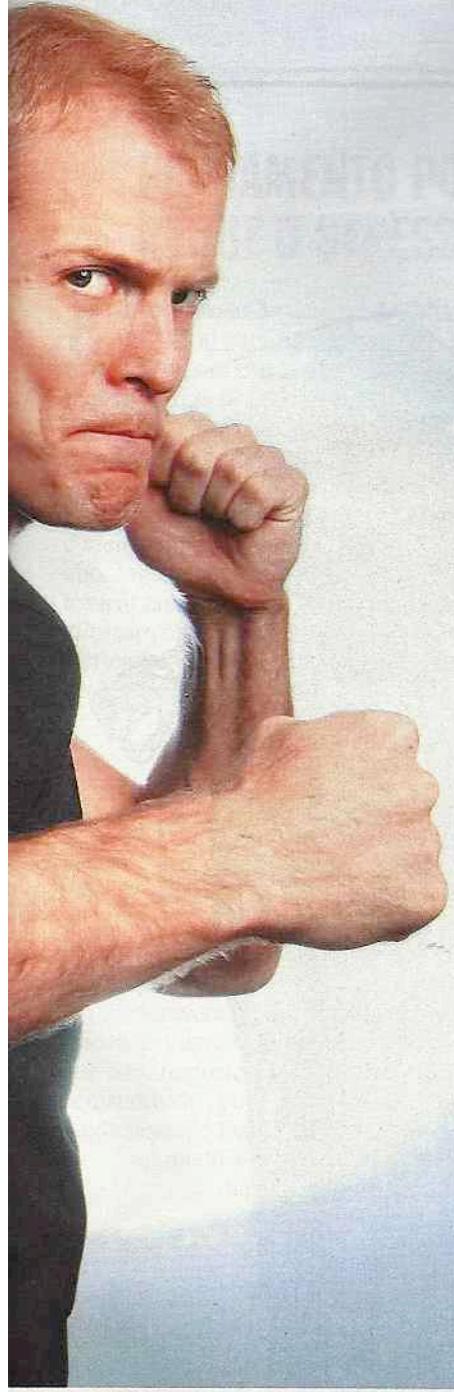
Obsessivo, anota os dados de cada exercício físico que fez desde os 18 anos. Em sua casa, a cozinha e o banheiro assemelham-se, em suas palavras, a quartos de CTI hospitalar. “Algumas pessoas colecionam pinturas ou móveis de vanguarda”, diz. “Eu guardo oxímetros, máquinas de ultrassom e outras geringonças médicas.” “Tim é um rato de laboratório”, descreveu-o Gary Wolf, editor da revista *Wired*. Mas

VAI ENCARAR?

Lutador de kickboxing na China, investidor do Twitter e âncora de reality show na Tailândia

DIVULGAÇÃO

as preocupações de Ferriss não deixam de estar integradas à mentalidade predominante nos Estados Unidos. Em um país preocupado com a obesidade, há o desejo crescente de remodelar — ou reinventar — o próprio corpo, e com urgência, para já. Os experimentos de Ferriss são presença constante no blog *Quantified Self*, criado por Wolf, junto ao futurista californiano Kevin Kelly, que trata dessa nova tendência. Ferriss também bate ponto na Universidade Singularity, cujo patrono, Ray Kurzweil (veja reportagem na pág. 146), é seu amigo.



O COTIDIANO VIGIADO E MEDIDO



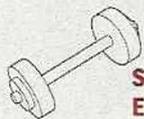
CHIP COM SENSOR DEXCOM SEVEN PLUS

Implantado na lateral do tórax.
Objetivo: checagem em tempo real do nível de glicose no sangue.
Descoberta: barras de cereal só fazem efeito uma hora depois de ingeridas.



COQUETEL BIOLÓGICO

Para reverter lesões de acidentes de snowboarding e lutas de kickboxing, Ferriss importou de Israel um coquetel do seu próprio sangue, fator de crescimento (similar à insulina) e fator de célula-tronco.
Risco: uma injeção às pressas provocou infecção no cotovelo, que requereu cirurgia de emergência.



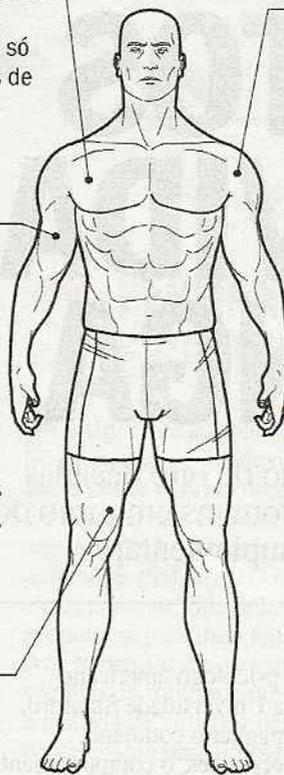
SUPLEMENTOS E MALHAÇÃO

Sem anabolizantes, ganhou, em 28 dias, 15 quilos de músculos e reduziu o índice de gordura do corpo de 16% para 12%.
Conselho: Ferriss teve melhores resultados com exercícios pesados, poucas repetições e intervalos de três minutos entre os exercícios.



GE LUNAR PRODIGY

Aparelho de medição da densidade óssea.
Diagnóstico: o lado esquerdo do corpo de Ferriss era deficiente na constituição muscular em relação ao direito. Correção: exercícios localizados. "Foi o meu GPS de modelagem corporal", diz.



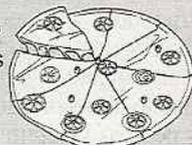
RECEITA SEXUAL

Vinte horas antes da relação: 800 miligramas de colesterol (quatro gemas de ovo). Quatro horas antes: quatro castanhas-do-pará, vinte amêndoas cruas, duas cápsulas de óleo de fígado de bacalhau.
Conselho: a ingestão de colesterol é melhor antes de dormir. A testosterona (derivada do colesterol) é primariamente produzida à noite. "Fiz sexo como Wolverine (personagem da HQ X-Men, da Marvel)", gaba-se Ferriss.

Tanto ao tratar da administração do tempo, sugerindo menos horas de trabalho, como da construção do corpo, Ferriss se apega ao chamado princípio de Pareto, criado pelo economista e sociólogo italiano Vilfredo Pareto no século XX. Ele observou que 80% das consequências vêm de 20% das causas. A estimativa, aplicada à saúde, autoriza um cuidado especial que serve de mantra: procure identificar os 20% de alimentos que você come durante o dia que contêm 80% dos nutrientes necessários para viver. Consuma mais esses 20% e, de quebra, ganhe disposição suplementar e economize dinheiro. ■

CARDÁPIO VARIADO

Ao lado do frango e do peixe, Ferriss não dispensa chuleta de porco nem chucrute. "O segredo é variar pouco o cardápio e nunca passar fome", garante. Outros alimentos preferidos: salada de algas japonesas (porções gigantes), kimchi, sashimi, medalhão de picanha, clara de ovo, brócolis, couve-flor e aspargos. É também fã dos vinhos tintos malbec da Argentina e zinfandel da Califórnia.



PÉ NA JACA

Um dia por semana, esqueça a dieta alimentar, aconselha Ferriss. "Um pico de alta ingestão calórica provoca mudanças hormonais que aprimoram a capacidade do corpo de perder peso", explica. No dia livre, Ferriss devora uma pizza grande de barbecue, croissants de chocolate, sorvete e hectolitros da cerveja preferida, de origem alemã.

10 MITOS DA VIDA LONGA

Um magnífico estudo de oito décadas derruba os lugares-comuns em torno dos tão esperados anos suplementares

JULIANA MARIZ

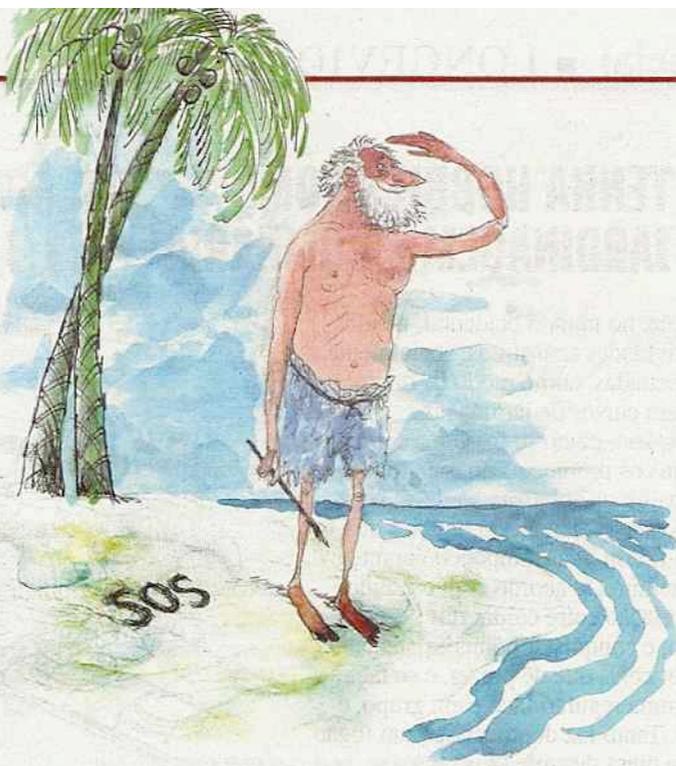
A partir de 1921, o psicólogo americano Lewis Terman, da Universidade Stanford, começou a acompanhar o cotidiano, as alegrias e as decepções, o comportamento e os hábitos de 1 500 crianças. Mesmo depois de sua morte, e ao longo de oitenta anos, o estudo não cessou. É, portanto, um magnífico levantamento dos caminhos e descaminhos para uma vida longa.

Outros dois especialistas americanos, Howard Friedman e Leslie Martin, da Universidade da Califórnia, debruçaram-se sobre o valioso material, realizaram centenas de entrevistas e retomaram o fio de quase todas as meadas. Investigaram quais particularidades existiam na vida dos que morreram cedo e daqueles que passaram a barreira dos 90 anos. Foi excluída do trabalho a constituição genética, por imprevisível e incontrolável. “A genética influencia a longevidade, mas não é o único fator crucial”, diz Leslie. “Além disso, as pessoas nada podem fazer para mudar seus genes. Nós nos concentramos naquilo que podemos mudar.” O resultado é o livro *The Longevity Project*, recentemente lançado. Extrai-se dele uma coleção de mitos em torno do que faz as pessoas viverem mais.



1 PENSAMENTO POSITIVO REDUZ O STRESS

A investigação do destino de cada um dos 1 500 participantes do estudo mostrou que os extremamente otimistas viveram menos do que os céticos e pessimistas. Qual é a explicação? Uma postura relaxada em relação ao cotidiano, ao presente e ao futuro é o atalho para uma certeza: a de que nada de ruim há de acontecer. Daí para uma série de estragos é meio caminho andado. “As pessoas com essa abordagem, aparentemente saudável, não tomam precauções vitais”, afirma Leslie Martin. “Fumam mais, bebem mais, têm hobbies mais arriscados e estão, portanto, sujeitas a graves acidentes de percurso.”



2 MANTENHA-SE EM FORMA, FAÇA GINÁSTICA E VIVA MAIS

Quantas vezes recomendaram a você que exercício físico tem de ser feito, no mínimo, três vezes por semana? Ou, então, prescreveram trinta minutos diários de caminhada? Os psicólogos apreenderam que listas de recomendação — mais que isso, imposições — não surtem efeito. Seguir à risca os comandos de “pode e não pode” é ruim a médio prazo. O fundamental é fazer uma atividade que produza satisfação de modo a manter a prática. Eles também concluíram que

manter-se ativo na “metade da jornada” (por volta dos 40 anos) é altamente positivo. E uma constatação: até a década de 60, quando os participantes do estudo original atingiram a meia-idade, pouco ou nada se falava de atividades físicas, não se viam pessoas correndo nas ruas das cidades.



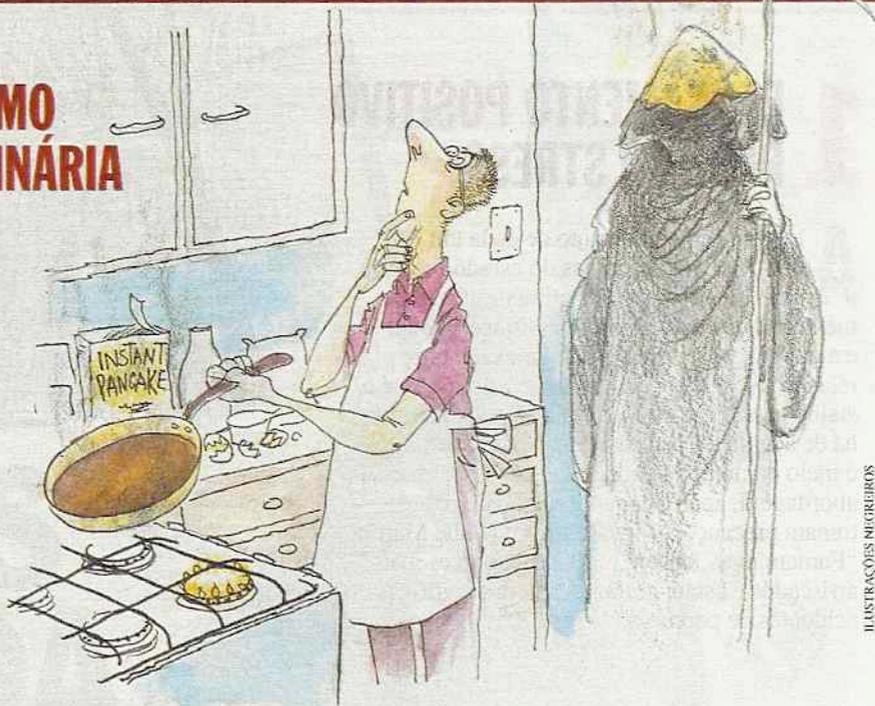
3 PERMANEÇA CASADO E GANHE ALGUNS ANOS

É adágio que só vale para o frágil mundo masculino. No quesito matrimônio, Friedman e Leslie fizeram uma diferenciação entre gêneros. Os homens que estavam casados (mesmo em uma segunda união) viveram mais. Mas essa regra não se aplicou às mulheres. O estado civil não influenciou a expectativa de vida delas. “Divorciar-se é menos prejudicial para uma mulher”, conclui Leslie. Aos homens cabe a amarga constatação: o casamento seguido do rompimento, e assim viver — narra a história de vida dos personagens do estudo —, é a antessala para problemas de saúde, alimentados pela solidão.



4 TENHA HOBBIES COMO JARDINAGEM E CULINÁRIA

Há hoje, no mundo ocidental, o culto a atividades charmosas, socialmente respeitadas, como modo de distração. Proliferam cursos de jardinagem e de culinária, como se fossem a solução para todos os problemas do mundo — os pessoais e os coletivos. Pede-se bom-senso. Evidentemente, são hobbies que mal não fazem, mas tampouco garantem saúde melhor. De acordo com o estudo, não há relação entre cuidar das flores, por exemplo, e conquistar bônus existenciais. Qualquer coisa que dê prazer, e se faça com alguma regularidade e em grupo, é positiva. Tanto faz debruçar-se num fogão ou numa mesa de carteados.



ILUSTRAÇÕES NEGREBROS

5 NÃO TRABALHE TÃO DURO, TENTE RELAXAR

Esqueça a aposentadoria, se possível. O trabalho é benéfico, sempre, com um porém, segundo Friedman e Leslie: não adianta apenas trabalhar muito, é preciso estar comprometido com o ofício. Aqueles que realmente se dedicaram — e tiveram sucesso na carreira — viveram mais do que os que pularam de emprego em emprego, por opção ou demissão. “Os responsáveis, os zelosos, vivem mais especialmente porque têm hábitos e comportamentos que não resultam em stress”, diz Friedman. “Essas pessoas são mais capazes de sair vitoriosas em sua vida pessoal e profissional.”



6 PREOCUPAÇÃO FAZ MAL À SAÚDE

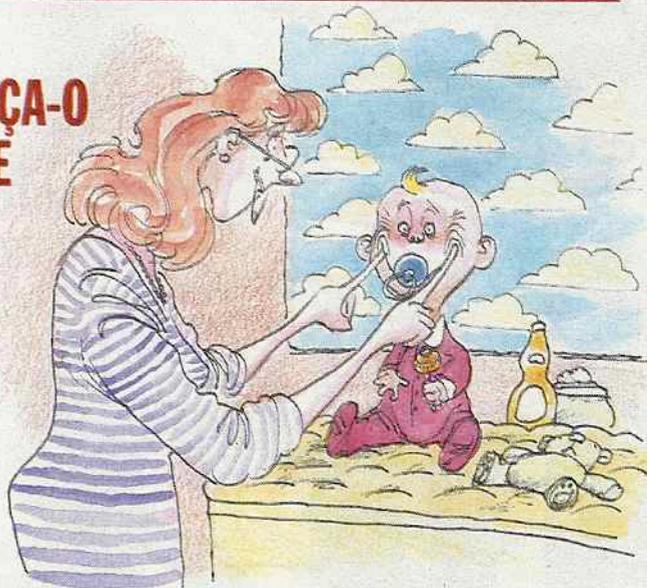
Uma outra falácia, segundo Friedman e Leslie. Uma dose de preocupação faz bem porque nos deixa alertas, atentos e prudentes. Os preocupados cuidam melhor da saúde, têm hábitos saudáveis, relações felizes e dose extra de serotonina no cérebro. A serotonina é um neurotransmissor responsável pelo bom funcionamento das células nervosas. Sua escassez está relacionada aos transtornos de humor, de ansiedade e aos problemas afetivos.

7 PESSOAS RELIGIOSAS VIVEM MAIS

Na “turma do Dr. Terman” havia católicos, luteranos e ateus. Pessoas pouco ou muito religiosas e com engajamento variável ao longo dos anos. Para Leslie e Friedman, rezar faz a diferença, mas não por motivos sagrados, que asseguram um lugar no céu. O que vale mesmo é ir à igreja, fazer parte da comunidade, estar com amigos. Ser religioso ajudou muitos dos personagens a romper os 90 anos — simplesmente porque, gregários, nunca pararam de estimular as relações sociais. O sujeito que vê o culto na televisão, religiosamente, mas solitário, este não ganhará tempo extra na terra.

8 SE SEU FILHO É MUITO SÉRIO, FAÇA-O SER MAIS ESPONTÂNEO E ALEGRE

Uma criança que cresce com excesso de otimismo acaba desatenta a riscos. “Não há por que fazer seu filho não ser feliz, claro”, diz Leslie. “Mas, se ele estiver excessivamente alegre, tente fazê-lo tomar decisões cuidadosas. Se ele achar que não pode lhe acontecer nada de ruim, vai se expor a perigos. Saber minimizar riscos é uma habilidade importante.” O bom humor, ressalve-se, é qualidade que, levada pelo resto da vida, até a maturidade, produz efeitos consideráveis — mas a excelência reside em saber rir de si mesmo. Já na velhice, indagaram à atriz Lucille Ball qual era o segredo de sua juventude. A resposta: “Viver honestamente, comer devagar e mentir a respeito da idade”.



9 SENTIR-SE AMADO É O CAMINHO PARA O BEM-ESTAR

Quanto você é querido não influencia em nada sua expectativa de vida. Muitos estudos já afirmaram que sentir-se amado dá às pessoas a sensação de felicidade e que isso melhoraria a qualidade de vida. Eis outra balela, segundo os autores. É maravilhoso ter o suporte de alguém em um momento difícil, claro, mas isso não vai fazer você morrer mais tarde. A sugestão da dupla é outra: valorize seu cuidado com os outros muito mais que o deles com você. O nome do jogo é altruísmo.



10 OS BONS MORREM CEDO, OS MAUS MORREM TARDE

Há mais de 300 anos, o jornalista e escritor inglês Daniel Defoe, autor de *Robinson Crusoe*, cunhou a frase acima, repetida ao longo dos séculos em canções, poemas e filosofia barata. Friedman e Leslie discordam. “Não há evidência alguma de que os bons morrem antes”, diz Leslie. Ao contrário, salvo exceções. Os bons, capazes de discernir o que é errado, moldam melhor seu destino, levam a vida com a dignidade que os faz dormir bem — e viver mais. A dupla de pesquisadores propõe uma outra máxima, o avesso do mito: “Os maus morrem mais cedo, e os bons vivem melhor”.



bra nco

PARA QUEM QUER GASTAR...

...ATÉ 250 REAIS POR METRO QUADRADO

LADRILHO HIDRÁULICO

Fabricado artesanalmente com cimento branco, pigmentos e pós de mármore e quartzo, tem apenas 1 centímetro de espessura — metade da versão para piso. “Em tons pastel, ele alegria o ambiente sem deixá-lo cansativo”, diz a arquiteta Fernanda Negrelli

Instalação: os ladrilhos são colocados com argamassa e sem rejunte. Depois de quatro ou cinco dias, são recobertos com resina acrílica — cuidado essencial para evitar manchas na superfície porosa

Preço: de 125 a 250 reais. A instalação custa, em média, 30 reais por metro quadrado

PAPEL DE PAREDE

A novidade são os produtos que, no lugar do papel vinílico, de aspecto emborrachado, usam o TNT — uma mistura de celulose e poliéster — para dar ao revestimento um toque aveludado. Texturas têm sido mais valorizadas do que estampas

Instalação: as folhas são aplicadas de cima para baixo, com uma cola à base de água. Elas costumam ser vendidas em rolos com 10 metros de comprimento e largura que varia de 0,50 a 1,30 metro. Vale lembrar que, quanto mais largo o papel, menor será a quantidade de emendas

Preço: de 80 a 200 reais. A instalação custa, em média, 50 reais por rolo

Assim como as cortinas e os tapetes, os revestimentos de parede são uma forma rápida de cobrir aquelas grandes extensões brancas e tornar a casa mais interessante. Mas afinar tendência e estilo não é tão simples quanto parece. “É preciso saber combinar cores e texturas. Só assim, quando bem escolhido — e executado —, é que o revestimento cumprirá de forma harmônica a função de aquecer e personalizar o ambiente”, diz o arquiteto Antonio Ferreira Junior. Apresentadas recentemente na feira Revestir, muitas das tendências que cobrem agora as paredes da 25ª edição da Casa Cor — aberta ao público até 12 de julho, em São Paulo — começam a chegar às lojas. Para saber como usar os novos materiais (e os antigos que não caem de moda) sem cometer exageros nem comprometer o orçamento, VEJA consultou quatro arquitetos.



...DE 250 A 400 REAIS POR METRO QUADRADO

PAINEL DE MADEIRA

Formado por folhas de madeira, régua ou peças geométricas, é usado em ambientes como living e salas de TV pelo conforto térmico e acústico que proporciona. As madeiras mais usadas em paredes são teca, carvalho, freijó e nogueira. "Gosto do contraste com o piso frio. Quando ambos são de madeira, prefiro uma contraposição de tonalidades. Se o piso é de uma cor neutra, opto nas

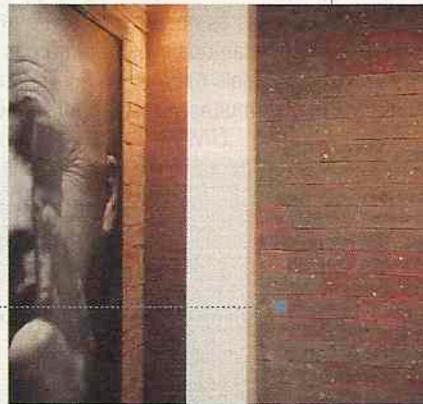
paredes por um tom acastanhado, como o da nogueira", explica a arquiteta Zoe Gardini

Instalação: o marceneiro cola ou encaixa, com a ajuda de um sarrafo, o painel à parede

Preço: de 200 a 400 reais, com a instalação

TIJOLO DE SOBREPOR

Disponível em várias tonalidades, a peça é feita de barro de países africanos. "Costumo usar os tijolos em living, terraços ou



cozinhas gourmet. Como eles têm 1 centímetro de espessura, mudam o ambiente sem roubar espaço nem exigir a construção de novas paredes", diz Renata Florenzano

Instalação: as peças, com 22 centímetros de largura por 7 de comprimento, são assentadas uma a uma

Preço: 250 reais, com a instalação



...MAIS DE 400 REAIS POR METRO QUADRADO

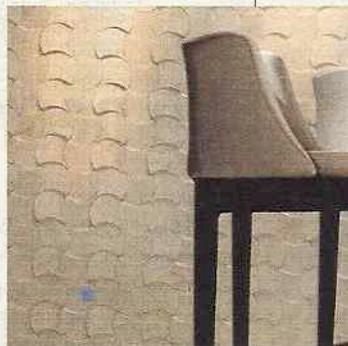
AZULEJO

Antes restrito a áreas molhadas, como banheiros e cozinhas, o azulejo tem migrado para outros ambientes da casa, como living e halls de entrada. A tendência são os modelos de "grife" assinados por designers para composições em

patchwork. "Quem não quiser comprar as peças novas, em forma de kits, pode buscá-las em museus de azulejos", diz o arquiteto Antonio Ferreira Junior

Instalação: os azulejos são assentados sobre a parede lisa com argamassa e rejunte

Preço: 470 reais. A instalação custa, em média, 150 reais por metro quadrado



MOSAICO DE MÁRMORE

Os mais comuns para revestir a parede são piguês, crema, travertino, nero e thassos. "A instalação em filetes, ou canjiquinha, está saindo de moda. Hoje, a preferência

é por mármore lisos em banheiros e lareiras — e rústicos, em formas geométricas, para as paredes internas da casa", diz Antonio Ferreira Junior

Instalação: placas quadradas de 30 centímetros são aplicadas sobre a parede sem rejunte

Preço: de 1 300 a 2 000 reais, com a instalação

TECIDO SEM EMENDA

Em geral, ele tem 1,40 metro de largura, mas já é possível comprá-lo com o dobro dessa medida, ou mesmo sob encomenda, do tamanho exato da parede. Embora custe até cinco vezes mais, o tecido sem emenda permite um acabamento impecável. "Tecidos como linho, camurça e palha de seda proporcionam aconchego", diz Fernanda Negrelli

Instalação: coloca-se uma folha de MDF com espuma sobre a parede, e então colam-se as bordas do tecido sobre ela

Preço: de 280 a 300 reais. A instalação do metro linear custa de 80 a 120 reais



Sim, parece. Mas não é

Graças às novas técnicas de impressão digital, o mercado de porcelanatos evoluiu tanto nos últimos anos que já consegue reproduzir materiais naturais como mármore, madeiras e sisal com tanta perfeição que, muitas vezes, é preciso tocá-los para reconhecer a diferença.



Para produzir peças de porcelanato com cores, texturas e relevos semelhantes aos de **madeira de demolição**, foram usadas como molde tábuas centenárias de uma antiga residência
Preço: 165 reais por metro quadrado

FOTOS DIVULGAÇÃO

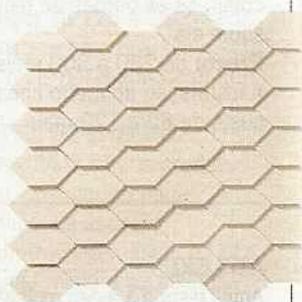


Em três tons naturais — branco, crema e noce —, o **travertino navona** é reproduzido na superfície do porcelanato com as mesmas nuances da pedra italiana. As peças são vendidas em dois formatos: 60x60 e 60x120 centímetros
Preço: de 90 a 120 reais por metro quadrado

As peças em formato 15x90 centímetros recebem impressão digital em 3D e texturas em alto e baixo relevo para acentuar o efeito de fibras naturais como o **sisal**, o buriti e a juta
Preço: de 300 a 370 reais por metro quadrado



Inspirado no **Corian**, um material sintético composto de fragmentos minerais, o mosaico em forma de colmeia é feito em relevo a partir de peças de porcelanato cortadas e agrupadas em uma tela de 30x30 centímetros
Preço: 1 100 reais por metro quadrado



De pedra em pedra

O metro quadrado de um revestimento em mármore italiano não costuma sair por menos de 500 reais. Garimpendo um pouquinho, é possível encontrar pedras mais baratas, mas nem por isso menos belas, para as paredes da casa:

ARDÓSIA PRETA: em placas quadradas, retangulares ou de mosaico, é usada para revestir tanto paredes internas quanto fachadas. Custa, em média, 170 reais por metro quadrado

TRAVERTINO TURCO: nas versões bruta e anticato (com acabamento envelhecido),

pode ser encontrado na espessura de 1,2 centímetro por valores que variam de 140 a 195 reais por metro quadrado

SEIXO: extraída de rios, a pedra arredondada é vendida em placas de 30x30 centímetros nas cores verde, branco, preto e areia. Elas custam, em média, 250 reais por metro quadrado

ÔNIX: com nuances em bege, o ônix proveniente do Sudeste Asiático pode revestir tanto paredes internas quanto externas. As peças com 10x10 centímetros são fixadas à parede com argamassa. O metro quadrado delas sai por 250 reais



Outras fontes consultadas: os arquitetos Carla Dichy, Clélia Regina Angelo, Marcio Nascimento e Manna Machado, Antonio Carlos Kieling, da Associação Nacional dos Fabricantes de Cerâmica para Revestimento, Celina Dias, Dalle Prágge, Empório Beraldin, Entrepósito, JRJ Tecidos, Micapel, Mosarte, Nani Chinellato, Oca Brasil, Ormatos, Palimanan, Pavão, Portinari, Portobello, Vitvne by Casa Fortaleza e Wallcovering

Arroz, feijão, bife e risada



Com as séries cômicas *Tapas & Beijos* e *A Mulher Invisível*, a Globo renova sua linha de humor usando como matéria-prima o trivial do dia a dia brasileiro

MARCELO MARTHE



Em breve, no seriado *Tapas & Beijos*, o comerciante Djalma ficará inconsolável ao descobrir que não foi por atração pelas mulheres que seu pai abriu a loja de vestidos de noiva da família — mas sim por ter sido um gay sensível. Na gravação de mais esse episódio da atração das noites de terça da Globo, o semblante choroso do ator Otavio Muller deu mote a uma comédia paralela nos bastidores do Projac, a central de produção da emissora no Rio de Janeiro. “Solta esse turbilhão de emoções que há em você, Otavinho”, ironizava a colega Fernanda Torres — intérprete de Fátima, vendedora às voltas com um amante que só a enrola. Quando se ligavam as câmeras, contudo, Fernanda engolia os rasgos ferinos e se concentrava em reproduzir com fidelidade o roteiro. Os diálogos travados por Fátima e Sueli — a outra vendedora suburbana que protagoniza *Tapas & Beijos*, vivida por Andrea Beltrão — eram regravados várias vezes, até que o diretor Mauricio Farias se desse por satisfeito com o tom.

A entonação correta: aí está uma qualidade evidente em *Tapas & Beijos*, que estreou em abril, e em outra novidade das mesmas terças. Lançada há duas semanas, *A Mulher Invisível* traz Selton Mello como um homem dividido entre sua mulher, Clarisse (Débora Falabella), e Amanda (Luana

TUDO EM FAMÍLIA

Claudio Paiva entre Fernanda Torres (à esq.) e Andrea Beltrão, como as vendedoras de Tapas & Beijos: fazer sitcoms já dá mais prestígio que atuar nas novelas — e provoca ciúmeira

Piovani), uma loira imaginária. Os dois programas são a comprovação de que a TV brasileira encontrou, enfim, um jeitinho eficaz de incorporar os expedientes consagrados das sitcoms, as comédias de situação americanas, à sua moda. *Tapas & Beijos* chega a marcar 29 pontos no Ibope na Grande São Paulo e tem lugar garantido na programação da Globo até o fim do ano. Derivada do filme homônimo de Claudio Torres, *A Mulher Invisível* terá temporada inicial de apenas cinco episódios. Mas, na estreia, os pernões de Luana demonstraram seu poder afrodisíaco: a audiência no horário subiu dos 17 para os 25 pontos.

Depois de um período de vacas magras, marcado por equívocos como a sátira médica *S.O.S. Emergência*, o humor da Globo volta aos trilhos graças a dois veteranos do ramo — cujas trajetórias, aliás, têm pontos de contato que coincidem com grandes acertos da emissora. Nos anos 80, o diretor Guel Arraes, que operou a transformação de *A Mulher Invisível* em série de TV, e o roteirista Claudio Paiva, criador de *Tapas & Beijos*, foram os responsáveis pelo sucesso *TV Pirata*. No início da década passada, juntaram forças na reinvenção de *A Gran-*

de Família, programa que havia sido popular na Globo nos anos 70. As novas empreitadas de ambos são o equivalente cômico de um bom PF, o “prato feito” composto de arroz, feijão, bife e salada. Uma combinação trivial, mas honesta e substanciosa, que agrada a brasileiros de qualquer matiz social.

Na adaptação de *A Mulher Invisível*, Guel acrescentou um elemento ausente no filme — a personagem de Débora Falabella — para reforçar a levada de comédia romântica. “Ao darmos uma esposa ao protagonista, podemos explorar um triângulo amoroso clássico, no qual a personagem da Luana funciona como um complicador dos desencontros do casal”, diz Guel. *Tapas & Beijos* se apoia em uma reciclagem criativa de tipos que estão aí desde sempre na teledramaturgia nacional, como o malandro carioca e a figura da amante.

Espelhar o Brasil real não é propriamente uma inovação: as novelas, afinal, sempre lidaram com a mesmíssima matéria-prima. Nas séries cômicas, entretanto, a influência da sitcom veio dar um banho de loja nessa temática surrada — ainda que tenha levado tempo para a Globo depurá-la. A carreira de Paiva ofe-

OS CINCO MANDAMENTOS DAS (BOAS) SÉRIES CÔMICAS

1 Os diálogos devem ter precisão absoluta

Como as piadas surgem dos jogos de palavras, o espaço para o improviso no roteiro é ínfimo. Alterar um verbo ou a pontuação de uma frase pode fazer a cena desandar

2 Quanto mais veloz a narrativa, melhor

O ritmo ideal é de uma piada a cada 5 a 7 segundos. Se a ação não for ágil, o espectador acaba prevendo o que virá adiante, minando o efeito-surpresa que induz ao riso

3 O timing dos atores é tudo

Eles precisam colocar a ênfase nas palavras corretas e saber como ir do tom cômico ao (melo)dramático num décimo de segundo

4 Personagens neuróticos são indispensáveis

Além de movimentar a trama, eles permitem que se acrescente algo de improvável aos lugares-comuns da comédia, como os tipos malandros e as amantes

5 A situação faz a piada, não o contrário

As gagues não podem ser avulsas: o humor é desencadeado por pequenas perturbações na ordem do dia a dia e decorre sempre dos conflitos entre os personagens, nunca de forma gratuita





COMÉDIA AFRODISÍACA

Claudio Torres (à esq.), com o elenco de *A Mulher Invisível*: "A Luana sabe rir do estereótipo que representa"

rece um exemplo do que uma sitcom moderna não é: o humor rasteiro de *Sai de Baixo*. Paiva passou a comandar os roteiristas da atração exibida até 2002 por encomenda da emissora, com o projeto já em andamento. Era um pavor: o texto era descartado a bel-prazer pelo elenco, que se engalfinhava para ver quem aparecia mais. "Nunca gostei daquele humor acima do tom", diz ele. Em *Tapas & Beijos* e *A Mulher Invisível*, felizmente, o roteiro tem primazia sobre os egos. "A precisão é tudo: se a coisa se arrasta, o espectador advinha a piada que virá adiante e a graça acaba", diz o diretor Farias.

Virar pelo avesso os clichês é outro mandamento da sitcom. Em *Tapas & Beijos*, a amante feita por Fernanda Torres é heróina. O truque para que tal subversão não ofenda o público é fazê-la sofrer adoidado: como Armane (Vladimir Brichta) passa mais tempo com a mulher, é Fátima que amarga a solidão. "E não mostro a esposa nem os filhos dele. As espectadoras se voltariam contra Fátima", diz Paiva. Em *A Mulher Invisível*, é mais simples driblar restrições morais. "Como Amanda só existe na cabeça do protagonista, tecnicamente ele não está traindo a mulher", diz Torres. A loira foga enseja, ainda, um flerte com a realidade: "A Luana sabe rir do estereótipo que representa".

O fato de os irmãos Claudio e Fernanda, filhos de Fernanda Montenegro, monopolizarem a cena com suas respectivas séries já leva a principal faixa cômica da Globo a ser chamada de "Terça Torres" na emissora. Estar numa dessas produções, aliás, provoca ciúmeira. Fazer uma série de sucesso dá mais prestígio do que novela. E, como se trabalha menos, sobra tempo para projetos paralelos. Recentemente, Andrea Beltrão — mulher do diretor Farias — pediu para se ausentar de *Tapas & Beijos* por cinco dias para uma turnê teatral. "Temos, sim, nossas vantagens", diz a atriz. Assim dá mesmo vontade de rir. ■

ERIVANI D'ALMEIDA



As cores frescas da infância

Uma menina russa de 4 anos expõe seus quadros em uma galeria de Nova York — e já vendeu alguns por até 10 000 dólares

BRUNO MEIER

Nova York abrigou, na virada da década de 40 para a de 50, aquele que foi o primeiro movimento de vanguarda exclusivamente americano das artes plásticas — o expressionismo abstrato, que teve em Jackson Pollock (1912-1956) seu expoente. Uma mostra de arte com telas coloridas por volumosas e exuberantes manchas

de tinta já não deveria causar comoção na cidade. No entanto, a exposição *O Prodígio da Cor*, na Agora Gallery, no charmoso bairro de Chelsea, tem encantado visitantes e fornecido amplo material para discussão. A surpresa advém da precocidade da artista, a russa Aelita Andre. Em um vídeo no site do jornal inglês *The Telegraph*, ela é flagrada dando gritinhos agudos e entusiasmados ao visitar sua própria mostra. Outros vídeos que circulam pela internet a exibem em pleno processo criativo: vestida com um avental rosa, ela esparrama tinta sobre uma tela e depois sai pisando sobre as cores. Aelita Andre é uma garotinha de apenas 4 anos. Os responsáveis por elevá-la à fama, porém, embalsamaram a espontaneidade de seu trabalho no vocabu-

lário grandiloquente da crítica de arte. “Aelita não é uma criança que brinca com a pintura. É uma verdadeira artista. Decidi expor suas obras pela constância de seu estilo e por sua expressão extraordinária”, disse a VEJA a diretora da galeria, Angela Di Bello. Seus quadros estão sendo vendidos por preços que variam de 5 000 a 10 000 dólares — recentemente, um colecionador italiano pagou 27 000 dólares por três telas.

O sucesso de Aelita repete um fenômeno semelhante da década passada: a americana Marla Olmstead, hoje com 10 anos, despontou aos 4 como pintora abstrata em uma elogiada exposição também em Nova York. Esses supostos prodígios infantis tendem a reacender uma renitente desconfiança popular em



ADAM ELWOOD/NEWSPIX

relação ao abstracionismo — a de que essa seria uma forma de arte desprovida de parâmetros ou regras de composição, cuja execução não exigiria ao artista estudo nem talento. Aliás, uma das formulações mais comuns dessa crítica algo rudimentar vai mais ou menos assim: “Até meu filho de 4 anos poderia pintar esse quadro” — a qual foi humoristicamente aproveitada em um documentário sobre Marla lançado em 2007 e intitulado *My Kid Could Paint That*.

Nos preços elevados que os quadros de Aelita e Marla alcançam, entretanto, há também muito do deslumbramento irracional com modas passageiras que tão frequentemente movimentam o mercado de arte. “Muitas pessoas compram essas obras apenas pela extravagância e

FOTOS HILL WINSCULL/THE NEW YORK TIMES/REDFIX



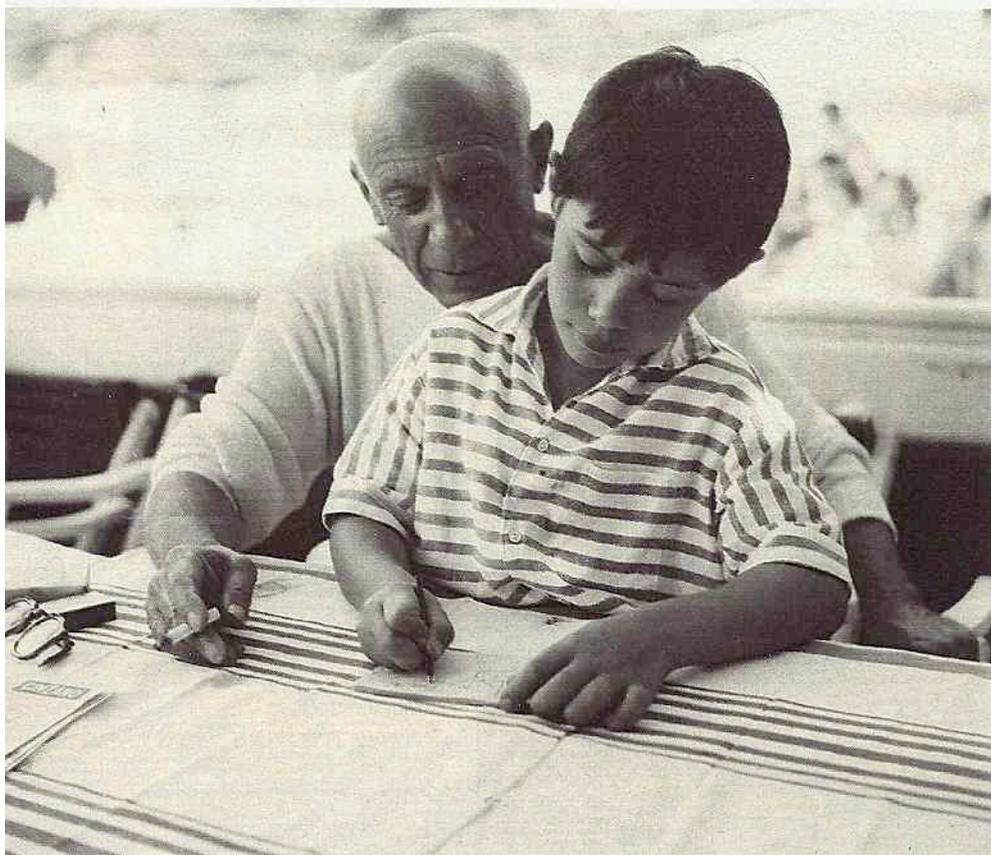
POLLOCKS PUERIS

Aelita Andre (na extrema esquerda), de 4 anos, com suas criações, e Marla Olmstead (acima, e quadro ao lado), que fez sucesso em 2004, também aos 4 anos: “Algo que vem de dentro”

pele status, sem ter conhecimento de arte”, afirma o crítico brasileiro Rodrigo Naves — que avalia a arte de Aelita como “sub-Pollock”. Mas os quadros das duas meninas distinguem-se bastante da produção típica das crianças dessa idade. Ao lado da exuberância da cor, há uma certa, digamos, estrutura nas telas, que de fato lembra Pollock. Pode haver aí a influência paterna: ambas as meninas são filhas de artistas. Mas a tutela não compromete o evidente frescor infantil dos quadros. “Eu não acho que Marla tem consciência do que está fazendo. É algo que vem de dentro”, diz Anthony Brunelli, dono da galeria de Nova York que expôs as telas de Marla em 2004.

Uma certa visão romântica da arte propõe que isso, o que “vem de dentro”,

é só o que importa, e que a expressão pessoal do artista, sem peias nem condicionamentos, é o que faz a arte ser arte. Para outra vertente de pensamento estético, ao contrário, a espontaneidade compromete o pretensão status artístico de uma obra: só pode ser considerado arte aquilo que é deliberadamente projetado para sê-lo. Ambas as concepções têm seus limites. A simples expressão pessoal, sem pesquisa nem estudo, não cria um Mondrian ou um Miró (para ficar em dois grandes nomes do abstracionismo). E a ideia de que a intenção artística é determinante excluiria as grandes pinturas rupestres de Lascaux ou Altamira, elaboradas na pré-história, quando dificilmente existiria o conceito abstrato de “arte”.



BETTMANN/CORBIS/ATIN/STOCK

O crítico francês George Steiner observou certa vez que só em três atividades intelectuais grandes gênios despontam antes da puberdade: o xadrez, a matemática e a música. Marla e Aelita poderiam incluir a pintura nessa lista breve? Certamente não: podem-se reconhecer méritos em suas obras, mas não genialidade. Dentro de certos limites, porém, elas conseguiram deslumbrar críticos e colecionadores. O primeiro galerista a expor a obra de Aelita, em Melbourne (a família da menina, recentemente estabelecida em Nova York, morava então na Austrália), não sabia da idade da pintora — e achou que se tratava de uma artista adulta. Outras criações espontâneas já encantaram e enganaram críticos antes: em 1910, a velha guarda acadêmica francesa usou um quadro feito pelo rabo de um burro embebido em tinta para ridicularizar a arte de vanguarda, em particular o cubismo. Com o título de *Pôr do Sol no Mar Adriático*, o quadro foi exposto em um salão de pintura, em Paris, assinado por um inexistente pintor italiano chamado Joachim-Raphaël Boronali. Nos anos 50, o chimpanzé Congo, “descoberto” pelo zoólogo e artista inglês Desmond Morris, fascinou vários artistas com seus quadros. O surrealista Salvador Dalí proclamou: “A mão do chimpanzé é quase humana: a mão de Pollock é totalmente animal”. Em 2005, algumas telas de Congo foram vendidas, em leilão, a preços mais altos que os obtidos por obras do impressionista francês Renoir e do artista pop americano Andy Warhol.

A MÃO LIVRE
*Pablo Picasso
 desenha com um de
 seus filhos: quatro
 anos para pintar
 como Rafael e a
 vida toda para
 aprender a pintar
 como uma criança*

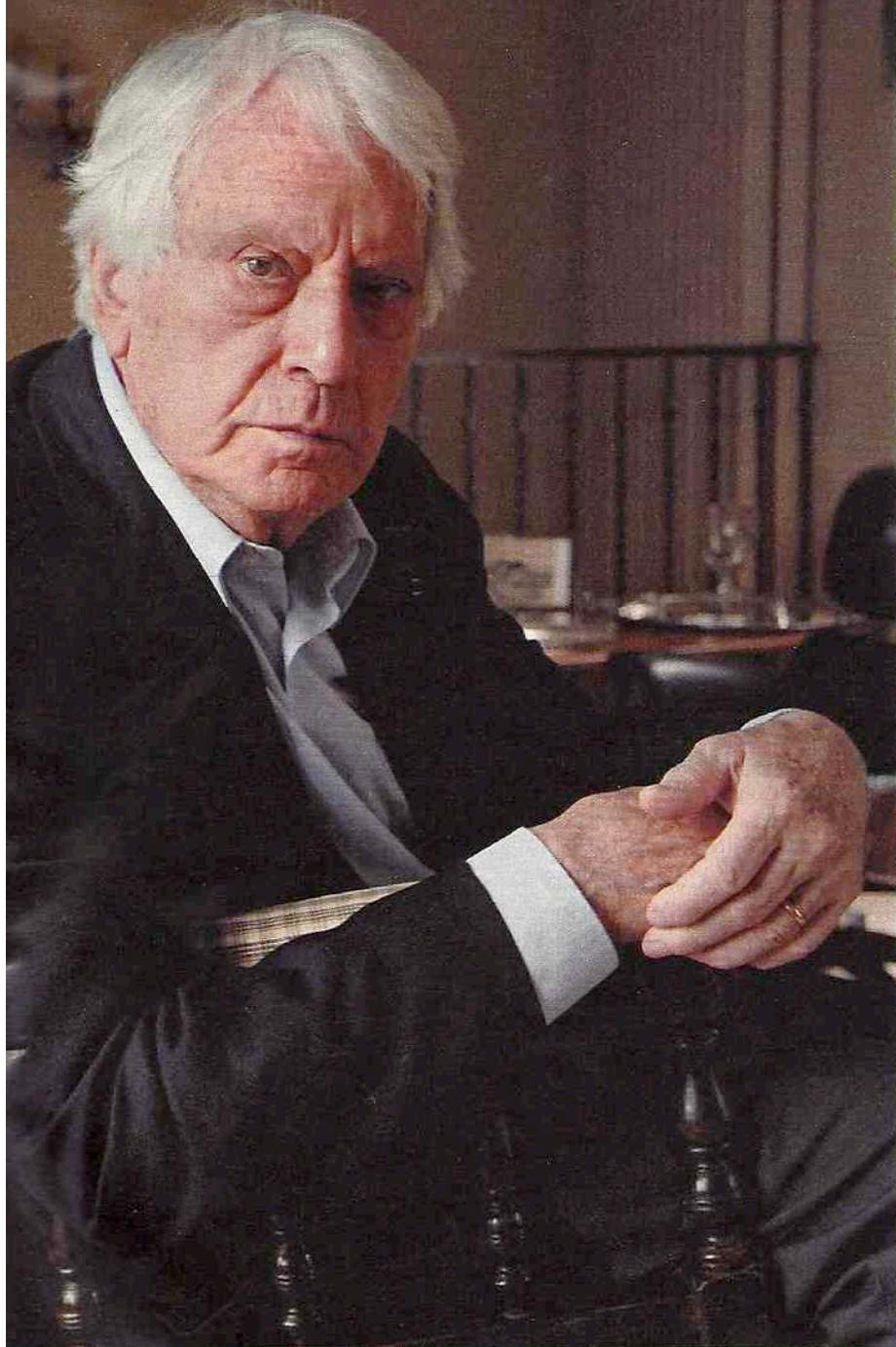
O espanhol Pablo Picasso foi um pintor que não dispensou o estudo e a pesquisa incessantes, mas que também invejava a facilidade natural das crianças (e até dos macacos: chegou a pendurar um quadro de Congo em seu escritório). “Demorei quatro anos para pintar como Rafael, mas uma vida inteira para pintar como uma criança”, disse certa vez. Recém-saída das fraldas (não se pode ser precoce em tudo), Aelita não pinta com a serenidade renascentista de um Rafael, mas com o espalhafato modernista de um Pollock. O desgastado veredicto sobre a natureza embusteira da arte abstrata — “até uma criança faz igual” — talvez nem precise ser revisado: é realmente muito difícil pintar como uma criança. ■

A MÃO HUMANA
*Congo, o
 chimpanzé pintor:
 quadros mais caros
 do que algumas
 obras de Renoir
 e Andy Warhol*



REX FEATURES

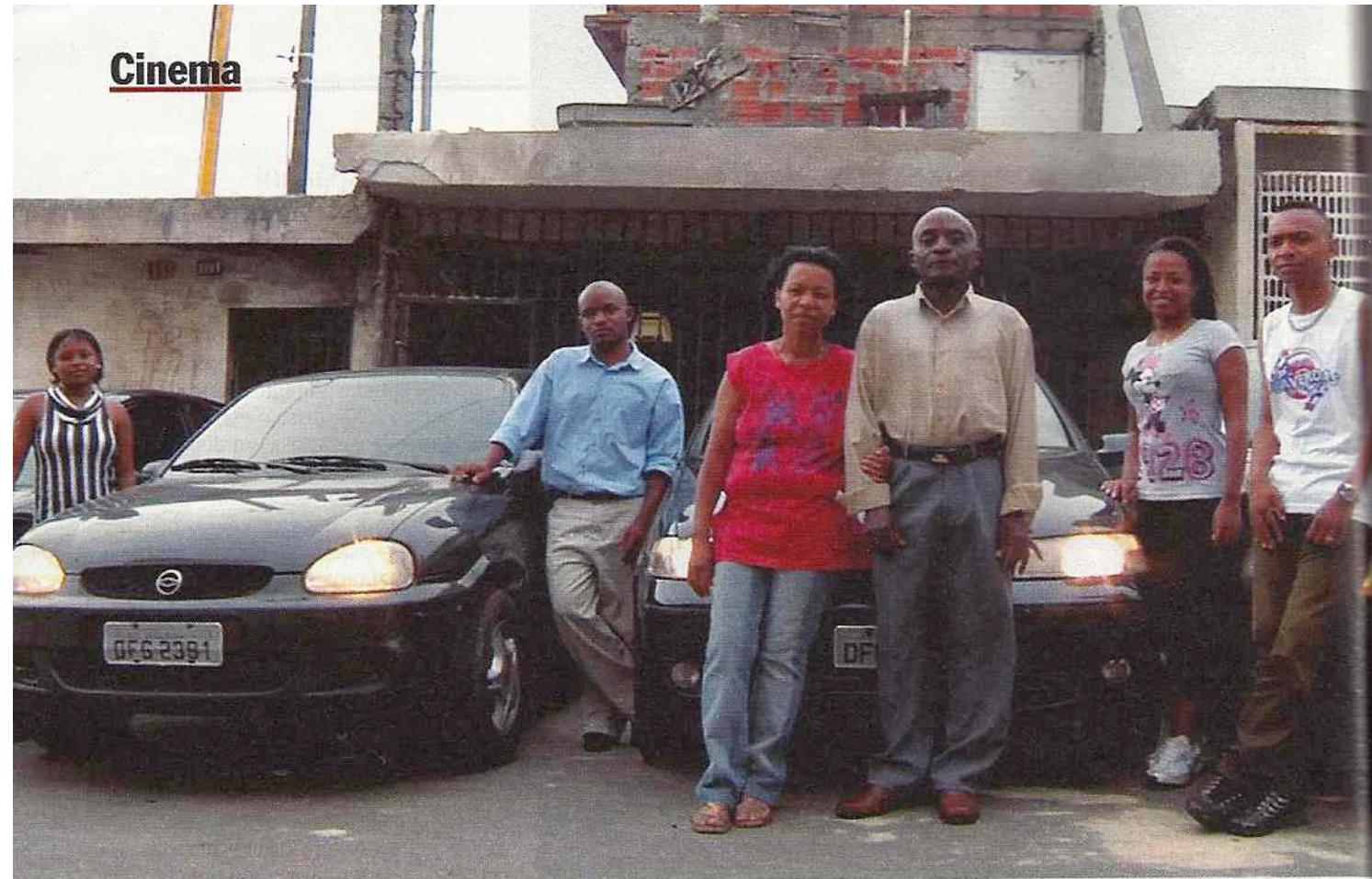
O escritor do tumulto



Morre o espanhol Jorge Semprún, cuja obra registra dilemas políticos que ele mesmo viveu

“Jorge Semprún viveu não como testemunha, mas como protagonista dos grandes tumultos históricos do século XX”, disse o escritor peruano Mario Vargas Llosa em depoimento ao jornal espanhol *El País*. De fato, o autor de *A Escrita ou a Vida* — morto no dia 7, aos 87 anos, de causas não divulgadas — esteve no cruzamento dos grandes totalitarismos do século passado: o nazismo, contra o qual lutou, e o comunismo, ao qual aderiu. Essa experiência em primeira mão de catástrofes e equívocos da história alimentou a literatura do escritor espanhol, cujos romances (a maior parte deles escrita em francês) carregavam uma forte carga autobiográfica. Semprún ingressou no Partido Comunista Espanhol em 1942. No ano seguinte, foi preso pelos nazistas na França, onde militava como membro da Resistência, e encaminhado ao campo de concentração de Buchenwald. Conseguiu alçar-se como uma espécie de representante dos presos junto aos carascos nazistas, e assim favoreceu os camaradas: em certa ocasião, quando a SS exigiu trabalhadores para tarefas especialmente duras, tirou os comunistas da lista e colocou outros prisioneiros no lugar. Libertado em 1945, Semprún continuou no PC. Na Espanha da ditadura de Franco, atuou clandestinamente. Foi expulso do PC em 1964, por reivindicar independência em relação às orientações soviéticas. Sua passagem pelo PC na França está na base de um episódio controverso: no ano passado, uma biógrafa alemã acusou Semprún de ter delatado a escritora francesa Marguerite Duras ao partido por “desviacionismo” ideológico, o que levou à expulsão da autora de *O Amante*. Semprún negava a acusação. Sua literatura é um registro sensível dos embates políticos e dilemas éticos que ele mesmo viveu. Em uma entrevista em 2000, Semprún manifestava angústia por não saber expressar, com a palavra escrita, uma das experiências mais terríveis de um campo de concentração: o permanente cheiro de carne humana queimada. ■

MEMORIALISTA DA CATÁSTROFE Semprún: sobrevivente de um campo de concentração



O Brasil que prefere pescar

Família Braz — *Dois Tempos* documenta as colossais transformações por que passaram na última década seis personagens que acreditam em estudar e trabalhar

ISABELA BOSCOV

No ano 2000, quando foi feito o documentário *A Família Braz*, os personagens que lhe dão título — um casal e seus quatro filhos, moradores da periferia de São Paulo — eram já uma encapsulação de uma parte do país que, depois de meia década de inflação domada, começava a se articular para colher as benesses desse processo. Começava, apenas: àquela altura, o sonho de Antonio Braz, encanador, era construir novos quartos sobre a laje da casa; mas, quando Maria, sua

mulher, subia ali e olhava para a expansão da cidade mais adiante, o que ela via era ainda um lugar ameaçador. Os filhos davam seus primeiros passos. Anderson, o mais velho, comprara com o auxílio de toda a família um Monza 88, que o ajudaria no trabalho como corretor de seguros. Denise, a segunda, era recepcionista, e Gisele e Eder, os seguintes, mal haviam começado a formular planos para o futuro. Agora, em *Família Braz* — *Dois Tempos* (Brasil, 2011), desde sexta-feira em cartaz, vê-se de que forma esse futuro chegou: retornando a seus personagens após uma

MOBILIDADE

Os Braz, com seus quatro carros: a prova concreta e simbólica de que agora eles é que estão no controle de sua situação

década, o cineasta Arthur Fontes e a jornalista Dorrit Harazim encontram nos Braz, de Vila Brasilândia, uma ilustração viva das transformações sociais e econômicas por que passou o Brasil nesse período. Seu sinal mais evidente: o sorriso com que os Braz mostram os quatro automóveis com que agora transitam por uma cidade que até para Maria parece hoje um lugar de oportunidades incalculáveis.

Simple e eficiente, *Dois Tempos* não incorre na tentação de fazer ilações sociológicas a partir da trajetória dos Braz. Apresenta em preto e branco as imagens de antes, e as justapõe então aos registros recentes — e é o que basta. Em lugar de um carro usado, Anderson mostra o apartamento moderno em que mora com a mulher, também na Brasilândia: ele subiu tanto que já treina equipes de corretores. Entre os prêmios que a empresa lhe deu, incluem-se uma televisão, um notebook e um cruzeiro

marítimo. Denise se provou uma craque como vendedora (os colegas a chamam de “Denaise”, com pronúncia americanizada, em reconhecimento à sua eficiência). Fora as comissões, recebe salário de 3.000 reais; foi como prêmio da empresa também que viajou pela primeira vez de navio. Antes, já havia levado Gisele de avião para o Nordeste, e é num notebook de primeira linha que a irmã mais nova — que alfabetiza adultos e estuda pedagogia — mostra as fotos da viagem. “Denaise” é um colosso de pragmatismo. No início de cada ano, estabelece em segredo três ou quatro metas que deverá atingir nos meses seguintes. Em 2009, cumprira todas: curso de inglês, cirurgia plástica e carro zero. Provara também, apesar do receio, da comida japonesa: seus clientes, diz, não são “de churrascaria”. Metas seguintes: apartamento próprio e pós-graduação. Não menos expressivo foi o salto de Eder. Depois de nove anos como motoboy, ele se formou técnico em enfermagem, e agora sai de casa toda manhã (de carro, claro) em um impecável uniforme branco.

É em parte graças à ascensão dos filhos (os quais, nesses anos, atravessaram fases de desemprego e dificuldade) que a casa dos Braz, se por fora não mudou tanto, por dentro virou outra: acrescentaram-se quartos e trocaram-se móveis e eletrodomésticos. O que sobressai em *Dois Tempos*, porém, é o imenso esforço que tudo isso custou. Um esforço colaborativo, entre os vários membros da família, e individual — de Maria, decidida a participar mais do mundo (já viúva de Antonio, que morreu seis meses após as filmagens, ela entrou para o conselho do posto de saúde de Brasilândia), ao de cada um dos filhos. Os Braz puxaram-se pelos cadarços dos próprios sapatos, por assim dizer: estudaram, empenharam-se, abriram mão de namoros e de folgas para seguir adiante. Nada lhes foi dado, tudo foi conquistado. Em um Brasil que assiste à portentosa ascensão da classe C e ainda assim se agarra em parte à cultura do assistencialismo, os Braz demonstram, enfim, como essa ascensão se dá; não pedindo peixe, para usar o adágio corrente, mas tirando partido do crescimento econômico para aprender a pescar — o peixe que quiserem, para fazer dele o que lhes convém. ■

Até que o amor nos separe

Um filme notável sobre a ruína de uma paixão

O cachorro some, a mãe o encontra atropelado, o pai o enterra para que a filha pequena não perceba o que aconteceu — e, de alguma maneira, esse acontecimento catalisa a profunda crise por que passam Cindy (Michelle Williams) e Dean (Ryan Gosling). Horas mais tarde, em um motel barato, os dois ficarão bêbados, quase farão sexo — ela pede violência, ele se magoa e recusa — e dormirão separados. Ela na cama, ele no chão do banheiro, em um prenúncio do dia ainda mais terrível que virá a seguir. Mas em uma outra noite, seis anos antes, Cindy e Dean estavam se apaixonando rapidamente e com excitação: ele ao uquelele, imitando Elvis Presley, ela dançando alegre na rua. Como tudo pôde dar tão errado — essa é a pergunta que faz *Blue Valentine* (Estados Unidos, 2010), desde sexta-feira em cartaz, mas a que nenhum dos dois protagonistas saberia responder. Trata-se de um filme notável sobre a ruína de uma paixão outrora luminosa. O qual, em um lance oportunista de mau gosto, a distribuidora nacional batizou de *Namorados para Sempre*.

Espécie de rebelde proletário, Dean primeiro encantou Cindy por causa do desaparego e da espontaneidade, e conquistou-a de fato ao propor num impulso que, junto com a criança que ela estava esperando — da qual ele pode ou não ser o pai —, formassem uma família. Cindy, que pretendia estudar medicina, teve de virar enfermeira; e, passados seis anos, são justamente o desaparego e a despreocupação de Dean, mais a constância e a ardência do amor dele, que a desgastam e exasperam. Quanto mais Cindy tenta fazer Dean entender o que

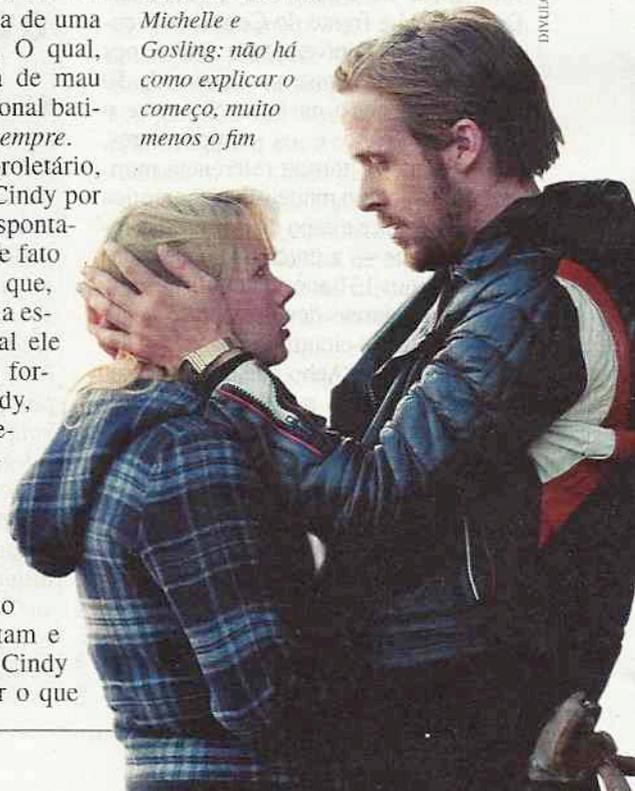
se passa, mais agressivo e impetuoso ele se torna — e mais o coração dele se parte também. No desempenho excepcional de Gosling e Michelle (ele expondo-se em tudo, ela resguardando-se dele), esse é um amor que necessariamente tinha de acontecer, mas que provavelmente não vai sobreviver.

O diretor de *Blue Valentine*, Derek Cianfrance, preparou o filme durante doze anos e escreveu quase setenta tratamentos para o roteiro. No primeiro dia de filmagem, em que Gosling e Michelle se conheceram (depois de anos trabalhando separadamente com o cineasta), ele jogou o script fora: deixou os atores encantarem-se um com o outro para filmar o passado; fez com que morassem juntos durante uma pausa de um mês, para que se ligassem um ao outro; e então obrigou-os a dilacerar em frente às câmeras o relacionamento que se tornara tão precioso. O resultado está impresso na tessitura de *Blue Valentine*, que dói nos momentos difíceis e machuca mais ainda nos instantes felizes — porque o fim de uns e outros se anuncia de maneira mais clara a cada minuto. ■

ISABELA BOSCOV

SEM RESPOSTAS

Michelle e Gosling: não há como explicar o começo, muito menos o fim



O neurorevolucionário

Dono de um espírito inovador, o neurocientista Miguel Nicolelis detalha em livro sua carreira, uma jornada que resultou em muitas contribuições para o entendimento da mente

GABRIELA CARELLI

Para apresentar *Muito Além do Nosso Eu — A Nova Neurociência que Une Cérebro e Máquinas e Como Ela Pode Mudar Nossas Vidas* (Companhia das Letras; 552 páginas; 39,50 reais), o neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis cita o ensaísta e poeta americano Ralph Waldo Emerson: “Não seja escravo do seu passado. Mergulhe em mares grandiosos, vá bem fundo e nade até bem longe, e voltarás com respeito por si mesmo, com um novo vigor, com uma experiência a mais que explicará e superará a anterior”. A escolha faz jus à obra. O livro, o primeiro de Nicolelis para o grande público, é um relato apaixonado de seus 27 anos de pesquisas sobre o funcionamento da mente. Uma jornada, tal como descrito na epígrafe de Emerson, cheia de desafios e descobertas. Desde 1994 à frente do Centro de Neurociências da Universidade Duke, nos Estados Unidos, esse paulistano de 50 anos foi pioneiro na interação entre o cérebro humano e os computadores, área em que se tornou referência mundial. Seu trabalho rendeu-lhe 38 prêmios internacionais e a capa da prestigiosa revista *Science* — a única dedicada a um brasileiro nos 131 anos da publicação. A coleção de láureas deve-se não somente ao brilhantismo científico, mas a seu espírito inovador. “Acho que nasci revolucionário. Busco a ruptura a todo momento”, disse ele a VEJA.

Desta vez, a ruptura começa com a própria concepção do livro. Trata-se de um híbrido literário: uma autobiografia que abarca a defesa de uma nova teoria do cérebro. “Uso minha história como fio condutor para desvelar a visão de cérebro que emergiu de minhas pesquisas — um cérebro plástico, maleável e democrático, mais parecido com o cos-

mos do que com o computador”, explica o autor. A narrativa tem início em 1984, quando, graduado em medicina pela Universidade de São Paulo, Nicolelis optou pela neurofisiologia, a disciplina que estuda os mecanismos físicos da consciência humana. Na ocasião, todas as tentativas de decifrar o cérebro humano concentravam-se em pesquisar o neurônio de forma isolada. “Não fazia sentido. É como tentar ouvir uma sinfonia com o som de um violino apenas”, compara. Determinado a ouvir a orquestra inteira, Nicolelis foi trabalhar na Universidade Hahnemann, também nos Estados Unidos, como bolsista. Lá desenvolveu uma técnica que reconfigurou a neurociência moderna: foi o primeiro pesquisador a registrar os sinais elétricos de uma centena de neurônios simultaneamente. A partir desse

mapeamento, Nicolelis e sua equipe apresentaram pela primeira vez o registro total de uma via neural sensorial — termo que designa a atividade cerebral relacionada à sensação, neste caso, do tato. Ao contrário do que se pensava, os neurônios dessa via não estavam alocados numa única estrutura, mas distribuídos por todo o cérebro.

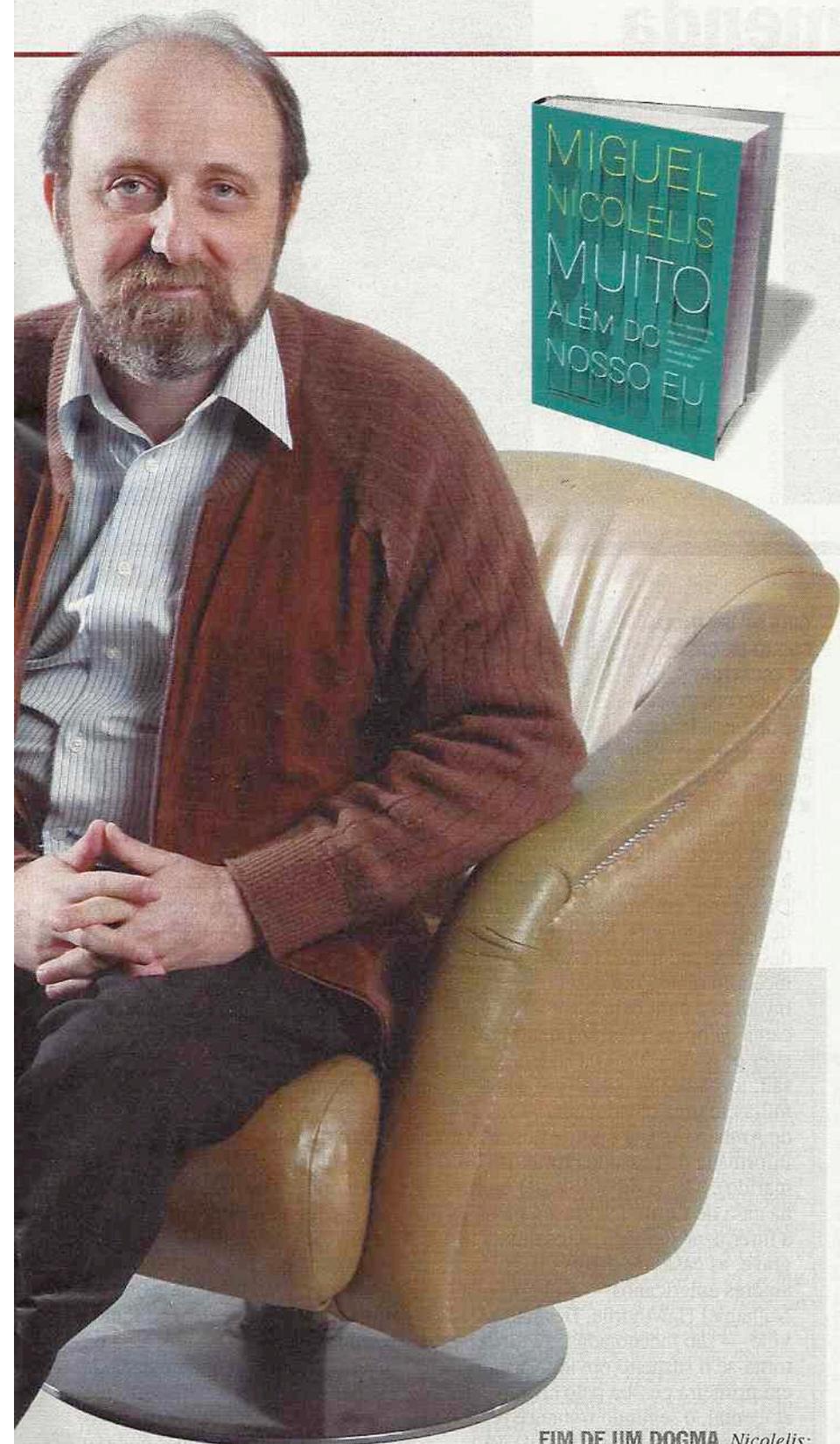
Foi o começo do fim de dois dogmas: o de que o cérebro é compartimentado e o de que ele é estático, imutável, e só se reconfigura quando é preciso compensar uma lesão. O trabalho, pri-

O CÉREBRO INIMITÁVEL

“A consciência baseada em silício, se ela algum dia surgir, certamente se manifestará de formas muito distintas daquelas exibidas pela versão humana. (...) Nossa peculiar história evolutiva não pode ser comprimida em nenhum algoritmo computacional, um fato que elimina qualquer esperança de que máquinas, simulações computacionais ou formas artificiais de vida poderiam ser sujeitas a uma lista idêntica de pressões evolutivas, geradas por qualquer código de computador ou outra máquina criada pelo homem. (...) Por carregar o legado de sua própria história impresso dentro de seus circuitos, o cérebro recebeu como recompensa a imunidade mais poderosa contra possíveis tentativas de copiar seus mais íntimos segredos e arte.”

Trecho de *Muito Além do Nosso Eu*, de Miguel Nicolelis





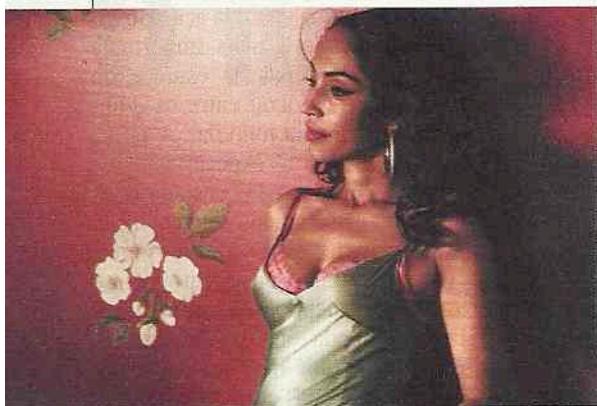
MIGUEL
NICOLELIS
MUITO
ALÉM DO
NOSSO EU

meio a provar inequivocamente que todo o órgão participa de cada ação do indivíduo, é até hoje o mais importante entre as duas centenas de estudos do pesquisador e o colocou entre os grandes nomes da ciência mundial. A fama, porém, só veio com os experimentos de implante de chips em cérebros de macacos. A técnica, que consiste na captação e digitalização dos sinais elétricos emitidos pelos neurônios, possibilitou, entre outros feitos tremendos, que uma macaca Rhesus situada em um laboratório nos Estados Unidos movimentasse um robô no Japão apenas com o pensamento. Listada pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) como uma das dez tecnologias capazes de mudar o mundo, a interface cérebro-máquina poderá, em breve, permitir a um tetraplégico andar enviando seus comandos cerebrais a um exoesqueleto — uma espécie de traje robótico. Nicolelis garante que isso acontecerá em 2014, na abertura da Copa do Mundo. Há quem duvide, já que várias vezes se anunciou que a empreitada estava prestes a acontecer. Simples, porém, ela não é.

Recentemente, a partir de um inovador método cirúrgico para o tratamento da doença de Parkinson, pelo qual recebeu um prêmio dos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos, Nicolelis provou que sua teoria sobre o cérebro não é um devaneio. Pelo contrário, tem aplicações práticas. A técnica cirúrgica atual consiste no implante de um chip nos gânglios da base, área do cérebro estimulada em pacientes portadores de Parkinson. Os sinais elétricos emitidos pelo chip regulam a atividade dos neurônios da região, atenuando os sintomas da doença. Na versão de Nicolelis, um chip é implantado na medula espinhal do doente. Os sinais elétricos não são direcionados a uma região específica, mas a todo o cérebro. “Em testes com ratos, conseguimos um efeito superior ao da terapia tradicional. É mais uma prova de que as funções cerebrais e as doenças não estão restritas a um único local. Isso vai revolucionar a medicina”, profetiza Nicolelis. Se a técnica se provará ou não revolucionária, só o tempo dirá. Mas é certo que seu conceito, ao menos, corresponde a mais um mergulho profundo e desafiador de um cientista sempre em busca de se superar. ■

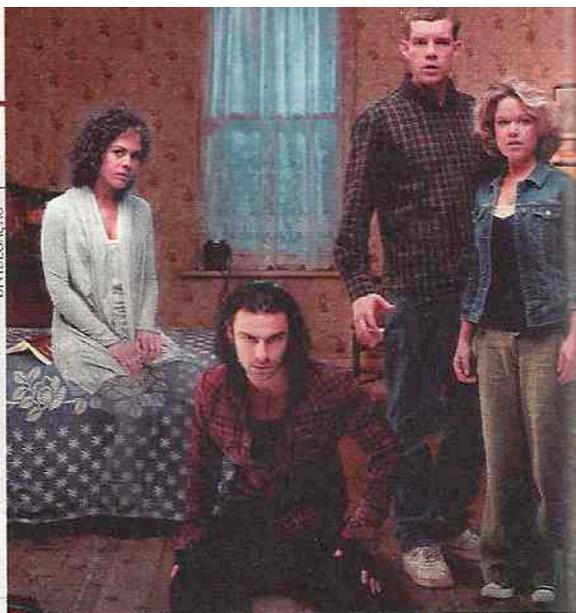
FIM DE UM DOGMA *Nicolelis: ao mapear de forma pioneira uma centena de neurônios ao mesmo tempo, ele provou que as funções cerebrais não estão restritas a regiões específicas*

LAILSON SANTOS



DISCO *Sade: voz sexy e um exigente controle de qualidade*

TELEVISÃO *Ser Humano: personagens que precisam domar suas naturezas monstruosas*



LIVROS

A MULHER TRÊMULA OU UMA HISTÓRIA DOS MEUS NERVOS, DE SIRI HUSTVEDT (TRADUÇÃO DE CELSO NOGUEIRA; COMPANHIA DAS LETRAS; 208 PÁGINAS; 42 REAIS)

■ Escritora consagrada e autora de ótimos romances como *O que Eu Amava*, a americana Siri Hustvedt, de 56 anos, faz neste livro uma corajosa imersão em um problema pessoal: seus distúrbios neurológicos e psiquiátricos. Siri estava proferindo um discurso em homenagem ao pai, morto dois anos antes, quando seu corpo foi tomado por tremores incontroláveis. O problema repetiu-se em outras ocasiões, acrescido de sintomas estranhos: enxaquecas debilitantes e alucinações visuais. Depois de relutar algum tempo em procurar auxílio médico, ela afinal conseguiu controlar seus sintomas (parcialmente, ao menos) com psicofármacos — mas sem ter um diagnóstico definitivo do mal que a aflige. Ao lado da narrativa pessoal do sofrimento da autora, *A Mulher Trêmula* também revisa as teorias mais consagradas sobre os males da mente, da psicanálise de Freud à moderna neurociência. É uma reflexão instigante sobre os limites entre mente e corpo — e sobre como nossa própria identidade pode ser definida por estranhos caprichos neuroquímicos.

GUIA DE UM INCENDIÁRIO DE CASAS DE ESCRITORES, DE BROCK CLARKE (TRADUÇÃO DE ANDRÉ PEREIRA DA COSTA; ROCCO; 320 PÁGINAS; 39,50 REAIS)

■ Aos 18 anos, Sam Pulsifer pôs fogo por acidente à casa onde morou a poeta Emily Dickinson, em Amherst, no estado de Massachusetts. Não bastasse ter destruído um marco histórico, o incêndio matou um casal que havia invadido a casa para fazer amor na cama da poeta. O atrapalhado Pulsifer passa dez anos na cadeia. Ao sair, torna-se um pacato pai de família em uma cidadezinha próxima de Amherst (e sua mulher nunca é informada do passado criminoso do marido). Mas o filho do casal morto na casa de Emily Dickinson passa a infernizar sua vida. Ainda mais grave, as casas de outros clássicos autores americanos — Robert Frost, Nathaniel Hawthorne, Herman Melville — são incendiadas, e Pulsifer torna-se o suspeito óbvio. Narrado em primeira pessoa pelo criminoso accidental, o segundo romance (e primeiro publicado no Brasil) do americano Brock Clarke situa-se em um interessante cruzamento de múltiplos gêneros, como o policial, a sátira e até a crítica literária — exercida com ferocidade, por que não dizer, incendiária.



TELEVISÃO

SER HUMANO — A TERCEIRA TEMPORADA (*BEING HUMAN*, INGLATERRA, 2011. SEXTAS-FEIRAS, ÀS 17H, NO MULTISHOW)

■ A cada lua cheia, George (Russell Tovey) repete um ritual ridículo: embrenhado em um parque na cidade inglesa de Bristol, ele anda em círculos arrastando uma galinha morta com uma corda. George é um jovem lobisomem que tem horror à sua condição — e o objetivo do ritual é fazer com que sua contraparte monstruosa não saia daquele território (e, assim, não cause estrago). Misto de drama e fantasia, a série da inglesa BBC retrata a convivência de criaturas sobrenaturais em uma espécie de república. A fantasma Annie (Lenora Crichlow), o vampiro Mitchell (Aidan Turner), além de George e sua namorada também metade humana, metade loba, procuram tocar a vida como se fossem seres humanos normais, em um contexto no qual seus semelhantes travam uma guerra para dominar o mundo. A premissa tem algo de juvenil, mas o tratamento dado a ela não é nada tolinho: a série (que recentemente ganhou uma versão americana) explora temas como o sentimento de inadequação e a necessidade de domar a própria natureza. No início da terceira temporada, o vampiro Mitchell tenta salvar a colega fantasma, despachada para o Purgatório por um exorcista.





DIVULGAÇÃO

DISCO

Copacabana Club: inglês desleixado e animação sem trégua

DISCOS

TROPICAL SPLASH,
COPACABANA CLUB (ST2)

■ Surgido em 2007, o Copacabana Club é, apesar do nome, natural de Curitiba. Projeto do guitarrista

e vocalista Alessandro Oliveira, o quinteto tem como pontos fortes os vocais desleixados — e muito sensuais — de Caca V, as boas linhas de baixo criadas por T. Douglas e um estilo que ora emula as sonoridades dos anos 80, ora traz influências do electro. *Tropical Splash* é a grande estreia do Copacabana Club em disco (descontado o EP *King of the Night*, de 2008). A produção é de Dudu Marote, notório colaborador de Skank e Jota Quest. Ele aprimorou as qualidades da banda, em especial sua animação sem trégua — vide a sequência *Sex Sex Sex, Pas Toujours* e *It's Us*, que pode ser tocada sem interrupções numa festa. Cantado em um inglês nem sempre muito correto, este não é um disco que vá mudar o panorama do pop — mas certamente vai deixá-lo um pouco mais alegre e dançante.

THE ULTIMATE COLLECTION, SADE (SONY)

■ Uma das vozes mais sensuais do pop contemporâneo, a nigeriana Sade Adu é uma artista criteriosa, que grava pouco. Oito anos separam *Love Deluxe* (1992) de *Lovers Rock* (2000), e ela demorou uma década para lançar o sucessor deste, *Soldier of Love* (2010). Tanto cuidado rendeu seis ótimos discos, que podem ser ouvidos sem que se pule uma só faixa e que resistiram ao teste do tempo — ao contrário de muitos artistas lançados nos anos 80. O nível de exigência foi mantido na antologia *Ultimate Collection*. Sucessos como *The Sweetest Taboo* e *Smooth Operator* estão presentes (os únicos singles conhecidos da cantora que ficaram de fora são *When I'm Going to Make a Living* e *Turn My Back on You*). Sade apresenta também três composições inéditas e uma bela releitura de *Still in Love with You*, do grupo irlandês de hard rock Thin Lizzy. Ela só poderia ter sido mais cuidadosa na hora de recrutar um rapper:

Jay-Z consegue a façanha de estragar *The Moon and the Sky*.



FICÇÃO

- 1 **A Guerra dos Tronos**
George R. R. Martin [3 | 6] LEYA BRASIL
- 2 **Um Amor para Recordar**
Nicholas Sparks [4 | 3] NOVO CONCEITO
- 3 **O Herói Perdido**
Rick Riordan [1 | 2] INTRÍNSECA
- 4 **Água para Elefantes**
Sara Gruen [2 | 11] SEXTANTE
- 5 **A Fúria dos Reis**
George R. R. Martin [7 | 9#] LEYA BRASIL
- 6 **A Cabana**
William Young [5 | 140] SEXTANTE
- 7 **Um Dia**
David Nicholls [0 | 1] INTRÍNSECA
- 8 **Querido John**
Nicholas Sparks [6 | 57] NOVO CONCEITO
- 9 **Liberdade**
Jonathan Franzen [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS
- 10 **O Pequeno Príncipe**
Antoine de Saint-Exupéry [8 | 40#] AGIR

NÃO FICÇÃO

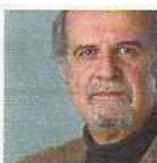
- 1 **Saga Brasileira**
Miriam Leitão [2 | 3] RECORD
- 2 **Histórias Íntimas**
Mary Del Priore [5 | 9] PLANETA
- 3 **Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil**
Leandro Narloch [1 | 72#] LEYA BRASIL
- 4 **1822**
Laurentino Gomes [4 | 38] NOVA FRONTEIRA
- 5 **1808**
Laurentino Gomes [3 | 156#] PLANETA
- 6 **Comer, Rezar, Amar**
Elizabeth Gilbert [6 | 162#] OBJETIVA
- 7 **50 Anos a Mil**
Lobão e Claudio Tognolli [9 | 22#] NOVA FRONTEIRA
- 8 **Mentes Perigosas**
Ana Beatriz Barbosa Silva [7 | 114#] FONTANAR
- 9 **Alex no País dos Números**
Alex Bellas [0 | 2#] COMPANHIA DAS LETRAS
- 10 **Cleópatra – Uma Biografia**
Stacy Schiff [10 | 7#] ZAHAR

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

- 1 **Ágape**
Padre Marcelo Rossi [1 | 41] GLOBO
- 2 **Mulheres Inteligentes, Relações Saudáveis**
Augusto Cury [2 | 5] ACADEMIA DE INTELIGÊNCIA
- 3 **Deixe os Homens aos Seus Pés**
Marie Forleo [3 | 12#] UNIVERSO DOS LIVROS
- 4 **Por que os Homens Amam as Mulheres Poderosas?**
Sherry Argov [4 | 93#] SEXTANTE
- 5 **O Monge e o Executivo**
James Hunter [5 | 325#] SEXTANTE
- 6 **Os Segredos da Mente Milionária**
T. Harv Eker [6 | 151#] SEXTANTE
- 7 **Meu Jeito de Dizer Que Te Amo**
Anderson Cavalcante [0 | 6#] GENTE
- 8 **Obrigado por Existir**
Bradley Trevor Greive [0 | 3#] SEXTANTE
- 9 **Casais Inteligentes Enriquecem Juntos**
Gustavo Cerbasi [9 | 180#] GENTE
- 10 **Quem Pensa Enriquece**
Napoleon Hill [10 | 34#] FUNDAMENTO

[A] [B#] — [1] posição do livro na semana anterior; [B] há quantos dias o livro aparece na lista; [7#] semanas não consecutivas

Ficção: *A Guerra dos Tronos*: George R. R. Martin; *Um Amor para Recordar*: Nicholas Sparks; *O Herói Perdido*: Rick Riordan; *Água para Elefantes*: Sara Gruen; *A Fúria dos Reis*: George R. R. Martin; *A Cabana*: William Young; *Um Dia*: David Nicholls; *Querido John*: Nicholas Sparks; *Liberdade*: Jonathan Franzen; *O Pequeno Príncipe*: Antoine de Saint-Exupéry. Não ficção: *Saga Brasileira*: Miriam Leitão; *Histórias Íntimas*: Mary Del Priore; *Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil*: Leandro Narloch; *1822*: Laurentino Gomes; *1808*: Laurentino Gomes; *Comer, Rezar, Amar*: Elizabeth Gilbert; *50 Anos a Mil*: Lobão e Claudio Tognolli; *Mentes Perigosas*: Ana Beatriz Barbosa Silva; *Alex no País dos Números*: Alex Bellas; *Cleópatra – Uma Biografia*: Stacy Schiff. Autoajuda e esoterismo: *Ágape*: Padre Marcelo Rossi; *Mulheres Inteligentes, Relações Saudáveis*: Augusto Cury; *Deixe os Homens aos Seus Pés*: Marie Forleo; *Por que os Homens Amam as Mulheres Poderosas?*: Sherry Argov; *O Monge e o Executivo*: James Hunter; *Os Segredos da Mente Milionária*: T. Harv Eker; *Meu Jeito de Dizer Que Te Amo*: Anderson Cavalcante; *Obrigado por Existir*: Bradley Trevor Greive; *Casais Inteligentes Enriquecem Juntos*: Gustavo Cerbasi; *Quem Pensa Enriquece*: Napoleon Hill.

**Roberto**

Pompeu de Toledo

Sorria. A senhora está sendo filmada

Está faltando alegria na vida da presidente Dilma. Está faltando sorriso. Não se pode exigir alegria, claro, de quem passou por uma crise como a das últimas três semanas. Mas a questão não é de hoje. Desde o início do mandato temos uma presidente reclusa e calada. A princípio foi um alívio. O antecessor expunha-se e falava além da conta. Com o tempo, a reclusão e o silêncio se acentuaram. Em parte, sem dúvida, a questão é de temperamento. Em outra parte, pode expressar o natural trem de vida de alguém que, descasada há muito tempo, se habituou à solidão, e talvez mesmo encontre prazer nela. Até aí, ninguém tem nada com isso. O caso se politiza, e passa a ter interesse público, se a esses fatores somar-se um certo desgosto por ocupar o posto que ocupa. O cenho fechado, a expressão preocupada, em suas raras aparições, fazem suspeitar que Dilma não esteja feliz na Presidência.

Dilma pode não se sentir plenamente na pele de presidente porque outros disputam a mesma pele. Um dos que o fazem já se sabe quem é. O antecessor. O outro é mais inesperado

Pode ser falta de costume da nossa parte. Os dois últimos ocupantes do cargo mostravam-se felizes, até escandalosamente felizes, na pele de presidente. A exuberância do presidente Lula na fruição da condição em que estava constituído está fresca na memória. O presidente Fernando Henrique Cardoso também gostava, e como gostava, da condição presidencial, embora o expressasse de modo mais sóbrio. Os dois tinham em comum o fato de terem cobiçado o cargo por décadas, e o terem atingido pelos próprios méritos, reunidos seus perfis e suas bagagens a certas circunstâncias favoráveis. Dilma, como se sabe, trilhou caminho diverso. Só começou a imaginar-se presidente pouco mais de dois anos antes de a imaginação tornar-se realidade. E só se imaginou como tal depois de ter sido imaginada por outrem. Eis um fator que talvez constranja, e não permita o pleno desfrute da posição em que se encontra.

Há outro, e mais inquietante, problema. Dilma pode não se sentir plenamente na pele de presi-

dente porque outros disputam a mesma pele. Um dos que o fazem já se sabe quem é. O antecessor. Na crise do ministro Palocci, ele operou tanto às claras quanto às escondidas, como se ainda lhe coubesse fazê-lo, ou como se faltasse à sucessora capacidade para tal. Esse estorvo já se sabia desde sempre que esperava Dilma na primeira esquina. O outro candidato a aconchegar-se à pele presidencial é mais inesperado. Abrem-se as cortinas, e entra em cena Sua Excelência Reverendíssima o vice-presidente Michel Temer. Para surpresa geral, o PMDB, notório pela desunião, conheceu o milagre da união, tão logo raiou a era Dilma. Hoje essa união se expressa e toma corpo na figura do vice.

Michel Temer apresenta-se cada vez mais des... Não, “desenvolto” não seria a palavra. Não combina com sua expressão corporal. Temer é homem de gestos pausados e passos medidos. As mãos ora se esfregam uma à outra, ora se cruzam, ora marcam encontro, as pontas dos dedos de uma nas pontas dos dedos da outra. O ritmo é estudado. Cada pequeno movimento se reveste de eclesiástica solenidade — daí o tratamento de “Sua Excelência Reverendíssima” que fez por merecer no parágrafo anterior. Se desenvolto não é a palavra, seria... com perdão da verdadeira ocupante do cargo... “presidencial”. Presidencialmente, Temer retine no Palácio do Jaburu a corte de homens de cabelos pintados ou transplantados em que consiste a fina flor do PMDB. Presidencialmente, vai ao encontro da presidente Dilma como quem vai a uma conferência de cúpula, potência contra potência. Ao contrário de mansos aliados, como foram os vices José Alencar, para Lula, e Marco Maciel, para FHC, Sua Excelência Reverendíssima lidera uma facção rival.

Semelhante situação decorre de um desentendimento grave, que queiram os céus não venha a se revelar fatal, quanto à natureza da coligação entre PT e PMDB. O PT entende que ao PMDB devem caber alguns ministérios em troca de votar com o governo no Congresso. Já o PMDB se pretende sócio do poder, ao mesmo título que o PT. Nesse atrito, Dilma é criticada pelas virtudes — como a de resistir à ganância por cargos e verbas — e engabelada por eufemismos como “articulação política”, apelido do balcão de negócios em que se desferirão as facadas. Haja estômago para digerir tal gororoba. Para o da presidente, visivelmente, está difícil. Nunca é bom ter alguém infeliz, não importa em que cargo. Pior se for na Presidência. Disfarce, presidente. Sorria. As condições são adversas, mas, se acharem que a senhora está satisfeita, muito à vontade e dona de si, avançarão com mais cuidado.